

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARA APARECIDA FREITAS BARBOSA

**DOCTRINA E PRÁTICA SOCIAIS CONFORME RELATÓRIOS EPISCOPAIS NA
SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA - 1990 A 2011**

São Leopoldo

Agosto de 2013

MARA APARECIDA FREITAS BARBOSA

DOUTRINA E PRÁTICA SOCIAIS CONFORME RELATÓRIOS EPISCOPAIS NA
SEGUNDA REGIÃO ECLESIAÍSTICA DA IGREJA METODISTA - 1990 A 2011

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Cuidado e Práticas
Sociais

Orientador: Prof. Dr. Rudolf von Sinner

São Leopoldo
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B238d Barbosa, Mara Aparecida Freitas
Doutrina e prática sociais conforme relatórios
episcopais na segunda região eclesiástica da Igreja
Metodista – 1990 a 2011 / Mara Aparecida Freitas
Barbosa ; orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo
: EST/PPG, 2013.
90 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Igreja e problemas sociais – Igreja metodista. 2.
Igreja metodista – Missões. 3. Igreja metodista – Brasil.
I. Sinner, Rudolf Eduard von. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARA APARECIDA FREITAS BARBOSA

DOCTRINA E PRÁTICA SOCIAIS CONFORME RELATÓRIOS EPISCOPAIS NA
SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA - 1990 A 2011

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Cuidado e Práticas
Sociais

Data:

Rudolf von Sinner - Doutor em Teologia pela Universidade de Basileia – EST

Roberto Ervino Zwetsch – Doutor em Teologia – EST

*A meu filho Rafael
A minha filha Máira,
com meu amor!*

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é um dos mais significativos nas relações humanas. Quando falha, causa tristeza e até frustração. O momento que estou vivendo me traz à memória que nunca estive sozinha nesta empreitada.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, presença constante em minha vida e nas decisões que tenho precisado tomar. A Ele seja toda honra e toda a glória.

Existem amigos e amigas que são imprescindíveis na minha vida. Temo citar algum nome e esquecer outro. Por isso, agradeço, de coração, a todas aquelas pessoas amigas, que sempre me incentivaram a ir em frente com os estudos, em especial com este Mestrado. Vocês sabem que é em vocês que estou pensando agora. Carinho especial a colegas pastoras, a amigas com histórias de vida semelhantes, tendo em comum a preocupação pela Justiça como fruto do Reino, e pela Paz, como fruto desta Justiça.

Existem pessoas, principalmente mulheres que, de lugares distantes, contribuíram financeiramente para que pudesse chegar até este momento. Muito obrigada e que Deus a todos e todas abençoe.

A família é, para mim, grupo social insubstituível. O carinho, o apoio e as orações de vocês, minhas tias e tio, foram e são muito importantes.

Para quem já partiu, minha gratidão. Obrigada, mãe Antonia e pai Waldomiro. O exemplo de luta e perseverança para que suas filhas tivessem estudo, foi sempre o dínamo do motor de minha vida para que fosse adiante, sempre descobrindo novos desafios. O testemunho de amor a Deus, de serviço ao próximo e de vida íntegra foi muito importante e nunca esquecerei. Obrigada, pai e mãe, porque, mesmo o tempo passando tão intensamente, nada impediu que eu seguisse em frente.

Na minha família há duas pessoas que sempre, mas sempre mesmo, foram e são meus críticos e incentivadores, me ajudando a vencer todos os obstáculos que as circunstâncias foram colocando na minha vida. **Rafael e Maíra**, se não fosse o amor de vocês por mim, talvez o rumo fosse outro. Por isso, muito obrigada por me amarem tanto assim! Saibam que sempre agradeço a Deus por ter me feito ser sua mãe. Que Ele os abençoe para continuarem também a não se conformarem diante do mal e da injustiça!

Por fim, quero agradecer a EST – Escola Superior de Teologia que me proporcionou atualização e aprofundamento em temas e disciplinas que me cativam e me permitem sonhar com a plenitude do Reino.

Aos meus orientadores: inicialmente o Professor Dr. Wilhelm Wachholz, de cuja sabedoria muito usufruí em sala de aula e na orientação; num segundo momento, após meu retorno, o Professor Dr. Rudolf von Sinner que, pacientemente, me renovou a segurança de que poderia seguir até o fim. Obrigada, Professor, por valorizar minhas ideias, me orientar e me proporcionar a confiança necessária.

A todas e todos, minha gratidão!

RESUMO

A presente dissertação de mestrado profissional trata da seguinte temática: a doutrina social na Igreja Metodista brasileira a partir da Segunda Região Eclesiástica. O tema de pesquisa foi circunscrito dentro de um recorte bibliográfico e histórico sobre os relatórios episcopais aos Concílios da Segunda Região Eclesiástica, no período de 1990 a 2011. Procurou-se analisar estes documentos à luz da teologia metodista de John Wesley, que acentua que o Evangelho não se comunica somente através de palavras - escritos, sermões e estudos. A palavra (escrita ou falada) deve ser acompanhada por ações (agir). Aliar palavra com ação é o desafio que está diante do povo metodista. Tendo em vista os pressupostos teóricos da doutrina social no metodismo, procurou-se intentar algumas conclusões, dentre as quais destacamos: o surgimento de manifestações de inconformidade com a acomodação da Igreja e com a incoerência de lideranças em relação aos ensinamentos de Wesley no período da ditadura militar (1964-1985). Este movimento conduziu à formulação de documentos de orientação à Igreja como o Credo Social, os Planos Quadrienais e o Plano para a Vida e a Missão da Igreja. A partir dos anos 1990 é visível um gradativo descuido por este aspecto essencial do metodismo que é o compromisso com o social. A posição dos bispos se manifesta tanto na parte teórica de seus relatórios quanto nas ênfases de ações missionárias que não revelam incluir o compromisso com as questões sociais. Por fim, e não menos importante, apontamos para o desafio de recuperar a teologia metodista que alia ação evangelística com ação social, além da vivência prática e comunitária do lema que orienta o metodismo brasileiro: Igreja – comunidade missionária a serviço do povo.

Palavras-chave: Doutrina Social, Metodismo, Missão da Igreja.

ABSTRACT

This professional Master's dissertation deals with the following theme: the social doctrine in the Brazilian Methodist Church based in the Second Ecclesiastical Region. The research theme was confined within a bibliographic and historical cropping of the episcopal reports to the Councils of the Second Ecclesiastical Region, in the period of 1990 to 2011. An attempt was made to analyze these documents in the light of the Methodist theology of John Wesley, which focuses on the fact that the Gospel does not communicate itself only through words – writings, sermons and studies. The word (written and spoken) must be accompanied by actions (to act). To ally word with action is the challenge before the Methodist people. Keeping the theoretical presuppositions of the social doctrine in Methodism in mind, one tried to offer some conclusions, within which we highlight: the emerging of manifestations of inconformity with the church's accommodation and with the incoherence of the leaders with regard to the teachings of Wesley during the period of the military dictatorship (1964-1985). This movement led to the formulation of orientation documents for the church such as the Social Creed, the Quadrennial Plans and the Plan for the Life and the Mission of the Church. As of the 1990's one is able to see the gradual neglect of this essential aspect of Methodism which is the commitment to the social. The bishops' position is manifested in the theoretical part of their reports as well as in the emphases on missionary actions which do not reveal the inclusion of the commitment to the social issues. In the end, but not the least, we point out the challenge of recovering the Methodist theology which allies evangelistic action with social action, besides the practical and congregational experience of the theme which orients Brazilian Methodism: Church – missionary congregation at the service of the people.

Keywords: Social Doctrine, Methodism, Church Mission.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA METODISTA À LUZ DA HISTÓRIA DO METODISMO WESLEYANO E DOS RELATÓRIOS EPISCOPAIS A CONCÍLIOS REGIONAIS	13
1.1 O cristianismo social em Wesley até o século XIX: o Evangelho Social e o equilíbrio entre fé e prática	14
1.2 O cristianismo social no metodismo dos séculos XIX e XX e sua influência na Igreja Metodista nos Estados Unidos da América e no Brasil.....	19
1.2.1 <i>Nos Estados Unidos da América</i>	22
1.2.2 <i>No Brasil</i>	24
2 DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA METODISTA NO BRASIL: COMPROMISSO DA SEGUNDA REGIÃO A PARTIR DOS RELATÓRIOS EPISCOPAIS AOS CONCÍLIOS REGIONAIS DE 1990 A 2011	29
2.1 Relatório do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço ao XXIX Concílio Regional	34
2.2 Relatório dos presbíteros presidentes da Região ao XXX Concílio Regional	40
2.3 Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXI Concílio Regional.....	42
2.4 Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXII Concílio Regional.....	44
2.5 Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXIII Concílio Regional	46
2.6 Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXIV Concílio Regional	49
2.7 Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXV Concílio Regional	50
2.8 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVI Concílio Regional	51
2.9 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVII Concílio Regional	55
2.10 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVIII Concílio Regional....	57
2.11 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXIX Concílio Regional	61
2.12 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XL Concílio Regional	63
2.13 Avaliação do conjunto dos relatórios	65
3 PROPOSTAS À IGREJA METODISTA NA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA PARA RE-ASSUMIR COMPROMISSO MISSIONÁRIO EVANGELIZADOR E SOCIAL COM A RADICALIDADE DO EVANGELHO DO REINO DE DEUS	67
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS.....	90

INTRODUÇÃO

Uma visão da Doutrina Social da Igreja Metodista expressa no Credo Social¹ e sua prática na Segunda Região Eclesiástica² é o tema escolhido para esta Dissertação de Mestrado.

Para saber o alcance desta prática, a opção foi utilizar o método de pesquisa documental nos relatórios episcopais apresentados aos concílios regionais que ocorrem a cada dois anos.³ Procurei delimitar esta pesquisa a relatórios episcopais no período entre 1990 e 2011, não por razões aleatórias. O propósito foi iniciar o exame com o relatório apresentado pelo Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço ao último concílio ordinário sob sua presidência, interrompida pelo acidente que lhe tirou abruptamente a vida em março de 1991.⁴ Esta escolha foi proposital pelo enfoque diferenciado do episcopado do Bispo Isac. Seu ministério todo sempre foi na direção de uma evangelização comprometida com a mensagem de amor, justiça e paz do Reino de Deus, que exige envolvimento com o sofrimento humano e toda a criação, quer transformando vidas como também influenciando junto a poderes constituídos, na busca de solução aos problemas das pessoas mais sofridas. A seguir, o exame do tema se baseou nos relatórios dos demais bispos até o apresentado pelo Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao concílio de 2011. Para isto ocorrer, foi preciso efetuar uma pesquisa detalhada e minuciosa em documentos denominados Registros, Atas e Documentos de concílios regionais do período acima mencionado.

O referencial teórico para este exame foi precisamente o Credo Social da Igreja Metodista e uma significativa literatura a respeito da história do metodismo, abordando principalmente aspectos teológicos, mas também, litúrgicos e sociológicos. No primeiro capítulo, uma atenção especial é dada ao conceito de “missão”, conforme apresentado na

¹ IGREJA METODISTA. *Cânones da Igreja Metodista 2012-2016*. São Paulo: Igreja Metodista, 2012. Disponível em: <http://www.metodista.org.br/documentos_oficiais>. Acesso em: 12 set. 2012. No parágrafo 2º do art. 4º consta: “A doutrina social da Igreja Metodista se expressa no Credo Social.” Na Parte Geral, Elementos Básicos da Igreja Metodista, art. 1º, lê-se: “A Igreja Metodista, pelos seus vários Concílios Gerais, reconhece ou aprova os seguintes elementos básicos para a sua caracterização, vida e missão: [...] 3. Credo Social [...] 5. Plano para a Vida e a Missão da Igreja. [...]”.

² IGREJA METODISTA, 2012, p. 174. Cap V, art. 6º: “O território ocupado pela Igreja Metodista, no Brasil, divide-se em Regiões e Campos Missionários, estabelecidos pelo Concílio Geral, e subdivididos em Distritos e igrejas locais estabelecidos pelos Concílios Regionais.”

³ IGREJA METODISTA, 2012, p. 268. Art. 86, Subseção III, Seção I, Cap. III, Título III, Parte Especial, sobre reuniões e convocação episcopal para Concílio Regional.

⁴ GARIN, Norberto da Cunha. *O pensamento teológico de Isac Alberto Rodrigues Aço na perspectiva de Reino de Deus e missão: uma contribuição para a reflexão teológica e a prática pastoral da Igreja Metodista*. Tese (Doutorado em teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007. p. 9.

Constituição da Igreja Metodista⁵ e minuciosamente desmembrado em documentos ainda em vigor na Igreja, principalmente o Plano para a Vida e a Missão da Igreja (sigla:PVMI)⁶, além de uma série de cartas pastorais, documentos estes de responsabilidade do Colégio Episcopal Metodista.⁷

Por outro lado, a prática social da Igreja é observada e dela se pode ter conhecimento através de vários momentos da vida eclesial. No segundo capítulo, será apresentado um levantamento documental junto aos relatórios episcopais apresentados nos concílios regionais. É um dos deveres imprescindíveis dos bispos a apresentação de relatórios aos concílios das regiões que presidem. Nestes relatórios precisam abordar a visão que possuem da vida e situação da Igreja, durante o biênio que estiver terminando. Pode-se dizer que o relatório episcopal deve ser uma “fotografia” da vida e do estado geral da Igreja regional sob sua presidência, responsabilidade e orientação, usando, o bispo ou bispa, seus próprios instrumentos de observação, podendo contar com suas assessorias.

Para esta dissertação, examinaram-se os relatórios do período acima indicado, naquilo que abordam a respeito da ação social da Igreja regional. Após examinados os relatórios, são comparados com bibliografia na perspectiva da ação social com evangelização.

Por fim, no terceiro capítulo, são apresentadas sugestões exequíveis pela Igreja. O principal objetivo é mostrar à Igreja na Segunda Região a possibilidade de conciliar evangelização com ação social e, assim, manter fidelidade ao evangelho e à Igreja. Esta aderência da prática social ao Credo Social como um documento oficial da Igreja é uma questão de compromisso com o conceito de “missão”⁸, tão fielmente bíblico e evangélico, reconhecido e aprovado pela Igreja. Esta, por sua vez, não pode escolher entre cumprir ou não cumprir o que é aprovado em concílios, estudado em ambientes como Escola Dominical, e planejado em ministérios como de Ação Social, Evangelização e instituições das áreas. Por questão de coerência e por obediência aos votos assumidos, cabe exatamente aos membros do

⁵ IGREJA METODISTA, 2012, p. 29-34.

⁶ PVMI- Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista é documento oficial da Igreja desde início dos anos 1980; ele surgiu para apontar, à Igreja, diretrizes de ação missionária ampla, em áreas como educação, comunicação, ação social, evangelização, patrimônio e outras. IGREJA METODISTA, 2012, p. 79-125. PVMI – Plano para a Vida e a Missão da Igreja.

⁷ IGREJA METODISTA, 2012, p. 437ss. Parte Especial, Título III, Cap. IV, Seção II, a partir do art. 117, principalmente art. 119, incisos I e III, sobre Colégio Episcopal – conceituação e competências.

⁸ IGREJA METODISTA, 2012, p. 30. Constituição da Igreja Metodista, Da Missão, art. 3º: “A missão da Igreja Metodista é participar da ação de Deus no seu propósito de salvar o mundo.” O parágrafo único explícita como isto ocorre.

Colégio Episcopal, que são presbíteros e presbíteras em função episcopal, o “cumprir e fazer cumprir” o juramento prestado quando de sua ordenação e consagração.⁹

No decorrer do exame dos relatórios e também em função de minha atividade pastoral, é possível constatar que, gradativamente, ocorre uma diminuição de ações realmente norteadas pela doutrina social. Se existem, parece não serem reconhecidas pelos bispos e, por isso, não são destacadas ou enfatizadas pelos relatórios. Por outro lado, em função de fatores não citados, por isso, não identificados, ocorre uma rápida diminuição do número de instituições sociais, sem que isto signifique ter havido diminuição dos problemas sociais.

É facilmente perceptível que a Igreja Metodista na região tem se afastado de uma de suas finalidades - o agir profético. Constatamos que está faltando o que havia no período de obscurantismo político: coragem e desprendimento para falar e agir contra todas as forças na sociedade contemporânea que ofendem e agridem a pessoa humana, principalmente a pobres e outros setores também discriminados: crianças, mulheres, idosos e idosas, negros e negras, estrangeiros e estrangeiras, para citar alguns. Está sendo publicado nos diversos meios de comunicação externos à Igreja, que ocorre, em setores da sociedade, um conformismo com a situação nacional, um tanto quanto falsificada, em que se ouvem afirmações sobre a diminuição do número de pessoas extremamente carentes, dando a impressão de que acreditam na diminuição ou fim dos problemas sociais e suas causas, no país. Na verdade, há que se reconhecer que os problemas sociais não são mais os mesmos de 20 anos atrás. São outros, com maior ou menor poder de destruição da criação, principalmente do ser humano.¹⁰ Portanto, a Missão da Igreja ainda deve ser a mesma e precisa ser cumprida. O mundo assim o exige.

Por outro lado, o que se observa é a intensa preocupação episcopal, expressa nos diversos relatórios examinados, com a necessidade de crescimento no número de membros. Para isso, muitos costumes e práticas questionáveis e alheias, opinião pessoal, à história metodista e cristã, até por não revelarem ter respaldo bíblico e teológico, estão invadindo nossos templos e modificando nossas prioridades e práticas eclesiais. Não se observa o cumprimento da ordem de ir e fazer discípulos e seguidores de Jesus (Mt. 28.19) como algo que possa também ocorrer, desde que a Igreja retorne a participar intensamente em

⁹ COLÉGIO EPISCOPAL. *Ritual da Igreja Metodista*. Ritos de Admissão ao Presbiterado: “Cumprirão e farão cumprir, onde quer que forem enviados/as, os Cânones da Igreja Metodista?” e de Consagração ao Episcopado, São Paulo: Cedro, 2001. p. 101- 103, à p. 102; p. 119-124, à p. 121.

¹⁰ Vejam-se publicações midiáticas, como ADITAL - Notícias da América Latina e Caribe (www.adital.com.br), que revela a cruza dos problemas envolvendo violência à mulher, aos indígenas, às crianças, aos diferentes, à natureza, entre tantos outros.

organizações amplas, ecumênicas, que somem forças na erradicação dos grandes problemas sociais.

Entendo que a Igreja Metodista na Segunda Região precisa e pode retomar sua caminhada de serviço ao próximo e fidelidade a Deus. Pode, juntamente com outras igrejas e instituições civis, ser uma voz profética da qual nosso país está carente, unindo evangelização (palavra de salvação) com ação social (anúncio profético e prática do Reino de Justiça e Paz).

1 A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA METODISTA À LUZ DA HISTÓRIA DO METODISMO WESLEYANO E DOS RELATÓRIOS EPISCOPAIS A CONCÍLIOS REGIONAIS

Toda reflexão que se faz a respeito de determinado assunto, precisa ter um embasamento histórico e cultural. Assim, para se chegar ao estudo da doutrina social da Igreja Metodista, imprescindível é buscar conhecer a razão ou as motivações que levaram ao surgimento do próprio Metodismo.

Inglaterra, século XVIII. Era um tempo de intensa ebulição e de manifestações de descontentamento em todas as sociedades constituídas, o que ocorria também nas denominações religiosas que definham juntamente com os demais grupos sociais. As religiões, as igrejas, em geral, mostravam-se impotentes e demonstravam apatia, esterilidade e incapacidade de influenciar no processo de mudança contra os problemas sociais e institucionais que degeneravam para uma crise moral.

Em meio aos que manifestavam sua inconformidade com esta paralisia da religião cristã, surgiram os irmãos John e Charles Wesley. Suas ênfases, expressas através de pregações e do próprio testemunho de fidelidade à sua fé cristã, eram de ordem espiritual como orações, jejuns, estudo sistemático das Sagradas Escrituras, mas também em seus bem intencionados auxílios aos doentes, presos e pobres. Tanto acreditavam no que pregavam que investiam seus bens pessoais no atendimento às necessidades materiais dos mais carentes, vítimas da degradação espiritual, política e social, que não lhes eram despercebidas.

O estudo a respeito do Metodismo conduz ao conhecimento das origens, mas deve impulsionar ao acompanhamento das reflexões, mensagens, projetos e ações havidos na história da Igreja. A chegada a tal propósito passa, necessariamente, pelas manifestações de lideranças metodistas nas instâncias decisórias mais significativas que são os concílios, em todos os níveis instituídos.

Neste capítulo, é isto que se pretende apresentar, não de forma definitiva, mas, mesmo que parcial, com a segurança de que se estará tornando públicos fatos e a sua relação com a História.

1.1 O cristianismo social em Wesley até o século XIX: o Evangelho Social e o equilíbrio entre fé e prática

O Metodismo não iniciou como uma nova igreja, com formato de uma nova instituição eclesiástica. Na Inglaterra do século XVIII, os primeiros participantes deste movimento almejavam a renovação da Igreja que já existia e da qual eram líderes e filhos de líderes. Os irmãos John e Charles Wesley, clérigos da Igreja Anglicana, filhos de Suzana e Samuel, ele também pastor anglicano, lideravam encontros e reuniões fora do ambiente institucional porque, de fato, pretendiam continuar ligados à Igreja de que eram partícipes. Charles, poeta-cantor, expressava, através dos hinos que compunha, a natureza do que esperava, como se pode ver na estrofe a seguir: “Não anelamos morar em túmulos, nem nas escuras celas monásticas, relegados por votos e barrotes. A todos, livremente, nos oferecemos, constringidos pelo amor de Jesus, a viver quais servos da humanidade”.¹¹

Em um de seus sermões, John Wesley faz uma declaração que não deixa dúvidas sobre sua preocupação com o rumo que a religião da sua época estava tomando, posicionando-se alienada e sem envolvimento ou preocupação com o sofrimento do povo ao seu redor. Ele afirma:

Primeiro, tratarei de demonstrar que o cristianismo é essencialmente uma religião social, e tratar de torná-lo uma religião solitária é, na verdade, destruí-lo....quando digo que esta é essencialmente uma religião social, quero dizer que não apenas não pode subsistir, mas de nenhuma maneira pode existir sem a sociedade, sem viver e misturar-se com os seres humanos. (Sermão 24 I.1).¹²

John Wesley tinha uma preocupação que o levou ao compromisso de viver o cristianismo com ênfase embasada no Evangelho de tal forma que merecia dele um envolvimento social vivo e atuante. Era o que hoje se denomina de Evangelho Social. Posteriormente a ele, surgiram defensores desta tese fazendo chegar até a Teologia do Evangelho Social, da qual é considerado criador e articulador, já no século XX, o teólogo Walter Rauschenbusch.¹³ Deste teólogo é o texto *Oração pela Cidade*.¹⁴

Para entender a razão de a Igreja Metodista ter colocado em sua doutrina uma quase consequência de compromisso da pessoa convertida com os problemas sociais vividos por muitos cidadãos, é preciso nos reportarmos à Inglaterra do tempo de John Wesley, século

¹¹ BARBIERI, Sante Uberto. *Aspectos do metodismo histórico*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1983.p. 3-8(Citação de poema escrito por Charles Wesley).

¹² WESLEY, John. *Sermões*. v. 1. Nicodemus Nunes Trad. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954. p. 3.

¹³ RAUSCHENBUSCH, Walter. *A theology for the Social Gospel*. New York: Abingdon Press, 1917.

¹⁴ Anexo 1.

XVIII. As descrições que Wesley faz a respeito de sua nação são muito severas. E razão existe para tanto, pois ele vive em um país extremamente impiedoso com sua população, onde a maioria estava condenada à miséria e ao sofrimento, frutos das injustiças das relações sociais, ao que Wesley era muito sensível.

Mesmo que pareça incoerência, a própria história do metodismo inglês, que revela um Wesley preocupado com os problemas sociais de seu tempo, também o apresenta como quem nunca fez oposição política ao império britânico e seu modelo econômico. Sua visão teológica o impedia de se posicionar contra a monarquia, porque acreditava que consistia em governo estabelecido pelo próprio Deus.

Portanto, Wesley em nenhum momento foi protagonista ou apoiador da derrubada da estrutura dominante e opressora na Inglaterra do século XVIII. Sua concepção teológica sobre a autoridade constituída não lhe permitia preocupar-se com a necessidade de mudança do sistema político e econômico, que pudesse se apresentar como solução para o término dos problemas sociais. Porém Wesley não deixa em momento algum de ser e estar atento e sensível à ausência de ações do Estado inglês junto à periferia e às populações sofridas e pobres.

O que motivava Wesley para este envolvimento era o seu amor ao próximo como fruto de uma legítima e comprometedora experiência com Deus. Também se ressalte que, para Wesley, a experiência com o Espírito de Deus se firma na convicção de que alcançar a santidade tem a ver com a compreensão que se adquire do modo de viver junto ao próximo, em especial o próximo pobre.

A sua experiência na Rua Aldersgate, em 24 de Maio de 1738, não retirou dele a vontade e a disposição de continuar procurando fazer de seu movimento um instrumento de libertação das pessoas de tudo o que as oprimia. Por isso, sua mensagem passava não apenas pela palavra sobre salvação como algo apenas espiritualizado, mas tinha de vir acompanhada por atos em favor de mudança da situação social dos desprovidos de recursos. E esta postura reforçou-se em Wesley após aquele dia 24 de Maio.¹⁵

Sua proposta era de praticar o bem em função das circunstâncias de penúria e sofrimento em que viviam os trabalhadores naquela época, o que se manifesta assim: preocupação pela educação e saúde do povo e luta contra a escravidão. A sua preocupação

¹⁵ WESLEY, John. *Trechos do Diário de João Wesley*. Paulo Eugene Buyers (trad.). São Paulo: Imprensa Metodista, 1965. p. 24.

com a precária saúde do povo o levou a valorizar e se utilizar de remédios feitos de plantas, uma vez que os remédios convencionais estavam distantes da possibilidade de aquisição pelos doentes que encontrava em suas andanças. Este fato lhe gerou perseguição e denúncias de que estaria prestando atendimento médico sem a devida capacitação para isto, como também estaria recomendando o uso de substâncias que causavam outros distúrbios na saúde das pessoas.¹⁶

Apesar de tudo isto, ou talvez por causa disto, seu método exegético seguia os padrões tradicionais da teologia, o que derruba qualquer convicção de que Wesley era dos pobres ou Wesley era dos ricos. No entanto, incorreremos em grave erro histórico se negarmos a importância do agir social de Wesley que motivou as transformações sociais ocorridas a partir daquele século. Sendo um comprometido missionário, foi reconhecido como “um dos mais poderosos evangelistas da história cristã, quer o meçamos pelo volume de seus trabalhos, quer pela rapidez do movimento, ou pela durabilidade dos efeitos”.¹⁷ A euforia deste autor se refere ao que um distinguido teólogo inglês, Dr. Newton Flew, escreve referindo-se ao trabalho wesleyano: “assemelha o aparecimento do Metodismo a um rio que nasce numa fonte misteriosa sob uma velha catedral. Um quarto de milha depois o rio cresceu tanto e é tão forte que faz funcionar um grande moinho”.¹⁸ “Ele tirou a Igreja da Inglaterra da sonolência e onde ela era mundana e corrupta ele a ergueu para novos padrões de espiritualidade.” E segue: “Onde a Igreja se havia tornado dura em seu dogmatismo, a nova ênfase de um evangelho suavizou o conceito mecânico e severo de Deus e suas relações para com o mundo”.¹⁹ O mesmo autor reconhece que “produziu uma nova filantropia que reformou nossas prisões, infundiu clemência e sabedoria às nossas leis penais, aboliu o tráfico escravo e deu o primeiro impulso à educação popular”.²⁰

A Inglaterra e a Europa viviam um tempo de grande desenvolvimento econômico. O século XVIII trouxe, junto com o crescimento, com a expansão colonial benéfica para a corte inglesa, o aumento gritante do contraste com as condições de vida da maioria da população. O

¹⁶ “Manual de Medicina Popular - Este manual surgiu pela primeira vez em 1747. Wesley tentou atender às necessidades do povo quanto a remédios e tratamentos. A qualidade desta obra, inúmeras vezes reeditada, não foi sempre aceita pelos médicos da época, porém Wesley defendeu o seu conteúdo como aprovado pela prática e mudou partes na base de novas evidências.” UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. Centro de Estudos Wesleyanos: sermões. Disponível em: <www.metodista.br/cew/acervo/john-wesley/>. Acesso em: 25 mai. 2013.

¹⁷ FRANCIS, Ensley G. *João Wesley: o evangelista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1960. p. 7.

¹⁸ FRANCIS, 1960, p. 8s.

¹⁹ FRANCIS, 1960, p. 9.

²⁰ FRANCIS, 1960, p. 10s.

século começou com os países Irlanda, Escócia e Inglaterra separados, mas o terminaram unidos. A colônia americana foi perdida, mas houve a conquista de Índia, Austrália e Canadá.

O reinado de George III foi de grandes conquistas econômicas, que não teve consequências benéficas na vida de trabalhadores rurais e urbanos. Com isto, o êxodo das regiões rurais para as cidades só fazia aumentar o número de desempregados e a intensidade do sofrimento da população. O emprego nas minas de carvão estava garantido, mas em péssimas condições de trabalho. Nada disso passou despercebido ao coração sensível de John Wesley. Tudo o que ele via e sentia passou a relatar em seus escritos. Inclusive Wesley entendia que as dificuldades, muitas vezes enfrentadas em suas viagens pelo país, refletiam a precariedade dos meios de transporte locais, consequência da falta de ações políticas que favorecessem também os pobres e necessitados, apesar de muitos serem trabalhadores, porém mal remunerados.

O professor Paul Eugene Buyers descreve as condições de vida do povo inglês nos tempos de John Wesley:

Havia a classe dos abastados e ricos que não se importavam com os operários e negociantes. Não se importavam com os pobres e ignorantes, não porque se julgassem melhores, mas porque eram indiferentes ao bem estar dos seus semelhantes. Portanto, havia gente perecendo diante dos seus olhos e eles não se importavam com isso. Não sentiam qualquer responsabilidade em promover a alegria dos seus semelhantes menos favorecidos. Estavam no caso do rico da parábola do rico e de Lázaro.

A respeito dos pobres, o número deles, na Inglaterra, naquela época, era enorme. Os mendicantes se encontravam em Londres, nas vilas e nas zonas rurais. O pequeno salário dos operários é uma explicação disso, mas havia outras razões também: falta de serviço, crises e indolência.

Em face de tanta pobreza, havia um espírito benévolo entre os abastados e da parte do governo [...] porém havia muita fraude na administração da caridade. E, fato notável, quanto maior verba se destinava ao socorro da pobreza, tanto mais pobres se apresentavam.²¹

O evidente na ação missionária de Wesley e seus seguidores, além da evangelização, e que ainda persiste no metodismo atual era a educação popular, como uma forma saudável de vida às crianças de famílias pobres da Inglaterra que não tinham acesso às escolas instituídas então. Também havia uma grande preocupação com a filantropia, a reforma social, a emancipação das pessoas de origem negra e a paz mundial.

²¹ Paul Eugene BUYERS *apud* LOCKMANN, Paulo Tarso Oliveira. Wesley e os Pobres. *Revista Caminhando*: 300 anos de Wesley, UMESP, ano VIII, n. 12, p. 46-54, 2 semestre de 2003. à p. 48s.

Wesley acreditava e vivenciava a experiência pessoal da redenção, que ocorria quando da consciência da salvação, a qual denominava, por diversas vezes, de “novo nascimento”. A doutrina fundamental na qual cria convictamente era a da salvação pela fé. Mesmo toda sua preocupação com as questões humanas não mudara esta sua convicção. Pelo contrário, para Wesley, a vida religiosa integral se completa em três formas: fé, obras e Igreja. A fé é dom de Deus, para que o ser humano perceba ser pecador e busque o arrependimento. Como produção da fé, surgem as boas obras. Para ele, não haverá salvação se, havendo necessidade e possibilidade de realizar boas obras, o indivíduo não as praticar. Assim como em Lutero, Wesley entendia que não há que se fazer opção entre fé e obras para a salvação.²² Para Wesley, se a fé é real, produz boas obras. Ele se utilizava de uma figura dizendo que a santidade é a árvore da qual a fé são as raízes e as boas obras, os frutos.

Em Wesley, nós encontramos uma atenção não unicamente às necessidades de atendimento pastoral nas pessoas das comunidades. Ele procurava entender e responder aos questionamentos que vinham das classes empobrecidas, das pessoas simples, do povo comum. Com isto, no trato com a população mais simples, ele abandona o conhecimento erudito que lhe era característico, para poder comunicar a mensagem de salvação a todas as pessoas, principalmente àquelas que estavam totalmente a descoberto da ação evangelizadora e missionária comprometida que deveria ser característica primeira da Igreja. Não lhe escapava a percepção de que estas pessoas eram as que mais desejavam uma palavra de ânimo e de esperança.

No prefácio à coleção dos seus sermões, Wesley declara, convictamente, o objetivo de suas palavras e ações:

Escrevo como geralmente falo, isto é, para o povo – *ad populum* – à massa humana, àqueles que nem apreciam, nem compreendem a arte de falar, mas que são, não obstante, competentes juízes das verdades necessárias à felicidade presente e futura. Ambiciono a verdade simples para o povo simples.²³

Por agir desta maneira, Wesley se distancia da forma de ação de teólogos e pensadores calvinistas, luteranos, católicos, bem como do dogmatismo de teólogos atuais. Entende-se que, ao assim posicionar-se, Wesley não condena e não rejeita os que dele discordam, mas o que se vê é que ele procura interpretar a vontade de Deus para o seu

²² LUTERO, Martin. *Da liberdade cristã*. 5. ed., Walter Altmann (trad.). São Leopoldo: Sinodal, 1998.

²³ WESLEY *apud* SOUZA, José Carlos de. Um Modo de Fazer Teologia Equilibrado, Dinâmico e Vital. In: REILY, Duncan Alexander et al. *Teologia em Perspectiva Wesleyana*. São Paulo: Editeo, 2005. p. 13-23, à p. 16. (Prefácio aos Sermões, § 1).

momento e seu lugar de ação. “O teólogo não pode isolar-se da comunidade cristã e declarar-se autônomo com relação aos documentos referenciais que lhe abrem acessos à compreensão da fé.”²⁴

Rui Josgrilberg, em seu texto intitulado *Estruturas Teológicas e Ênfases em John Wesley*, valoriza e confirma o que já fora dito pelos reformadores anteriores a ele, pelos pais da Igreja e pela Bíblia. Afirma que o cristianismo, portanto também o metodismo, “é uma estrada que não joga fora ou dispensa as condições naturais, históricas e sociais da vida humana, mas recupera e as redireciona”.²⁵

“Sem inverter os meios em fins, Wesley propõe um cristianismo vivo, prático, escriturístico, disciplinado, face à religião formal e vazia da Inglaterra, que excluía o povo. Esse cristianismo que devia prevalecer nas sociedades metodistas e no serviço cristão, Wesley resumiu (na abertura das suas Minutas) em três simples perguntas: (1) “Que ensinar?” (doutrinas); (2) “Como ensinar?” (análise e meios); (3) “Que fazer?” (prática)”.²⁶

1.2 O cristianismo social no metodismo dos séculos XIX e XX e sua influência na Igreja Metodista nos Estados Unidos da América e no Brasil

Ao examinar qualquer um dos inúmeros sermões de Wesley, há de se ir despido de qualquer conceito pré-concebido a respeito do autor e de seu escrito. Alguns afirmam, em nosso entendimento equivocadamente, que Wesley é um teólogo ou pregador de “ênfases”. Esta compreensão é por ele mesmo rejeitada em seu texto *As Marcas de um Metodista*:

[Um metodista] não se distingue por colocar toda ênfase da religião em uma única parte dela. Se você afirma ao contrário que ‘sim’, pois ‘somos salvos pela fé’, eu afirmo que você não compreendeu os termos da questão. Por ‘salvação’ entendo também ‘santidade de vida e de coração’ (...) É isto colocar uma parte da religião como se fosse o todo?²⁷

Wesley tem sua vida e sua obra bem alicerçada em três grandes “blocos doutrinários”: 1) A Trindade; 2) A Ordem da Natureza; 3) A Ordem da Salvação. Este tripé encontra-se em diversos de seus sermões e outros textos e é a partir deles que se pode estudar a sua busca de equilíbrio entre fé e prática.

²⁴ SOUZA, 2005, p. 17.

²⁵ JOSGRILBERG, Rui de Souza. *Estruturas teológicas e ênfases em John Wesley*. In: REILY, Duncan Alexander et al. *Teologia em Perspectiva Wesleyana*. São Paulo: Editeo, 2005. p. 25 a 36, à p. 27.

²⁶ JOSGRILBERG, 2005, p. 27s.

²⁷ WESLEY *apud* JOSGRILBERG, 2005, p. 28s.

É com fundamento em suas três bases doutrinárias que se torna possível abordar a preocupação social em Wesley como uma das consequências da salvação na vida das pessoas, de todo aquele que passa pelo processo de conversão. Vemos também aí a preocupação de Wesley de que o convertido precisa ver e agir no meio em que se encontra, isto é, deve estar atento ao que ocorre ao seu redor. Precisa se empenhar contra tudo o que possa atentar contra a vida, principalmente considerando os grandes problemas que afligiam a Europa, mas particularmente, a Inglaterra daquele tempo. E contra esta “desordem” social Wesley se indignava e desejava que a sua Igreja não a ignorasse.

Em seu sermão O Caminho do Reino, John Wesley faz uma exegese sobre o mandamento do amor, onde aparecem, provavelmente, as implicações sociais advindas do cumprimento do ordenamento de Jesus, conforme as narrativas evangélicas: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. E amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10.27).

“Amarás” – abraçarás com a mais terna boa vontade, a mais profunda e cordial afeição, os mais calorosos desejos de prevenir ou remover todo o mal e de lhe assegurar todo o bem possível. “Teu próximo” – isto é, não somente teu amigo, teu parente, ou teu conhecido, não somente o virtuoso, o amável, o que te ama, o que antecipa ou retribui tuas cortesias; mas todo homem, toda criatura humana, toda alma que Deus criou, não excetuando aqueles a quem jamais viste em cara, a quem não conheces de nome nem em pessoa, não excetuando aquele que sabes ser mau e ingrato, o que procede malignamente para contigo e te persegue.²⁸

No mesmo sermão, traz também uma consciência de responsabilidade para com a transformação (conversão) de uma sociedade injusta e pecadora para uma sociedade justa e em paz. O desenvolvimento que estava surgindo (início da industrialização, posterior a Wesley, com suas vantagens e desvantagens) criou uma insatisfação em Wesley e seus seguidores, que não se conformaram com os efeitos danosos e de visível injustiça sobre a população.

Para Wesley, um aspecto importante da salvação é que, somada com a santidade, as duas geram *atitudes sociais*. O fundamental em Wesley é fazer do cristianismo uma religião social. Ele acreditava que religião solitária não tem base evangélica. São de Wesley as palavras questionadoras: “que pode ser mais claro do que o fato de esse artigo fundamental da religião de Jesus Cristo não ter possibilidade de subsistir sem a sociedade, sem nosso viver e

²⁸ WESLEY *apud* HINSON, William J. *A dinâmica do pensamento de João Wesley*. São Paulo: Imprensa Metodista, s.d. p. 33.

sem nosso intercâmbio com os homens?”²⁹, sintetizando o próprio Sermão 24 que aborda a questão do social com a questão da santidade. Wesley entende que o amor é a marca da pessoa salva e a aspiração de todo o cristão. São dele as palavras mundialmente conhecidas: “O cristianismo é essencialmente uma religião social e que, torná-lo em religião solitária é, na verdade, destruí-lo. [...] Quando digo que esta religião é essencialmente social, quero não só afirmar que ela não pode subsistir normalmente, mas que não pode subsistir de modo nenhum à margem da sociedade”.³⁰

O avivamento (ou reavivamento) evangélico teve, em John Wesley, um grande líder, reconhecido inclusive por seus opositores. Este movimento trouxe a reforma da fé e o retorno da moralidade à Inglaterra. Para Wesley, não havia interesse algum no surgimento de uma nova igreja. O que ele desejava, e para isso vivia, era que ocorresse uma profunda transformação da vida das pessoas e de seu país, a Inglaterra. Para ele, a fé não pode ser substituída pelas obras. A graça de Deus conquistada pelo ser humano através da redenção pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, é que atua como motivadora de uma ação concreta.

Esta era a sua ênfase em diversos sermões, pois Wesley e seus seguidores percebiam que aumentava o número de pobres e abandonados, menosprezados tanto pela sociedade, como pelos cristãos e pelos governantes. Esta mudança provocada por Wesley e seus seguidores não ficou ignorada por cientistas sociais, inclusive nos dias presentes. Em *Sermões* Wesley aborda o tema Graça, com expressões como ‘de graça em graça’ ou ‘graça sobre graça’. Ele relembra que, além do perdão, recebemos a comunhão e as condições para exercitarmos a vida cristã.³¹

Sabeis como Deus trabalhou em vossa própria alma (...), Ele não vos tirou entendimento, mas iluminou e fortaleceu-o. Não destruiu qualquer de vossas afeições, antes são elas mais vigorosas do que antes. Muito menos tirou a vossa liberdade, o vosso poder de escolher o bem ou o mal; não vos forçou, mas, sendo assistidos pela Sua Graça, como Maria, escolhestes a melhor parte.³²

Logo após este trecho de sermão, Wesley cita Santo Agostinho: “Aquele que nos fez sem nós, não nos salvará sem nós.”³³

²⁹ WESLEY, John. *Sermões*. v. 2. Nicodemus Nunes (trad.). São Paulo: Imprensa Metodista, 1953. p. 497-519 (Sermão XXIV), p. 503.

³⁰ WESLEY, 1953, p. 501s.

³¹ WESLEY, 1953, p.32.

³² BURTNER, Chiles. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1960. p. 146.

³³ WESLEY *apud* BURTNER, 1960, p. 147. “É verdadeiro o brocardo muito conhecido de S. Agostinho (um dos mais nobres que ele produziu): ‘*Qui fecit nos sine nobis, non salvabit nos sine nobis*’.”

1.2.1 Nos Estados Unidos da América

Para entender a preocupação de Wesley com o indivíduo, não se pode seguir algumas interpretações equivocadas que existem, nas quais Wesley é visto como alguém que teve os “pés na terra” e a “cabeça nas nuvens”, como descreve Rui de Souza Josgrilberg na palestra: Qual o sentido de “social” na “religião social” de John Wesley?³⁴ Esta é uma visão equivocada, tendenciosa e parcial a respeito de John Wesley, afirma o professor Josgrilberg.

A Igreja Metodista no Brasil chegou através dos Estados Unidos, isto é, da Igreja Metodista norte-americana, que é de tendência pietista³⁵, portanto, distinta da Igreja inglesa. O fato de a Igreja Metodista ter elaborado um Credo Social, uma confissão de fé comprometida com a vida em sociedade, não tem por embasamento a linha teológica do país europeu, mas é uma forma de busca e do atendimento daquilo que é compreendido como o desejo de Wesley de ver no indivíduo um ser social. Wesley contraria a noção do dualismo indivíduo-sociedade das tendências individualistas modernas, presente na concepção do Metodismo não inglês. A leitura que faziam de Wesley não alcançava a compreensão do que ele defendia como indispensável. “Só existe pessoa onde o social lhe é essencial e sem o qual ela não pode ser”.³⁶

Foi no início do século XX que surgiram os primeiros movimentos comuns entre wesleyanos nos Estados Unidos e os articuladores do movimento conhecido como Evangelho Social, que tinha os seus principais líderes entre os batistas e os congregacionais. Assim, em dezembro de 1907, tem início a Federação Metodista para o Serviço Social, a partir da Igreja Metodista Episcopal. Era uma reação de inconformismo com a profunda indiferença ou cumplicidade das igrejas cristãs com o sofrimento por que passavam homens, mulheres, crianças. Muitas destas pessoas compunham os grupos enormes de imigrantes em busca de melhores condições de vida na América do Norte, e, em função de sua extrema carência e grandes necessidades para sobrevivência, tornavam-se alvo fácil, pelo desespero em que viviam, dos gananciosos donos de indústrias locais.

³⁴ JOSGRILBERG, Rui de Souza. Qual o sentido de “social” na “religião social” de John Wesley? In: RENDERS, Helmut et al (Org.). *Sal da Terra e Luz do Mundo – 100 anos do Credo Social Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009. p.47-64.

³⁵ Pietismo “é um movimento de renovação espiritual da Igreja, surgido no âmbito do Protestantismo do século XVII, [...] “fez, no entanto, contatos com [...] o Puritanismo e o Metodismo na Inglaterra,” (p.787). TESSMANN, Mário Francisco. Pietismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo, SP: ASTE, 2008. p. 785-790.

³⁶ WESLEY *apud* JOSGRILBERG, 2009, p. 64.

Assim, no início do ano seguinte, aquele grupo de pessoas preocupadas e sensibilizadas com a situação de muitos, redigiu o que foi o primeiro Credo Social conhecido no mundo das igrejas cristãs, reconhecido oficialmente pela Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal, na primavera de 1908. O texto inicial não estava preocupado em declarações de princípios teológicos, mas visava renovar a afirmação inicial de que os cristãos e as igrejas cristãs possuíam um compromisso inadiável e imediato com a solução dos problemas sociais que afligiam as famílias, buscando sinalizar os direitos dos trabalhadores, a justiça e a necessária eliminação da pobreza. A sequência de crises econômicas geradas pela intensa e massacrante industrialização que se desenvolvia nos Estados Unidos apressou o surgimento prioritário de um documento comum que manifestasse a inconformidade da Igreja Metodista com esta situação de sofrimento. Para estes cristãos, era uma questão de urgência e prioridade sobre qualquer outro assunto que pudesse parecer importante.

Originalmente, o Credo Social recebeu a designação de A Igreja e os Problemas Sociais. Compunha-se de três partes: Introdução – onde é expresso o motivo, o desafio que o motivou, onde se explicita a sua base fundamentada no Novo Testamento e que indica qual o objetivo; a seguir, no centro do texto, encontram-se onze afirmações que se assemelham a uma declaração de direitos humanos; na terceira parte, são apontadas formas de viabilizar esta declaração a partir das estruturas da Igreja Metodista. Consta também o desafio para que clérigos da Igreja não tenham medo de utilizar estes assuntos em suas prédicas para que “o ‘Povo Metodista’ procure o Reino em que a vontade de Deus seja feita tanto na terra como no céu.”³⁷

Este texto acabou sendo aprovado pelo Conselho Federal de Igrejas Cristãs dos Estados Unidos da América do Norte, após serem feitas algumas adaptações. Por fim, a própria Igreja Metodista Episcopal admite para si o texto aprovado ecumenicamente e o incorpora aos seus Cânones. A partir daí, a Igreja Metodista Episcopal elabora o que se pode reconhecer como um plano de ação, contendo os seguintes compromissos: “a Igreja e a Comunidade (política social); o programa para servir à comunidade; treinamento para o serviço; condições industriais; democracia industrial.”³⁸ Este conteúdo está na parte chamada Apêndice, dos Cânones, onde se encontra o que se considera programático, isto é, deixa de ser

³⁷ RENDERS, Helmut. Credo e Compromisso: sobre o uso litúrgico e a designação do “Credo” Social da Igreja Metodista. *Revista Caminhando*, UMESP, n. 11, v. 8, p. 51-73, 2003. p. 54.

³⁸ RENDERS, 2003, p. 54.

apenas uma letra fria de doutrina, mas passa a fazer parte da vida, do cotidiano da Igreja Metodista Episcopal.

Após este momento na história do Credo Social na Igreja dos Estados Unidos, muitas outras manifestações surgiram trazendo acréscimos, bem como modificações do texto, mas invariavelmente com a ênfase de tornar a Igreja responsável e comprometida com a situação social e política de sua comunidade e do país.

Posterior a estes acontecimentos, ocorreu a unificação de igrejas de origem wesleyana até que, em 1968, é criada a Igreja Metodista Unida que foi a aproximação da Methodist Church com a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos. Esta também possuía um Credo Social equivalente ao Credo Social da Igreja Metodista, porém denominado Convicções Fundamentais e Princípios Morais – *Basic Beliefs and Moral Principles*. Este título revela a influência diferenciada recebida, advinda do protestantismo alemão, o que se explica uma vez pelo fato de que esta igreja era composta por imigrantes alemães nos Estados Unidos. Um aspecto a ressaltar é que a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos utilizava o termo “princípios” para designar todo o texto, enquanto a Igreja Metodista o usava apenas para as partes litúrgicas do texto.

1.2.2 No Brasil

No Brasil, a Igreja Metodista se tornou autônoma de sua relação com a Igreja dos Estados Unidos, no dia 2 de setembro de 1930, durante a realização do 1º Concílio Geral. Até então, ela vinha acompanhando e seguindo as normas definidas pela Igreja de origem. No entanto, em 1934, quatro anos após sua autonomia, a Igreja no Brasil elabora o documento “A Atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o Mundo e a Nação”³⁹, onde havia distinções dos seguintes termos e temas: mundo – nação – problemas sociais – igreja. Havia uma evidente preocupação com a paz mundial. Desde sua autonomia, a Igreja Metodista no Brasil demonstrou sua vocação de ser uma Igreja com forte compromisso social. O Bispo James Cannon Junior, bispo presidente do 1º Concílio Geral, conforme consta em *Actas da Comissão Constituinte*, desafiou a Igreja quando:

[...] fez um discurso sobre este thema: ‘A Igreja e o Evangelho Social’, explicando os princípios fundamentais das actividades da Igreja, expoz cuidadosamente a diferença entre apello directo do Evangelho a cada alma individualmente e a relação necessária de cada indivíduo para com a sociedade, desde que elle aceita os

³⁹ RENDERS, 2003, p. 61.

ensinamentos de Jesus Christo como Mestre e Senhor. [...] O Bispo declarou que é de facto muito importante e significativo que na primeira reunião publica sob a direcção do seu Concílio Geral.[...] A Igreja Methodista do Brasil mostrasse emphaticamente sua attitude para com o Evangelho social de Jesus, collocando-se assim em linha de frente com o Methodismo desde os dias de Wesley.⁴⁰

Com esta linha de ação e de discurso, o Bispo Cannon Junior define que a verdadeira conversão implica em que o indivíduo assuma também posicionamento de compromisso social. Os Cânones de 1960 da Igreja Metodista do Brasil afirmam, nas palavras do Credo Social ali aprovado, no item VI sobre Ecumenismo, que: “O metodismo sempre se caracterizou pelo espírito ecumênico, pela tolerância e respeito à opinião alheia. [...] Em vista do exposto propugnamos pelo seguinte: [...] Promoção de trabalhos em conjunto nos setores social, educativo e evangelístico”.⁴¹

No final da década de 1960, a Igreja Metodista brasileira deu-se conta de que a formação oriunda do Metodismo norte-americano era de um perfil muito estadunidense e quase nada do Wesley britânico. Mesmo tendo sido aprovados, em 1934, pela Igreja brasileira dois documentos de orientação para a vida cidadã dos metodistas, somente em 1960 houve a criação de um Credo Social que serviu de base para os que vieram depois.⁴² Ao perceber isto, a Igreja no Brasil verificou que era necessária uma busca ao Wesley original, sem viés de qualquer espécie. Wesley não era somente o pietista que os norte-americanos nos ensinavam. Era muito mais e então o Plano para a Vida e a Missão da Igreja começou a ser lentamente gestado, a partir do surgimento dos Planos Quadrienais. Em 1982, o documento Plano para a Vida e Missão da Igreja (PVMI), bem como outros como Diretrizes para a Educação da Igreja, Plano Missionário e o Credo Social em uma reapresentação, foram um balizamento para a Igreja Metodista brasileira que começou a se desvincular das influências da Igreja dos Estados Unidos e também passou a firmar posição diante do contexto brasileiro. Vivia-se um início de redemocratização do país. Por quase 20 anos se viveu sob um governo de exceção, que criou desafios diretamente à Igreja Metodista e a outras que também sofreram a repressão própria de governos autoritários, inclusive com proibições e perseguições a leigos e pastores.

O conjunto destes documentos mobilizou a Igreja na direção de serviço à comunidade. Não obtiveram uma aceitação plena e absoluta em todas as igrejas metodistas do território nacional. Mas a sua implantação propiciou muitas mobilizações sociais e públicas, até em função de que o país ainda estava vivendo as consequências do governo militar

⁴⁰ Bispo James CANNON JUNIOR *apud* RENDERS, 2003, p. 60s.

⁴¹ RENDERS, 2003, p. 63.

⁴² Anexo 2. Credo Social de 1960, que podemos considerar como o primeiro brasileiro.

ditatorial. Como diz Rui Josgrilberg: “o Plano para Vida e Missão está sempre como um alerta para as igrejas que se acomodam e vivem a missão mais voltada para si”.⁴³

Inclua-se que o Credo Social, que havia ficado esquecido, propositalmente ou não, por um tempo bem significativo, durante a ditadura militar e seu governo de exceção e também logo após ela, a partir da implantação do PVMI (Plano para a Vida e a Missão da Igreja) serviu como um alento e até como importante elemento motivador de uma ação missionária de fato comprometida com a população e com a comunidade onde a Igreja precisa ser sal e luz na terra.

No site do Concílio Mundial de Igrejas encontra-se um texto a respeito da Igreja Metodista no Brasil, do qual extraímos o que segue:

Afirmando inequivocamente a dimensão social do Evangelho, a Igreja foi pioneira na criação de creches, orfanatos, casas para idosos, centros sociais, centros comunitários, e clínicas médicas. Foi vigorosamente pioneira em proclamar seu credo social, afirmando os direitos humanos, as responsabilidades civis e também denunciando as deficiências da sociedade brasileira. Durante os vinte anos de opressão política, muitos metodistas foram perseguidos por sua posição de compromisso social. No Concílio Geral de 1982, dois documentos foram aprovados, o "Plano para a Vida e Missão da Igreja" e as "Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista", que definiram metas a serem alcançadas por todas as congregações e instituições metodistas. Muita controvérsia surgiu rejeitando essas inovadoras posições oficiais que a Igreja no Brasil estava implantando. Havia rejeição à proposta de a Igreja tornar-se uma testemunha ativa na luta para transformar a sociedade brasileira pelas conquistas de justiça e de liberdade, com igualdade de oportunidades para os oprimidos e pobres. A partir daquele momento, a Igreja passou a se espalhar em todos os estados brasileiros, chegando a dobrar o número de membros e igrejas. (Nossa tradução)⁴⁴

Espalhar a santidade bíblica por toda terra era um dos lemas de John Wesley, reconhecido por ele como o objetivo de Deus para o movimento que estava se iniciando. Assim, a doutrina wesleyana sobre a santificação inclui dois movimentos que devem estar

⁴³ JOSGRILBERG, Rui de Souza. Testemunha ocular. *Jornal Expositor Cristão*, São Paulo, julho de 2012, p. 16-17. Entrevista concedida a Marcelo Ramiro.

⁴⁴ CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Methodist Church in Brazil*. Disponível em: <<http://www.oikoumene.org/en/member-churches/methodist-church-in-brazil>>. Acesso em: 13 mai. 2013. “Affirming unequivocally the social dimension of the gospel, the church was a pioneer in establishing day-care centres, orphanages, homes for the aged, social and community centers, and medical clinics. It also pioneered in proclaiming its social creed affirming human rights and civic responsibilities, and denouncing the shortcomings of the Brazilian social body. During the twenty years of political oppression many Methodists were persecuted for their social stance. Since 1982 two documents approved by the general conference, the "Plan for the Life and Mission of the Church" and the "Guidelines for Education in the Methodist Church", have been set as goals to be reached by all Methodist congregations and institutions. Much controversy has arisen out of these official positions, which push the church into an active witness and struggle to transform Brazilian society along lines of justice and freedom, with equal opportunities for the oppressed and poor. From this moment on, the church has spread out in all Brazilian states, and doubled the number of members and churches.”

integrados: os atos de piedade e os atos (obras) de misericórdia. O sentido destas duas expressões está em diversos de seus sermões. Foi esta forma de ser cristão verdadeiramente convertido que Wesley pregou e que desejou ver na vida de seus seguidores. A ideia de uma Igreja com atos de piedade e atos (obras) de misericórdia torna-se a linha mestra do Plano para a Vida e a Missão da Igreja (PVMI).⁴⁵ Atos de piedade são aqueles que levam ao crescimento espiritual (a leitura bíblica, oração, jejum etc).

Atos de misericórdia são os atos em favor do próximo, as ações em favor da promoção da vida e da justiça social. Para Wesley, não há santidade sem a conjugação adequada desses dois aspectos. Segundo ele, a santificação se concretiza na interação humana. Enquanto a justificação pressupõe um ato de fé pessoal, a santificação pressupõe a existência do outro, do próximo, tanto no nível comunitário eclesial como na esfera pública. Na tradição wesleyana, ninguém se santifica sozinho, pois a santificação é sócio-comunitária. No entendimento de Wesley “não há santidade que não seja santidade social (...) reduzir o Cristianismo tão somente a uma expressão solitária é destruí-lo”. O que se percebe é que infelizmente, ainda é visível a existência de uma parte da igreja que ignora os seus documentos. Quem sabe, em algum momento, sob a ação do Espírito Santo, “esta Igreja pode receber um sopro inesperado, um empurrão, às vezes, até um tombo necessário para levantar”.⁴⁶

É bem possível que este tempo esteja chegando. Será que não é o caso de olhar para o que o tempo atual está revelando?! Quem sabe, buscando conhecer o Credo Social.⁴⁷

⁴⁵ IGREJA METODISTA, 2012, p. 79-125. PVMI – Plano para a Vida e a Missão da Igreja.

⁴⁶ JOSGRILBERG, 2012, p. 17.

⁴⁷ IGREJA METODISTA, 2012, p. 51s.

2 DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA METODISTA NO BRASIL: COMPROMISSO DA SEGUNDA REGIÃO A PARTIR DOS RELATÓRIOS EPISCOPAIS AOS CONCÍLIOS REGIONAIS DE 1990 A 2011

A Igreja Metodista no Brasil⁴⁸, desde sua autonomia conquistada em 1930⁴⁹ e, após, com vários movimentos internos sobre o modo de ser Igreja no contexto brasileiro, fortemente abalada pelo movimento militar brasileiro que implantou o governo ditatorial em 1964, vem gestando documentos orientadores de ações que colocam a Igreja a serviço do povo, para com ele trabalhar em busca da liberdade e de tudo o mais que lhe promova a vida abundante e completa (Jo. 10.10). Foram elaborados dois Planos Quadrienais, sendo o primeiro⁵⁰ aprovado no Concílio Geral de 1974, para vigorar entre 1975 e 1978. O segundo vigorou entre 1979 e 1982. O objetivo destes planos era orientar a Igreja Metodista no Brasil a caminhar com o povo brasileiro, em uma proposta cristã e evangélica. Contribuíram para a aprovação do Plano para a Vida e a Missão da Igreja (PVMI)⁵¹ e o Programa Dons e Ministérios, nos Concílios Gerais⁵² de 1978 e 1982, respectivamente. Dentro de todo este movimento, a Igreja Metodista aprovou um tema que até hoje norteia a Igreja no Brasil: “Igreja – Comunidade Missionária a Serviço do Povo”.⁵³ O Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço, que presidia a Segunda Região na década de 1980, antevia uma dificuldade de a Igreja no Brasil mudar sua estrutura de ação, de administração e de serviço. Para ele, a Igreja com ênfase em cargos não expressava a noção do que entendia como Reino de Deus. Já a Igreja de dons e ministérios se aproximaria mais desta concepção.⁵⁴ O Programa Dons e Ministérios surge entre 1983-1987 com o nome de Movimento de Dons e Ministérios, como um retorno à origem wesleyana que fora um movimento dentro da igreja oficial. O objetivo tanto lá como cá era dotar a religião de ir ao encontro do interesse do povo que a frequentava e de quem ainda não estava sendo

⁴⁸ IGREJA METODISTA, 2012, p. 30 (art. 2º). A Igreja Metodista do Brasil, desde o X Concílio Geral realizado em julho de 1970, em Minas Gerais, passa a ser denominada somente Igreja Metodista, segundo Cânones 2012-2016, na Constituição da Igreja Metodista. IGREJA METODISTA, 2012, p. 29-34, à p. 30 (art. 2º).

⁴⁹ IGREJA METODISTA, 2012, p. 29 (art. 1º).

⁵⁰ IGREJA METODISTA. *Plano Quadrienal 1975-1978*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1974.

⁵¹ IGREJA METODISTA. Colégio Episcopal. *Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1996.

⁵² IGREJA METODISTA, 2012, art. 104 dos Cânones. Concílio Geral é o órgão máximo de decisões na Igreja Metodista no Brasil, com delegados/as leigos/as e clérigos/as das oito regiões eclesiais, que, atualmente, se reúne a cada 5 anos.

⁵³ CONCÍLIO REGIONAL DA 2ª REGIÃO ECLESIAL DA IGREJA METODISTA, 30, 1992. *Atas, registros e Documentos do XXX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1992.p. 51.

⁵⁴ “Talvez ainda leve algum tempo para ensaiarmos um novo modo de ser Igreja de Ministérios (serviços) e não de cargos (institucionalizados)”.AÇO, Isac Alberto Rodrigues. Relatório do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço ao XXIX Concílio Regional Referente ao Biênio 88/89. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIAL. *Atas, registros e Documentos do XXIX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1990. p 49-64, à p 49.

por ela atendida. O PVMI já estava em vigor, mas a pesada estrutura de cargos e funções impedia sua aplicabilidade.⁵⁵

É dever dos bispos, normatizado nos Cânones da Igreja Metodista, prestar relatórios de suas ações efetuadas nas regiões sob sua superintendência, em concílios regionais que ocorrem de dois em dois anos. Estes relatórios costumam abordar pelo menos dois aspectos: a ação de competência exclusivamente episcopal, e a percepção da ação da Igreja na Região, como um todo.⁵⁶

Neste trabalho e particularmente neste capítulo, será apresentado um entendimento de como os bispos metodistas da Segunda Região Eclesiástica, no período definido entre 1990 e 2011, manifestaram o compromisso pessoal e da Igreja com a Doutrina Social da Igreja Metodista. É preciso afirmar que esta tem como principal escopo ser o “braço social” da ação missionária da Igreja.

O questionamento que se faz neste momento é: O que a Igreja Metodista no Rio Grande do Sul tem realizado nessas décadas, nas áreas de ação missionária, pastoral, social e episcopal quanto a um compromisso com a Doutrina Social da Igreja Metodista? A Doutrina Social da Igreja Metodista tem permeado, de maneira prioritária, a ação missionária da Igreja na Segunda Região Eclesiástica? A Doutrina Social tem influenciado decisivamente nas finalidades específicas e nas realizações das igrejas locais metodistas no Rio Grande do Sul? A gestão da ação social na Segunda Região Eclesiástica tem sido de acordo com a Doutrina Social da Igreja Metodista? O que é uma eficiente ação social, de acordo com a Doutrina Social da Igreja? Os relatórios episcopais aos concílios regionais estão registrando ações comprometidas com a Doutrina Social da Igreja?

Os livros de história e a própria imprensa testemunham que, tanto na área econômica como na área política, os anos da década de 1980 foram de muito sofrimento e empobrecimento das pessoas em nosso país, principalmente das classes populares, habitantes das periferias das principais cidades e também moradores das zonas rurais. Nestas, ocorria com uma frequência arrasadora, a continuidade do êxodo rural, com grupos significativos de pequenos agricultores endividados com bancos e cooperativas, procurando sobrevivência nas

⁵⁵ MORAES, Stanley da Silva. Uma Igreja que tem coragem de definir sua identidade. *Revista de Educação do Cogeime*, ano 12, n. 23, p. 45-60, dez. 2003. p. 49. Disponível: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0423.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2013.

⁵⁶ Cânones da Igreja Metodista são compostos por leis e normas aprovadas em concílios gerais e por decisões de instâncias superiores que possuem peso de lei. Também compõem o livro de Cânones a Constituição da Igreja Metodista, o Plano para a Vida e a Missão, as Diretrizes para a Educação e o Plano Diretor Missionário.

chamadas *ciudades grandes*. Com esta expectativa que não se concretiza como seria de se esperar, poucos são os de origem rural que não se tornam marginalizados nas cidades. As organizações políticas sofriam descrédito por vários motivos, entre os quais o da inconfiabilidade junto à população. Não por acaso, este tempo fica conhecido como *década perdida*. Os relatórios da Igreja Metodista revelam que esta realidade não lhe era despercebida. Oportunamente, as instituições religiosas históricas passam a receber crédito em razão de suas iniciativas a favor da população, utilizando-se diversos meios de ação, como as Comunidades Eclesiais de Base que surgiram dentro da Igreja Católica, e organizações de pastorais populares específicas, estas com participação de diversas denominações religiosas, inclusive a Igreja Metodista. O objetivo de umas e outras era comum: sinalizar o Reino de Deus e anunciar a Boa Nova do Evangelho de Jesus Cristo, em linguagem e atitudes inclusivas, envolvendo mulheres e homens. Esta posição de aproximação com as classes populares proporcionava – e conduzia – as Igrejas a uma *re-visão* de seu entendimento bíblico, agora desafiadas a “falar” da Bíblia a partir do contexto onde estavam inseridas.⁵⁷

A Igreja Metodista sempre foi prolífica em manifestações nos diferentes estágios históricos de sua existência, desde seus primórdios com John Wesley e seus seguidores.⁵⁸ Oportunamente, sempre tem uma palavra que analisa a conjuntura política e eclesiástica, através da qual oferece e apresenta a mensagem evangélica do Reino de Deus em resposta às situações pelas quais a humanidade sofre e para as quais aguarda apoio das forças vivas da sociedade. Esta é uma constatação do que tem sido a Igreja Metodista nas diversas nações e lugares onde se faz presente. No Brasil, a história do metodismo nos mostra uma Igreja sempre atenta à situação político-social de sua população. A chegada de missionários e missionárias, inicialmente de maneira bem limitada, com pequenas incursões até 1830⁵⁹, com poucas pessoas e sem a certeza do que fazer, trazia na bagagem a vontade de anunciar o Evangelho, mas também o compromisso de criar escolas.⁶⁰ A partir desta constatação, há engajamento e compromisso com a sociedade onde se faz presente, seja nos templos das

⁵⁷ Surgiu na Igreja Católica como forma de levar a Bíblia para ser lida pelo povo, principalmente os marginalizados. MESTERS, Carlos. Como se faz Teologia hoje no Brasil. *Estudos Bíblicos*, v. 1, n. 1, p. 7-19, 1984 à p. 9ss.

⁵⁸ “Uma vasta maioria de ricos está debaixo da maldição, estão não apenas roubando a Deus, continuamente dissipando os bens de seu Senhor, mas também estão roubando o pobre, o faminto, o miserável; defraudando a viúva e os órfãos, e fazendo-se responsáveis por todas as necessidades, aflições e desesperos que eles podem remover e não o fazem”. GONZÁLEZ, Justo L. (ed.). *Obras de Wesley*. Franklin: Providence House Publishers, 1996-1998. 2 v. p. 314. Sermão: “O Uso do Dinheiro”.

⁵⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, Ciências da Religião, 1990.p. 92-103, à p. 102.

⁶⁰ REILY, Duncan Alexander. *História, metodismo e libertações: Ensaio*. São Paulo: Editeo, 1990. p. 69.

grandes cidades, nos vilarejos, com pequenas capelas ou salões para trabalhos sociais e educacionais. A palavra oficial da Igreja, logo após as determinações advindas dos concílios gerais – de âmbito nacional, se evidencia através de mensagens e das cartas pastorais, documentos estes emanados do Colégio Episcopal.⁶¹ É destas cartas que a Igreja recebe a orientação pastoral para ação nomeio do povo, em todos os rincões do país e nos campos missionários que possui em outras nações. Algumas destas orientações pastorais podem ser encontradas em documentos como: Diretrizes para a Ação Missionária na Questão da Terra; Afetividade e Sexualidade; Para que Todos Sejam Um – “A perspectiva Metodista para a unidade cristã”; Carta Pastoral sobre o Racismo; Carta Pastoral sobre a Pastoral da Criança, entre dezenas de outras cartas e documentos disponíveis no site nacional da Igreja Metodista.⁶²

Na década de 1980, confirma-se a construção do documento Plano para a Vida e Missão da Igreja, acompanhado de outros da mesma fundamentação bíblico-teológica e sociológica que são Diretrizes para a Educação, Plano Diretor Missionário e a recuperação do Credo Social.⁶³ Na Igreja Metodista brasileira surge mudança documental excepcional, pois sua organização deixa de ser de *cargos e poder* e passa a ser de *dons e ministérios*.⁶⁴ Apesar de ser uma decisão conciliar de nível nacional, encontra muita rejeição nos setores mais conservadores nos órgãos decisórios das igrejas paroquiais. Com toda esta efervescência durante essa década, muda sensivelmente a prática da ação da Igreja frente à missão de Deus.

Instituições como igrejas costumam não ser muito evangélicas, isto é, muitas vezes não conseguem seguir os ensinamentos de Jesus Cristo contidos nos Evangelhos⁶⁵ e se posicionar com orientações antes que os fatos ocorram – abstêm-se do agir profético. Deixam de anunciar que Deus age universalmente, não sectariamente.⁶⁶ Raramente a Igreja consegue ser profetisa, oficialmente falando. Contrapondo-se a esta atitude inibida, ouvem-se vozes e manifestações de mulheres e homens que, muitas vezes, não retratam e até contrariam

⁶¹ IGREJA METODISTA, 2012, p. 184s. (art. 119, inciso 3).

⁶² A lista de documentos oficiais encontra-se no site da Rede Metodista de Comunicação (<http://www.metodista.org.br/conteudo.xml?c=4997>).

⁶³ Na verdade, o Credo Social ficou “esquecido” pelos Cânones da Igreja nas edições de 1996 e 2001. Estava sempre junto com o PVMI e, com a visibilidade deste, o Credo Social era visto como parte dele. RENDERS, 2003, p. 51-73.

⁶⁴ Expressões e conceituação referidas pelo Bispo Isac Aço, conforme anotações pessoais minhas.

⁶⁵ No Evangelho de João, 15.12-14, Jesus se refere ao mandamento do amor e ao que seus discípulos e discípulas devem fazer se quiserem ser reconhecidos como seus amigos e amigas.

⁶⁶ REIMER, Haroldo. Profetismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. 813-816. No vocábulo “profetismo” assim diz: “nos profetas, Deus é afirmado como o mantenedor da criação em ações de direito e justiça, sobretudo em favor das pessoas empobrecidas” (à p 816).

posições das autoridades constituídas. Constatase que, nos últimos tempos, a maioria das ações da Igreja Metodista e do cristianismo em geral, é consequência do que a sociedade já está realizando, é um agir constrangido pelos acontecimentos da sociedade, que aguarda uma palavra sábia e orientadora, desprovida de julgamentos antecipados.

Quando todas estas mudanças ainda estão ocorrendo, a Igreja Metodista na Segunda Região Eclesiástica sofre as consequências de uma tragédia ocorrida no início da década de 1990, mais precisamente em março de 1991, com o acidente que tirou a vida do Bispo Isac Aço⁶⁷. Ele presidia a Região gaúcha enfrentando muitas adversidades, tendo em vista sua posição aberta e destemida de apoio às classes menos favorecidas da sociedade. Era possuidor de forte convicção de que este povo deveria ser a motivação real para a ação missionária de todas as igrejas, particularmente a Igreja Metodista.⁶⁸ Sua atuação, como bispo, extrapolava os limites geográficos do estado, pois sempre ocupara cargos em diversos níveis do metodismo e também de instituições ecumênicas e não religiosas, dentro e fora do país.

As tensões apresentavam-se muito fortes na Igreja Metodista no Brasil, particularmente na Segunda Região. Os concílios regionais ocorrem a cada dois anos. O último Concílio Regional ordinário havia ocorrido em 1988, mês de janeiro. Daquela data até a realização do XXIX Concílio Regional ordinário, referente ao biênio 1988-89, foram convocados dois concílios extraordinários: em abril de 1988 e dezembro de 1988. As razões eram administrativas, na maioria das pautas. No entanto, em virtude de tantos eventos e situações de contrariedade e oposição sistemática à linha teológico-pastoral do Bispo Isac e dos rumos da Igreja Metodista na Segunda Região Eclesiástica, as pautas não se esgotavam no tempo ordinário, obrigando-o a convocações extraordinárias.

Em janeiro de 1990, o Bispo Isac presidiu o XXIX Concílio Regional da Igreja Metodista na Segunda Região. O relatório que apresentou naquela ocasião, hoje nos remete à compreensão evidente de que se tornou o testamento pastoral-episcopal para a Igreja na 2ª Região e, quiçá, no Brasil. Como será visto a seguir, seus sucessores, por motivos diversos, não deram continuidade ao seu trabalho.⁶⁹

⁶⁷ A respeito da vida e obra do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço, ver Tese de Doutorado de Norberto da Cunha Garin. GARIN, 2007.

⁶⁸ “A Missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se com a comunidade e se torna instrumento da novidade do Reino de Deus”. COLÉGIO EPISCOPAL. Plano para a Vida e a Missão da Igreja – PVMI. Imprensa Metodista, 1996. p. 18.

⁶⁹ AÇO, 1990, p. 49-64.

Em 1990, mês de dezembro, é convocado mais um Concílio Regional extraordinário. Foi o último concílio regional sob sua presidência.

Diante da compreensão da grande importância que o relatório do Bispo Isac naquele último Concílio Regional ordinário adquiriu para a vida da Igreja Metodista gaúcha, e tendo em vista a sua incontestável visão da Igreja como “Comunidade Missionária a Serviço do Povo”, que continua a ser o lema da Igreja Metodista brasileira até o tempo presente confirmado no último Concílio Geral⁷⁰, entendo como importante que o exame comparativo dos relatórios episcopais aos concílios regionais inicie por esta sua última manifestação oficial à Igreja. Três meses após o IV Concílio Regional extraordinário, ocorre o fatídico acidente.

Doravante, a metodologia de apresentação será em relação à Doutrina Social da Igreja conforme relatos dos bispos, presentes nos documentos conciliares. Inicialmente, será examinado o último relatório do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço à Igreja da Segunda Região. Posteriormente, será examinado o relatório dos presbíteros que o substituíram para término de mandato. Os demais relatórios até o Concílio Regional de 2011 serão apresentados segundo o exercício do episcopado dos presidentes da Segunda Região Eclesiástica.

2.1 Relatório do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço ao XXIX Concílio Regional⁷¹

*Prezados Irmãos, Irmãs, Colegas de Trabalho,
Companheiros e Companheiras de lutas por amor ao Reino.⁷²*

Com esta saudação, o Bispo Isac Aço está se dirigindo aos metodistas da 2ª Região, demonstrando que, na sua concepção, Igreja não é um rol de nomes, em que alguns possuem cargos e funções e outros são “apenas” assistentes de cultos e contribuintes para sustentar a obra. Assim, o Bispo declara que a Igreja é uma comunidade de irmãos e irmãs, que se tornam companheiros e companheiras, conforme são por ele chamados. Para Isac, este é o jeito de reconhecer o *modus vivendi* de quem pertence ao Reino de Deus. Assim pensando, falando e fazendo, Isac cria muitas simpatias e algumas antipatias entre os metodistas gaúchos. No entanto, é no meio ecumênico e fora do Brasil que suas palavras são mais ouvidas e acatadas.⁷³

⁷⁰ XIX Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado em Brasília, em julho de 2011.

⁷¹ AÇO, 1990, p. 49ss.

⁷² AÇO, 1990, p. 49.

⁷³ GARIN, 2007, p.13.

Não deixemos de levar adiante a tarefa que nos foi confiada que é a de apoiar as igrejas, instituições e órgãos bem como aos pastores(as) e outros ministros que estão oferecendo sua vida e dons à Causa do Reino através da Igreja Metodista ou outras expressões eclesiais ou não.⁷⁴

Com estas palavras, o Bispo Isac Aço está manifestando seu reconhecimento de que a Igreja Metodista não é o único meio de que as pessoas dispõem para servir à Causa do Reino. Podem fazê-lo muito seriamente e sem culpa porque o Senhor é quem determina onde e quando os seus servos e servas trabalham pelo Reino. À Igreja cabe a tarefa de apoiar quando o serviço está coerente com a missão do Reino. Nos dias atuais, cabe recordar as palavras de Magali Cunha citando Richard Niebuhr sobre a relação da Igreja com o mundo, em atualização da leitura do Credo Social, na obra comemorativa aos 100 anos desta declaração de fé: “a Igreja tem de estar no mundo, mas sem alienação, mantendo seu compromisso-fim que é a implantação do Reino divino”.⁷⁵ Nesta direção, Aço também entendia que “enfrentamos o risco de centralização, porém buscamos compartilhar a administração, ensaiando o que pode ser consolidado”.⁷⁶

O desafio que o Bispo Isac humildemente reconhece é de não centralizar a administração de tudo em suas mãos, porém deve confiar nas pessoas preparadas e competentes para esta tarefa tão importante para a Missão.

Tenho buscado não diferenciar quando represento a Igreja no nível nacional ou internacional ou quando estou visitando um trabalho com crianças ou populações pobres nas favelas de nossas cidades, ou do nosso irmão oprimido.

Visitei, praticamente, durante o biênio, todas as igrejas e congregações [...] estive em encontros animadores, conversei com as pessoas, ou famílias em situação difícil, orei com muitas pessoas [...] mostrando que nossa força está em Deus e na vida comunitária do culto e da comunhão. Visitei hospitais, prisões, falei em programas de rádio e TV e encontrei-me com nossas autoridades, prefeitos, legisladores, Secretários de Estado e, eventualmente, com o Senhor Governador, Pedro Simon [...] fiz-me representar em atos ecumênicos [...] no problema dos sem-terra que tão grandemente atinge nosso Estado.

Em tudo procurei participar, entender, discordar e respeitar as instâncias em suas decisões, chamando sempre à necessidade de implantar e consolidar os documentos da Igreja.⁷⁷

⁷⁴ AÇO, 1990, p. 49.

⁷⁵ “A igreja mundana tenta ‘gerar uma ‘dinâmica moral’ por meio do culto, alívio das tensões por meio de ajuda com oração e estimular a ‘boa vontade’ por meio de meditação. [...] Ela substituiu Deus pela civilização e pela sociedade como autores e fim de sua existência”. Richard NIEBUHR *apud* CUNHA, Magali N. O Credo Social e a Demanda por Responsabilidade Social Cristã na Contemporaneidade. In: RENDERS, Helmut (Org.). *Sal da Terra, Luz do Mundo*-100 anos do Credo Social Metodista. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009. p. 133.

⁷⁶ AÇO, 1990, p. 49.

⁷⁷ AÇO, 1990, p. 50.

O seu jeito de ver a Igreja não lhe permitia “diferenciar”, como ele mesmo diz, quando está com autoridades de todos os níveis e lugares, a quem deveria falar com a autoridade que seu cargo lhe permitia, ou quando estava em meio às crianças e famílias de qualquer uma das comunidades do interior gaúcho. A uns e outros, era seu objetivo sempre anunciar o Reino, respeitando-os em suas especificidades. “Procurei que não faltassem recursos para manutenção da vida da Igreja”.⁷⁸

A sua preocupação era para que o dia a dia da Igreja não sofresse descontinuidade por questões de ordem financeira. Temia que as pessoas descontentes com o novo projeto de Igreja na 2ª Região diminuíssem suas contribuições, impedindo os avanços necessários e esperados tanto pelo próprio Bispo, como pelas pessoas a quem a Igreja estava servindo.

Nos órgãos ecumênicos CONIC E CESE, [...] na organização de Consultas sobre a Igreja e a Dívida Externa que, creio foram momentos importantes [...] envolvendo igrejas, autoridades e órgãos, inclusive os presidenciais. [...]

Em outubro de 1988 participei como representante do CLAI e outros representantes das Igrejas a nível mundial, parlamentares e representantes de Direitos Humanos, como observador no Plebiscito do Chile, quando o povo chileno disse NÃO à ditadura. [...] presidi o ‘Encontro Episcopal: Missão para a Paz’, realizado em Manágua, [...] estiveram 39 bispos metodistas da América Latina e Estados Unidos; Visitamos e encontramos com grupos eclesiais, para-eclesiais, oposição, imprensa, diplomatas, ministros de Estado e finalmente com o Presidente Daniel Ortega [...] O Encontro foi mais um esforço na titânica luta de estar ao lado dos que buscam a autodeterminação e o respeito por seus próprios destinos.⁷⁹

A participação do Bispo Isac em eventos ecumênicos nacionais e internacionais era vista como imprescindível por parte do colegiado da Igreja Metodista, tão intensos eram sua sabedoria e conhecimento de causa, revelados em seus pronunciamentos. Demonstrava coragem, firmeza, sabedoria, espiritualidade e disponibilidade. Esta avaliação foi reconhecida e testemunhada por integrantes destes organismos de diversos lugares, na ocasião das cerimônias por sua morte, bem como nas celebrações havidas posteriormente. Como para comprovar o que Isac significava, sua família recebeu, por ele, diversas homenagens *post mortem*, que a todos sempre emocionavam.

Nada substitui a visita e contato com as igrejas locais, seus pastores(as), seu povo, suas iniciativas, pois todos esses organismos só subsistirão se representarem igrejas, base, povo que, como cristão, testemunha o poder de Deus [...] ‘Deus conosco’ transforma-se em ‘Deus através de nós’. A dimensão ‘mundana’ da Igreja é

⁷⁸ AÇO, 1990, p. 50.

⁷⁹ AÇO, 1990, p. 51.

resultado de sua comunhão íntima e seu compromisso com Deus, através de serviço.⁸⁰

Este desejo e vontade de estar junto de seus pastores e pastoras, de suas igrejas que ele carinhosamente chamava de base, era decididamente um sentimento recíproco, pois o povo das igrejas, congregações e instituições também aguardava com muita expectativa a sua presença. Este sentimento foi difícil de ser conquistado por seus substitutos. Por um longo tempo as pessoas ainda lamentavam o ocorrido que tirou de suas vidas o bispo que as visitava, entrava em suas casas, aceitava e alegrava-se com o que lhe era servido, orava com elas e as tratava de igual para igual.

No seu último relatório ao Concílio Regional, o Bispo Isac avalia as igrejas a partir de determinados aspectos que valoriza e tem a ver com cada pessoa em cada uma das comunidades metodistas. Serão apresentados alguns tópicos, com palavras dele mesmo, que identificam o que é de fato importante à Igreja na opinião e na vontade do Bispo Isac: “Vida cúltrica das igrejas; Vida da Igreja (igrejas) através dos dons e ministérios; Integração à ênfase regional: Criança e Família, crianças das famílias da Igreja e crianças carentes; Plano de Ação Regional; Estudos Bíblicos e Doutrinários; Ação Pastoral. Os trabalhos de periferia, ele reconhece, “são experiências que estão renovando as igrejas mais antigas”.⁸¹ Manifesta sua gratidão a todas as pessoas, “inúmeros membros das igrejas locais, que fazem o dia a dia de nossas igrejas”.⁸²

Aqui, o Bispo Isac se refere a homens, mulheres, jovens, juvenis e crianças, não esquecendo ninguém, lembrando que é com a colaboração e o apoio destas pessoas que a Igreja consegue realizar sua ação missionária que é “trabalhar para o Senhor do Reino num mundo espremido pelas forças do pecado e da morte, participando, como comunidade, com dons e serviços para o nascer da vida; é somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida”.⁸³ Isac continua referindo-se aos que participam dos ministérios, dos cultos, aos que contribuem, aos que zelam pelo patrimônio e nele trabalham, como os zeladores, mas também aos que se dedicam à visitação, aos que apoiam os trabalhos de seus pastores e pastoras, “aqueles e aquelas que são o corpo vivo das igrejas e da Igreja, aqui representados(as) por seus delegados e delegadas”.⁸⁴

⁸⁰ AÇO, 1990, p. 52.

⁸¹ AÇO, 1990, p. 52s.

⁸² AÇO, 1990, p. 53.

⁸³ COLÉGIO EPISCOPAL, 1996, p. 18.

⁸⁴ AÇO, 1990, p. 53.

E dá a estes e estas a tarefa de que transmitam em suas igrejas “nossa palavra de coragem para prosseguirem participando, renovando, construindo o Reino enquanto edificamos a Igreja”.⁸⁵ Quanto à ênfase evangelística declara:

Cresceu o empenho em fazer saber aos familiares das crianças e a estas mesmas que nossa ação é parte da mensagem do evangelho...mas é preciso preparar as pessoas para desenvolvimento deste trabalho. Há sinais de renovação. Toda a potencialidade está aí presente; Deus nos chama a viver o seu culto como momento por excelência para a vida comunitária da Igreja, quer nos momentos litúrgicos, quer nos serviços que prestamos.⁸⁶

O Bispo Isac concede uma atenção especial ao projeto que para ele sempre foi o mais prioritário entre os prioritários: Da Criança e da Família. Ele relata que este

Projeto prioritário está surtindo seus frutos. Muitas igrejas locais, mais precisamente 39 comunidades, iniciaram, fortaleceram ou consolidaram seu trabalho com crianças carentes [...] Estamos nos convertendo às crianças, esperando confiantemente que possamos nos converter ao Reino. [...] É preciso que saibamos que somos um país em guerra contra nossas próprias crianças e que esta não se solucionará com assistencialismo, mas com transformação social, participação, luta e mudança do sistema. Trabalho com crianças é o começo.⁸⁷

Antes mesmo da consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente, Bispo Isac já alertava: “temos que, simultaneamente, manter nosso testemunho de denúncias contra as arbitrariedades e mesmo crimes cometidos contra as crianças do país”.⁸⁸

Para responder de forma sutil, mas precisa, àquelas pessoas que não entendiam seu propósito, manifestavam sua contrariedade e o condenavam chamando-o de defensor da Teologia da Libertação de forma polêmica⁸⁹, Bispo Isac relaciona a evangelização com o serviço, não permitindo que se faça um em detrimento do outro. Recomenda enfaticamente que “é necessário que o ministério de serviço se complete com o da evangelização e vice-versa. É o desafio que continuamos tendo pela frente!”⁹⁰

⁸⁵ AÇO, 1990, p. 53.

⁸⁶ AÇO, 1990, p. 55.

⁸⁷ AÇO, 1990, p. 58. Ver também IGREJA METODISTA, 2012, art.49 dos Cânones. “Igreja local, comunidade de fé, é base do sistema metodista”. Equipara-se à paróquia, expressão mais utilizada em outras denominações religiosas.

⁸⁸ AÇO, 1990, p. 58.

⁸⁹ Teologia da Libertação “A TdL nasceu num contexto histórico de opressão e de libertação dos pobres e tem como horizonte geral de reflexão a salvação realizada em Jesus Cristo.” ROCHA, Alessandro Rodrigues. Teologia da Libertação. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo, SP: ASTE, 2008. p. 962-965, à p. 962.

⁹⁰ AÇO, 1990, p. 58.

Outra ação popular que lhe era muito especial é a Pastoral do Agricultor sobre a qual se posiciona emocionado:

É certamente uma das experiências que tem servido, tem integrado obreiros e igrejas, tem crescido na consciência dos problemas e na urgência de soluções que estão muito além da prática pastoral. [...] Embora não tenhamos mais do que apoiar o movimento dos sem-terra, fizemo-lo sempre que podemos como Pastoral e como Bispo, reconhecendo sua autonomia e compartilhando seus clamores e espera histórica, por vezes heróica.⁹¹

Com estas afirmações, fica o sentimento de que o Bispo está se justificando diante dos setores conservadores da Igreja no Concílio, que certamente não estavam concordando com o trabalho da Pastoral e a postura do Bispo. Por isso, ele continua:

Visitei o acampamento do Ivaí [...] tinha a impressão de estar em um campo de concentração. Centenas de famílias a uns 40 km da estrada, com dificuldades de locomoção após algumas horas de chuva [...] apenas esperando! Uma espera que para milhares tem sido longa, penosa, incompreendida. Que fazer se não apoiar, lutar junto, comprometer-se?⁹²

Por fim, o Bispo Isac apresenta “perspectivas para Segunda Região Eclesiástica”⁹³ que passam a ser apresentadas resumidamente: 1º - Consolidar a ordem regimental local e regional; 2º - Igreja é organismo vivo, corpo, missão...viver intensamente os atos de piedade (o culto, o cultivo da Palavra, pessoal e comunitariamente, o amparo mútuo)...aliar isto às obras de misericórdia; 3º - Cada Igreja na Segunda Região, cada Pastor(a), cada Membro, cada Congregação, cada Instituição buscar ser instrumento de graça, de vida e de libertação e transformação.

Nosso projeto de Igreja exige solidariedade para com os que sofrem, coparticipação com as classes populares, denúncia das forças que oprimem, discernimento das formas sutis que assumem certos movimentos religiosos, dominando pelo lado místico alienante em detrimento do aspecto social transformador.⁹⁴

Esta sua afirmação e as que seguem parecem ser profecia. Veja-se:

Encerra-se uma década. Na Igreja Metodista, uma década de renovação e transição. Na(s) Igreja(s) de modo geral, após o ensaio da teologia da libertação, um compasso de espera? [...] Inicia-se uma nova década. O início não é auspicioso. Nossas ‘demandas sociais são imensas’[...] a ação do Espírito, a prática de amor e a certeza

⁹¹ AÇO, 1990, p. 59.

⁹² AÇO, 1990, p. 60.

⁹³ AÇO, 1990, p. 62s.

⁹⁴ AÇO, 1990, p. 63.

da esperança dão-nos força para testemunhar que vontade de Deus é a vida plena para toda a criatura e lutar por isso.⁹⁵

Ele encerra seu discurso lançando o desafio de que “a década de 90 terá que ser nossa década missionária [...] crescimento na santidade – *a radicalização do amor*”.⁹⁶

2.2 Relatório dos presbíteros presidentes da Região ao XXX Concílio Regional⁹⁷

Este relatório será examinado brevemente nesta pesquisa porque não representa trabalho episcopal. Com a morte do Bispo Isac, quando faltavam nove meses para o término do biênio, foram nomeados presidentes da Região os presbíteros que estavam indicados pelo Concílio Regional, juntamente com ele, para comporem a lista tríplice ao Concílio Geral, que ocorreria em julho de 1991, e que escolheria um bispo entre eles. São Stanley da Silva Moraes e Adahyr Cruz. Ficaram sob a supervisão do Bispo Adriel Maia, por decisão do Colégio Episcopal. Assim aconteceu e, no Concílio Geral próximo, foi eleito o presbítero Stanley da Silva Moraes para bispo na 2ª Região, a partir de janeiro de 1992. Sua consagração e posse ocorreram anteriormente ao Concílio Regional, em Porto Alegre.

Os presbíteros alçados à presidência de abril a dezembro de 1991 pouco puderam realizar, a não ser administrar a Igreja na 2ª Região, no luto pelo falecimento do Bispo Isac Aço. Como eles mesmos afirmaram:

Este relatório dele (Bispo Isac) está gravado na vida de cada um de nós, na vida das igrejas locais, dos campos missionários, nas igrejas missionárias, nos ministérios regionais, nas suas assessorias, nos organismos ecumênicos, nos meios de comunicação, nas suas correspondências, nos seus artigos, nas pessoas que o visitaram, nas pessoas que trabalharam com ele.⁹⁸

No entanto, ressaltarei alguns aspectos do relatório apresentado pelos referidos presbíteros, ao Concílio Regional, no que dizem respeito à preocupação com a prática do trabalho social como expressão do Evangelho.

Campos Missionários – Por estarem nas periferias das cidades, são trabalhos cujas ações dependem da participação financeira de outros setores da Igreja. O relatório apenas se refere à necessidade de se resolver como será a manutenção da missão nestes locais.

⁹⁵ AÇO, 1990, p. 63s.

⁹⁶ AÇO, 1990, p. 64. Grifo nosso.

⁹⁷ RELATÓRIO dos presidentes da Segunda Região Eclesiástica ao XXX Concílio Regional Referente ao Biênio 90/91. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, registros e Documentos do XXX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1992. p. 49-58.

⁹⁸ RELATÓRIO, 1992, p. 49.

Pastorais específicas – Dentre as pastorais, reconhecem os presidentes, algumas não têm como ser mantidas por si só. É o caso da Pastoral do Agricultor, cujos pastores e pastoras são subsidiados pela Sede Regional que, por sua vez, mantém convênios com organizações internacionais. Situação semelhante ocorre com a Pastoral da Criança. O relatório apenas se refere que, por serem projetos específicos com pequenos agricultores e agricultores sem terra, e também com crianças empobrecidas das periferias das cidades, cujos convênios com o exterior estão terminando, necessitam que a Igreja na região os assumam, para sua manutenção e continuidade. Quanto ao trabalho com crianças nas igrejas locais, ainda não tem a característica de ser prioridade, contrariando decisão do concílio anterior.

Igrejas locais, igrejas rurais e missão nas periferias – O relatório demonstra a preocupação de que as igrejas de características urbanas estão encontrando dificuldades de se manterem, nos últimos anos. Confirma que a missão nas periferias e nas zonas rurais do estado está em processo de crescimento, apesar de necessitar de sustento financeiro para manter tanto os projetos como seus pastores e pastoras. Percebe-se, também, que os presbíteros na presidência, sendo um deles o bispo eleito, declaram reconhecer que “somos uma comunidade que amadurece em seu projeto missionário.”⁹⁹

Apresentam vinte e dois desafios à Igreja reunida em concílio, dos quais destacam-se os que demonstram responsabilidade com a doutrina e o compromisso social da Igreja:

- precisamos continuar nosso trabalho com as crianças empobrecidas;
- precisamos alcançar as famílias que vem sendo destruídas;
- precisamos retomar nossa prioridade de trabalhar com crianças da Igreja;
- precisamos desenvolver atividades que promovam a vida (idosos, homens e mulheres aposentados);
- precisamos trabalhar efetivamente na busca de soluções efetivas para os graves problemas nos quais nosso povo está envolvido;
- precisamos aprofundar nossos compromissos ecumênicos, unindo nossos recursos aos de outros irmãos e irmãs que tenham preocupações semelhantes às nossas;
- precisamos [...] gastar menos com nossa vida interna de igreja e mais em nosso desafio missionário;
- precisamos conhecer e aprofundar os documentos: Plano de Vida e Missão da Igreja, Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista, Dons e Ministérios [...];
- precisamos, como Igreja Missionária, nos preparar na comunhão, na eucaristia, no fortalecimento mútuo, na força do Espírito e numa capacitação adequada para enfrentar as forças da morte espalhadas nas injustiças sociais vigentes, de onde

⁹⁹ RELATÓRIO. 1992, p. 56.

decorrem os baixos salários, a fome, o desemprego, a violência, a inflação, a mortalidade infantil e o assassinato de menores, entre outros.¹⁰⁰

Constata-se que é um número satisfatório de propostas de ações concretas relacionadas com o compromisso que a Igreja Metodista defende em sua doutrina social. A seguir, examinando-se os relatórios dos próximos bispos, poder-se-á comparar estes desafios com as ações verdadeiramente ocorridas.

2.3 Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXI Concílio Regional¹⁰¹

Ao primeiro Concílio Regional reunido sob sua presidência, sob o lema “Igreja nos Caminhos da Missão”, o Bispo Stanley apresenta-se como quem tem “clara a nossa identidade como Igreja Metodista, especificamente na Segunda Região [...] não sou tanto o continuador do episcopado do Bispo Isac o quanto sou Bispo da Igreja em serviço nesta Região. A Igreja é que tem o Bispo e não o contrário”.¹⁰²

Bispo Stanley apresenta-se como alguém que está em nome da comunidade maior que é a Igreja em nível nacional, reconhecendo que os bispos não são eleitos para determinada região eclesiástica, havendo, posteriormente, a designação que o próprio colegiado de bispos determina. A seguir, o Bispo faz “confissões” sobre a compreensão que tem do seu novo ministério. Usando suas palavras, são apresentadas as constatações que se relacionam com o compromisso social da Igreja: “Compreendi que nossa identidade tem muito a ver com o compromisso social que o metodismo gaúcho desenvolveu, dentro daquilo que o Plano para a Vida e Missão propõe”.¹⁰³

Para Stanley, os projetos missionários não assumem este compromisso e apenas existem porque são sustentados por verbas do exterior. Como este apoio está acabando, desgastes estão surgindo. “Consta um crescimento das igrejas locais de periferia urbana ou zona rural e uma diminuição das igrejas nos centros urbanos”.¹⁰⁴

Bispo Stanley reconhece que o crescimento existe porque estas igrejas são sustentadas por outras que não crescem porque estão comprometidas em ser suporte para aquelas. Reconhece o isolamento congregacionalista fazendo com que cada uma procure sua

¹⁰⁰ RELATÓRIO, 1992, p. 57s.

¹⁰¹ MORAES, Stanley da Silva. Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXI Concílio Regional Referente ao Biênio 92/93. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIÁSTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXI Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1994. p. 33- 49.

¹⁰² MORAES, 1994, p. 33.

¹⁰³ MORAES, 1994, p. 33.

¹⁰⁴ MORAES, 1994, p. 34.

própria subsistência, descuidando-se umas das outras e abandonando o espírito de comunhão. “Compreendi que nossa identidade tem muito a ver com a nossa raiz no metodismo histórico.”¹⁰⁵

Revela uma preocupação com as influências de religiosidades estranhas à história, à origem wesleyana. Bispo Stanley reconhece que “nossos documentos estabelecem nosso rumo, nossa abertura, nosso pluralismo e nossos limites”. Reforça a convicção de que a Igreja Metodista tem doutrina e esta é que deve ser o fundamento das ações de pastores/as e leigos/as. Ser ecumênico é diferente de não ter doutrina. Este não é o caso da Igreja Metodista. Em meio ao surgimento de tantas novas seitas e religiões, há que se firmar convicção no que já se teme, a partir desta, realizar o que a sociedade espera dos metodistas. “O metodismo histórico nos fornece instrumentos fundamentais para nossa caminhada”.¹⁰⁶

Os relatos que o Bispo Stanley faz sobre as ações das igrejas locais e demais órgãos da Igreja na Segunda Região revelam que a preocupação com o compromisso social se limita às atividades assistencialistas, do tipo creches, doação de cestas de alimentos, distribuição de roupas e remédios. Há algumas exceções são como, por exemplo, trabalho com meninos e meninas de rua, reforço escolar, cursos profissionalizantes e, em destaque, a ação comunitária em favela de Porto Alegre e o trabalho de apoio aos pequenos agricultores e aos agricultores sem-terra, oferecido pelos integrantes da Pastoral do Agricultor.

A Pastoral da Criança passa a ser menos um trabalho com capacitação de pessoas nas igrejas locais e instituições, mas torna-se a intermediadora da Igreja e suas instituições sociais com as fontes de doações no exterior. Revela-se um desvirtuamento de sua finalidade original, o que, certamente teria sido uma das causas para a sua extinção, posteriormente. Isto é, a preocupação deixa de ser não era a aplicação exclusiva dos recursos com interesse na assistência sócio-educacional, mas atender preocupações corporativistas da Igreja. Extinguem-se creches no interior do estado e duas instituições que marcaram espaço em suas cidades, que foram muito importantes nas vidas de meninos e meninas: Instituto Rural Metodista de Alegrete, nesta cidade, e Lar Metodista, este em Santa Maria.

¹⁰⁵ MORAES, 1994, p. 35.

¹⁰⁶ MORAES, 1994, p. 35.

2.4 Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXII Concílio Regional

No segundo Concílio Regional sob sua presidência, Bispo Stanley Moraes inicia seu relatório apresentando o lema para o biênio que começa: “Participar da Missão e Aperfeiçoar a Igreja”.¹⁰⁷ Observa-se, de início, que o lema encaminha a Igreja para uma finalidade no mínimo duvidosa. O tema Perfeição Cristã, ao que se entende, não pode ser delimitado a esta ou aquela atitude. O fato de participar da missão é edificante na vida humana, mas certamente não pode ser vista como único caminho para a perfeição cristã, como a frase-lema parece apontar. Nesta direção, a Igreja estará abandonando seus propósitos mais saudáveis, bíblicos e históricos, porque reforça o egoísmo, o centralismo e o crescimento para dentro, se houver. Sobre o tema Perfeição Cristã, sugere-se maior reflexão em Wesley, podendo principiar por Mack B. Stokes.¹⁰⁸

Ora, a ação missionária deve ter como motivação primeira o chamado de Deus que, na verdade, é uma ordem: “Indo, fazei discípulos” ou “Vão e façam que sejam meus seguidores”(Mt 28.19). Como a Igreja não para, não fica estagnada, deve fazer discípulos e discípulas, sim. Mas não para si e nem para aumentar o rol de membros ou o número de dizimistas.

A Igreja deve fazer seguidores para Jesus, que vão tornar-se instrumentos para instalação do Reino de Deus, que é amor, justiça, paz, fraternidade. E assim surge a segunda motivação: “o amor que se deve ter pelas pessoas que serão atendidas pela ação missionária da Igreja”.¹⁰⁹

O Bispo Stanley se refere ao lema do biênio anterior – “pelos caminhos da missão” – reconhecendo que

A cada dia fomos sentindo com mais força a necessidade de buscar a perfeição, trilhar um caminho de santificação, onde os atos de piedade e as obras de misericórdia apareçam com maior beleza. [...] Renovação, avivamento, santificação são os ideais que estamos buscando. Esta nova dinâmica está nos conduzindo a uma prática do batismo infantil, que nos leva a um respeito maior às crianças, [...] experimentar a bênção da ceia do Senhor onde todos são igualmente acolhidos [...] uma nova participação nos cultos com liturgias mais enriquecidas e recepção da

¹⁰⁷ MORAES, Stanley da Silva. Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXII Concílio Regional Referente ao Biênio 94/95. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1996. p. 36-65.

¹⁰⁸ STOKES, Mack B. *As Crenças Fundamentais dos Metodistas*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992. Capítulo XI, p. 73-79.

¹⁰⁹ JOSGRILBERG, 2009, p.47-64.

Palavra com mais sensibilidade à ação do Espírito Santo [...] está recriando a Escola Dominical como principal agência de ensino da Igreja.¹¹⁰

Quando cita a ação dos ministérios regionais, lê-se que há um reconhecimento de que estão trabalhando para a manutenção da Igreja como instituição. Somente quanto ao Ministério de Ensino e Ação Docente é referida a recuperação “vagarosamente” das Escolas Dominicais. Ao relatar sobre as Pastorais Específicas, Bispo Stanley afirma o seguinte sobre as duas que mais poderiam trabalhar com a orientação do Credo Social da Igreja: do Agricultor – “continuou atendendo nosso povo da área rural, solidarizando-se em seu sofrimento e ajudando em sua organização para transformar a realidade”.¹¹¹ Da Criança e Família – “continuou seu trabalho oferecendo apoio aos projetos sociais da Igreja voltados para crianças e famílias marginalizadas”. Quanto à Diretora Regional de Crianças – “Mesmo sendo as crianças prioridade em nosso Planejamento, elas não o são para nossas igrejas locais. A Diretora Regional participou de encontros nacionais, capacitou-se, mas [...] continuamos com poucas crianças em nossas igrejas locais”.¹¹²

A Região mantém os campos missionários criados no episcopado anterior ou já existentes, e são matéria do relatório com as seguintes afirmações coerentes com a doutrina social da Igreja:

Vila Cruzeiro – se manteve a Congregação e o trabalho social. Viamão – retrocedeu. Com a falta de um pastor mais presente, o povo se dispersou. Destaque para a Casa Suzana Wesley que ampara e ajuda meninas em situações de risco. Zona do Sapateiro – O Missionário acompanha o dia a dia das pessoas [...] ocorre um bom trabalho de caráter social [...] precisamos adquirir propriedade nesta área.¹¹³

Ao relatar sobre as igrejas locais, a manifestação episcopal é com respeito aos trabalhos e instituições sociais já existentes, que, no entanto, continuam em trabalho mais assistencialista do que visando transformação social. Dá-se destaque para reativação de dois trabalhos sociais, na Lomba do Pinheiro e na Vila Índio Jari, ambos em Porto Alegre. Também importante é o apoio que as igrejas de Porto Alegre prestam à Casa Suzana Wesley, em Viamão, reconhecendo o alcance transformador de vidas que este trabalho tem de resgate das meninas e jovens, vítimas de violência e abandono. Durante os primeiros anos desde sua criação, foi uma casa que, em convênio com o poder público municipal, serviu como casa de

¹¹⁰ MORAES, 1996, p. 36s.

¹¹¹ MORAES, 1996, p. 38.

¹¹² MORAES, 1996, p. 41.

¹¹³ MORAES, 1996, p. 44.

passagem, abrigando meninas e mulheres em vulnerabilidade social, indicadas pelos órgãos policiais ou pelo conselho tutelar, conforme o caso.

Bispo Stanley considera de grande importância a ação ecumênica da Igreja Metodista, como integrante do CONIC – Conselho Nacional das Igrejas Cristãs, com sede em Brasília. Encerra este relatório encaminhando, para aprovação do Concílio, a transformação do Centro Comunitário Bispo Isac Aço, na Vila Cruzeiro em Porto Alegre, para se tornar instituição social sob a responsabilidade da administração regional. E afirma convictamente, para esperança da Igreja: “Há muito mais a ser contado, pois nosso Deus é um Deus missionário”.¹¹⁴

2.5 Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXIII Concílio Regional¹¹⁵

No tempo entre o XXXII Concílio Regional e o XXXIII Concílio Regional, ocorreu um Concílio Geral na vida da Igreja. Eleitos os bispos, Stanley da Silva Moraes não fora reconduzido pelo voto. O referido Concílio aprovou proposta de conceder título de Bispo Honorário ao Bispo Stanley e a outros que também não foram reeleitos. Foi designado para assumir como Bispo da 2ª Região, o Bispo Rozalino Domingos, que presidia a Região Missionária da Amazônia.

Com isto, o presente Relatório Episcopal de Stanley Moraes apresenta-se, também, como uma avaliação de seu trabalho nestes dois mandatos como bispo na Segunda Região. Seguem os destaques a fatos e textos que demonstrem compromisso com a Doutrina Social da Igreja, explícita no Credo Social e no Plano para a Vida e a Missão da Igreja, entre outros documentos. “Neste biênio a ênfase foi a missão, quando confrontamos nossa identidade com os desafios missionários”. [...] “Nós já somos uma comunidade missionária a serviço do povo e precisamos aprofundar este nosso compromisso”.¹¹⁶

São duas afirmações que demonstram o otimismo do Bispo Stanley com o trabalho realizado na Segunda Região e que demonstram ter havido continuidade dos projetos e ações dos episcopados anteriores. Bispo Stanley apresenta sua percepção do trabalho nos vários setores e órgãos da Região e, em alguns, há tão somente a confirmação de continuidade dos trabalhos esperados dos órgãos e instituições na Região. Em outros momentos, percebe-se o

¹¹⁴ MORAES, 1996, p. 65.

¹¹⁵ MORAES, Stanley da Silva. Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXIII Concílio Regional Referente ao Biênio 96/97. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXIII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1998. p. 42-57.

¹¹⁶ MORAES, 1998, p. 42s.

reconhecimento do que foi realizado por vários setores e pessoas envolvidos e comprometidos com a missão. A seguir, serão vistos o resumo de alguns aspectos do relatório do Bispo Stanley sobre as atividades da Igreja Metodista na Segunda Região, com destaque para aquelas que revelam interesse pela ação social da Igreja:

Igrejas em Porto Alegre – Os trabalhos dos grupos societários de mulheres, jovens e juvenis caminharam em direção à unidade, no serviço comunitário e em mutirões de cunho missionário. Já os homens se distanciaram da liderança episcopal e seus representantes no âmbito distrital, manifestando oposição ao posicionamento da Igreja. Houve fortalecimento dos trabalhos missionários na Zona do Sapateiro, em Alvorada, na instituição Casa Suzana Wesley em Viamão, na Lomba do Pinheiro e na Vila Cruzeiro.¹¹⁷

Igrejas na fronteira – Nesta região do estado, somente em Uruguaiana há manifestação de interesse em trabalhos sociais, em três locais da cidade.¹¹⁸

Igrejas na região central – Em Santa Maria, é mantido o projeto Gente Pequena, com creche e ambulatório médico na Vila Noal. Na Vila Vitória e no bairro Chácara das Flores há trabalhos sociais com reforço escolar, ambulatório médico e Escola para Iniciação ao Trabalho, este em convênio com a prefeitura local. Nesta cidade funciona há mais de 50 anos o Lar Metodista, orfanato e escola profissional para meninos. Em Cachoeira do Sul há uma creche que atende mais de 80 crianças.¹¹⁹

Igrejas no planalto médio – Em Passo Fundo há três instituições sociais: Lar da Vovó, Berço do Bebê e uma instituição social com a sigla CEAMES. Em Carazinho, uma creche atende 85 crianças.¹²⁰

Igrejas na região das Missões – nesta região é onde está o maior número de igrejas locais, congregações (ou capelas), a maior parte na área rural, com um interessante projeto chamado Pastoral do Agricultor e Agricultora, muito atuante até os dias atuais. Na região chamada Alto Uruguai esta Pastoral mantém um trabalho de Hortas Comunitárias. Até hoje, a igreja em Ijuí tem um envolvimento ecumênico muito significativo. Também nesta região há instituições de abrigo a pessoas idosas. Aí também, começa a se intensificar o triste fenômeno do êxodo rural, que não fica despercebido à Igreja e ao bispo.¹²¹

¹¹⁷ MORAES, 1998, p. 43.

¹¹⁸ MORAES, 1998, p. 44.

¹¹⁹ MORAES, 1998, p. 45s.

¹²⁰ MORAES, 1998, p. 46.

¹²¹ MORAES, 1998, p. 47.

Nas demais regiões do estado, as comunidades metodistas realizam pouco ou nenhum trabalho social mais significativo, não merecendo destaque algum.

A seguir, Bispo Stanley relata as atividades das pastorais. As pastorais deveriam todas trabalhar comprometidas também com a Doutrina Social da Igreja. No entanto, não é o que o Bispo Stanley observa. Por isso, serão destacadas as três pastorais que atuam de maneira mais ampla e inclusiva. Sobre elas, assim o Bispo Stanley se refere:

Pastoral da Criança e Família – Esta Pastoral tem a missão de ajudar a Igreja a trabalhar com crianças e famílias, especialmente aquelas que são atendidas por projetos e instituições. Com timidez ela continuou fazendo isto. Precisa de um projeto mais arrojado no novo biênio.

Pastoral do Agricultor – Eventos maiores e mais significativos realizados pela Pastoral do Agricultor foram: Encontro da Fraternidade, Primeiro Encontro da Juventude Rural, criação de cinco hortas comunitárias, mutirões missionários na zona rural. A Pastoral trabalha especialmente com as comunidades rurais da região das Missões, propondo atividades que ajudem o homem e a mulher do campo. Sua existência dá um novo sentido a todo trabalho da Igreja no meio rural.

Pastoral da Cidadania – Num tempo de mudanças rápidas, de situações sociais cada vez mais complexas, de eventos sociais em todos os momentos, esta Pastoral, mesmo que não plenamente, tem trabalhado com o objetivo de ajudar a Igreja a melhor participar na vida da sociedade.¹²²

Quanto ao trabalho da Diretoria Regional de Crianças, relata Stanley que o trabalho empreendido apenas revela: “as crianças começam a reconquistar seu espaço nas igrejas locais, especialmente nas Escolas Dominicais”.¹²³ Pouco antes de encerrar seu Relatório, o Bispo Stanley afirma que

Terminamos um sexênio que teve como lema “Igreja: Comunidade Missionária a Serviço do Povo”. Os dados que tenho me fazem ver que estamos caminhando com o mesmo. Somos a cada dia uma comunidade comprometida com a ação missionária. Estamos melhor compreendendo a extensão da ação missionária.¹²⁴

É possível confirmar que houve compromisso do Bispo Stanley com as normas da Igreja Metodista, incluindo a Doutrina Social da Igreja. Também é possível perceber a dificuldade de levar adiante determinadas ações, tendo em vista as mudanças que já são perceptíveis em âmbito nacional da Igreja.

¹²² MORAES, 1998, p. 54.

¹²³ MORAES, 1998, p. 54.

¹²⁴ MORAES, 1998, p. 56s.

2.6 Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXIV Concílio Regional¹²⁵

O Bispo Rozalino Domingos apresenta seu primeiro relatório como Bispo desta Região que veio para administrar por dois mandatos, tendo em vista sua aposentadoria dentro de quatro anos. Seguem os destaques referentes tão somente a manifestações que possuem relação de compromisso com a doutrina social da Igreja, Credo Social e outros documentos.

Reconhecemos que nem sempre é possível lembrar de tudo quanto gostaríamos, mas no final desta apresentação podemos ser arguidos conforme o interesse de cada conciliar.

Estamos entrando para um novo milênio. Nossa Região no seio da Igreja tem que continuar desempenhando o papel importante nesta época de crise, procurando tornar bem claros os sinais do Reino de Deus em meio às rápidas mudanças, avanço tecnológico, crise política, situação econômica difícil, sérios problemas sociais, derrocada moral e a corrida para entender claramente o que vem a ser a globalização. Qual a expectativa diante do ano 2.000? [...] Cremos que estamos diante de um momento desafiador para nossa Região. [...] Continuamos enfatizando a nossa caminhada, procurando não esquecer que somos parte de uma Igreja que proclama ser “Comunidade Missionária a Serviço do Povo”.¹²⁶

Quando relata sobre o Ministério de Ação Social, expressa que “somos devedores de um maior comprometimento com a causa da mulher, da criança e dos pobres em geral. Criar trabalho social é muito importante, mas o mais importante é não deixá-los no esquecimento”.¹²⁷ Esta afirmativa é significativa, porque demonstra sua preocupação com as dificuldades que há anos estão afligindo as instituições na Segunda Região e demonstra também sua sensibilidade para setores que mais carecem de atenção diferenciada.

Com relação ao Ministério Pastoral é enfático e revela sua visão mais ampla do que deve significar para a vida da Igreja: “o pastorado não se restringe ao rebanho da igreja, mas se estende ao bairro, à cidade, sendo solidário(a) com os (as) que sofrem e participando ecumenicamente com outras Igrejas da comunidade e também com os organismos afins”.¹²⁸

Sobre as instituições de ensino, Bispo Rozalino desafia: “Sabem da importância que é lidar com alunos/as na construção da cidadania e na tarefa sublime que é a formação do ser humano integral”.¹²⁹ Ao abordar sobre as instituições sociais, Bispo Rozalino se limita a

¹²⁵ DOMINGOS, Rozalino. Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXIV Concílio Regional Referente ao Biênio 98/99. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXIV Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2000. p. 37-42.

¹²⁶ DOMINGOS, 2000, p. 37.

¹²⁷ DOMINGOS, 2000, p. 38.

¹²⁸ DOMINGOS, 2000, p. 39.

¹²⁹ DOMINGOS, 2000, p. 40.

informações meramente administrativas, confirmando o que a lei canônica já define como competência dos conselhos diretores, que é a sua organização e administração.

Quando relata sobre a ação das Pastorais nas instituições educacionais e sociais, reconhece o compromisso social e comunitário quando comunica que “coordenaram seus estudos e atividades fazendo uso do Plano para a Vida e Missão da Igreja”.¹³⁰

Ao final de seu relatório, Bispo Rozalino questiona e orienta:

Como nós pastores(as) podemos colaborar a fim de mudar este quadro bem a nossa frente? A Bíblia mostra claramente nossos deveres para com o nosso próximo. Há muita gente marginalizada; não tem direito a moradia, trabalho com salário justo, saúde, educação, terra para plantar. Há muita gente que não desfruta da dignidade conferida por Deus. Nossa Região necessita de um avivamento que produza frutos dentro de nossas igrejas e alcance as cidades, bairros, vilas e os(as) irmãos(ãs) nas zonas rurais [...] Precisamos jejuar e orar mais do que temos feito [...] Quanto mais orarmos, mais forças teremos. [...] Não podemos decepcionar o nosso Deus, o Evangelho e a tradição Metodista que herdamos [...] a qualidade da nossa fé é medida pela nossa lealdade a Deus.¹³¹

2.7 Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXV Concílio Regional¹³²

O Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXV Concílio Regional apresenta-se, também, como uma auto-avaliação sobre seu episcopado na Segunda Região, que está terminando neste conclave. Durante este biênio, precisamente em 2001, é convocado mais um Concílio Geral, quando ocorre a já prevista aposentadoria do Bispo Rozalino. São eleitos novos bispos, entre eles o presbítero Luiz Vergílio Batista da Rosa, que vem a ser designado pelo Colégio Episcopal, conforme competência legal canônica¹³³, para presidir a Igreja na Segunda Região.

Seguem os destaques deste último relatório do Bispo Rozalino como presidente da Segunda Região, sempre referentes aos projetos e ações que manifestam um compromisso com a ação social da Igreja, conforme documentos de Doutrina Social do Metodismo. Quando endereça sua palavra aos pastores e pastoras, já é possível encontrar a primeira relação com o Evangelho e com a Doutrina Social da Igreja.

¹³⁰ DOMINGOS, 2000, p. 41.

¹³¹ DOMINGOS, 2000, p. 42.

¹³² DOMINGOS, Rozalino. Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXV Concílio Regional Referente ao Biênio 2000/2001. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXV Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2002. p. 60-68.

¹³³ IGREJA METODISTA, 2012, p. 247(art.66, inciso 9).

Amar a Deus e viver isolado(a) dos (as) colegas é amor não vivenciado. Isolados(as) dos (as) companheiros(as) da missão, as lutas, as dificuldades existentes no mundo, a situação econômica, a política, não obterão uma resposta que seja fruto da unidade do corpo pastoral de uma Igreja que é “Comunidade Missionária a Serviço do Povo”.¹³⁴

Ao abordar as ações do Ministério Regional de Ação Social, o Bispo lembra que “este ministério tem sido desenvolvido com meninas que necessitam de amparo e orientação, com mulheres idosas, com crianças e suas famílias, com as igrejas locais, visando despertar o interesse no trabalho social”. E lamenta quando afirma “reconhecemos que não conseguiu realizar ações bem articuladas para um envolvimento maior das igrejas na capacitação da liderança, visando um testemunho de compromisso com a dignidade humana e a justiça social”.¹³⁵

Regozija-se o Bispo ao reconhecer que o Ministério de Ação Social “realizou com êxito o 1º Fórum Regional de Ação Social”.¹³⁶

Ao referir-se às instituições sociais, praticamente repete o relatório anterior, felicitando as que cumprem sua missão e lamentando por aquelas que ficaram pelo caminho, em função de administração e gestão não saudáveis. Por fim, praticamente encerra seu relatório quando reconhece que “as metas do Planejamento Regional tentamos cumprir, procurando ver a prioridade da Região Crescendo em Unidade, Evangelização e Serviço”.¹³⁷ E diz, em tom de expectativa, que estes alvos devem continuar na Região.

2.8 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVI Concílio Regional¹³⁸

Este é o primeiro Concílio que se realiza de 17 a 20 de dezembro de 2003, sob a presidência do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa, eleito no 17º Concílio Geral, em 2001. É oportunidade para o novo Bispo apresentar sua proposta de ação, bem como sua avaliação deste biênio, tendo em vista que o plano de ação 2002-2003 foi elaborado em conjunto com o bispo que se aposentara.

Este primeiro relatório do Bispo Luiz Vergílio à Igreja reunida em Concílio Regional revela também sua preocupação em apresentar uma proposta de trabalho para que o

¹³⁴ DOMINGOS, 2002, p. 62.

¹³⁵ DOMINGOS, 2002, p. 62.

¹³⁶ DOMINGOS, 2002, p. 62.

¹³⁷ DOMINGOS, 2002, p. 67.

¹³⁸ ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio ao XXXVI Concílio Regional referente ao biênio 2002-2003. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXVI Concílio Regional da Igreja Metodista*. Santa Maria, 2003, p. 26-37.

metodismo gaúcho possa cumprir sua missão. Percebe-se uma interpretação dos documentos da Igreja, com fundamentos bíblicos e teológicos. Suas palavras iniciais são duas citações que sugerem uma busca à Bíblia para ser fundamento da Igreja e da sociedade humana que almeja para a Segunda Região. São as seguintes: “Ai dos que decretam leis injustas, dos que descrevem leis de opressão” (Is 10.1) A seguir, no evangelho de Mateus (Mt 11.4-6), o Bispo Luiz Vergílio encontra: “E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide, e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo; os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço”.

Seguem as citações textuais que destacamos no relatório, referentes à ação missionária como expressão concreta da fé comprometida. Como o Concílio acontece no tempo litúrgico do Advento, o Bispo inicia assim a sua manifestação:

Advento, momento propício à renovação de nossa confiança em Deus, que na fragilidade da vida de uma criança empobrecida, manifesta a esperança de um mundo onde a paz, a justiça e o amor sejam assegurados pelo zelo sacerdotal e a incontínência profética de homens e mulheres, de todas as idades, identificados planos de vida em abundância, e, inconformados com projetos de pecado, que segrega a sociedade e as pessoas pelas desigualdades sociais, preconceitos, intolerância, acúmulo, prepotência e destruição.¹³⁹

São palavras e desafios que parecem revelar um ministério episcopal significativamente comprometido com o sofrimento e a desgraça humana, tornando-se a Igreja aquela que fala e age profeticamente, de acordo com a verdade do Reino de Deus. No parágrafo a seguir o Bispo Luiz Vergílio apresenta as definições do último Concílio Geral com respeito à necessidade de crescimento quantitativo, mas fundado em um crescimento qualitativo também. Insiste no compromisso necessário de todos os setores, órgãos e grupos societários da Igreja, envolvendo clérigos/clérigas e leigos/leigas.

No parágrafo que vem a seguir, o relatório apresenta a preocupação episcopal com a sua função de exigir “uma atitude de respeito à prática pastoral, ao compromisso ético e ao comportamento moral”, conforme orientação emanada dos Cânones, do Código de Ética Pastoral e do Manual de Disciplina Pastoral.¹⁴⁰

Evidencia-se a preocupação do Bispo em garantir o compromisso dos membros da Ordem com a história da Igreja Metodista e o cumprimento dos documentos oficiais como

¹³⁹ ROSA, 2003, p. 26s.

¹⁴⁰ São documentos normativos que respaldam a vida e a ação de pastores e membros da Igreja, no que diz respeito à postura ética nas relações humanas, em todos os níveis e a todas as pessoas.

meios de que dispõem para sua ação pastoral. Quanto ao Episcopado, afirma que “é, para nós metodistas, uma forma representativa de governo, legitimadas pelo carisma e o exercício do poder na Igreja, [...] que trabalha o mistério do relacionamento divino/humano; entre o papel sócio-histórico e o papel transcendente da comunidade de fé”.¹⁴¹

Importante ressaltar a referência que é feita pelo Bispo Luiz Vergílio ao teólogo católico Leonardo Boff: “[...] quando refere a vivência de uma permanente tensão entre o exercício do carisma e o exercício do poder na Igreja”.¹⁴² O Bispo Luiz Vergílio está se referindo ao posicionamento crítico que Boff manifestou com respeito à cúpula de sua igreja, que o levou ao desligamento da ordem sacerdotal católica.

O Bispo Luiz Vergílio também demonstra interesse em citar o conceito de Missão e a compreensão do propósito de Deus, conforme rezam os principais documentos metodistas, especificamente o Plano de Vida e Missão da Igreja.¹⁴³ Desta maneira, sendo este o primeiro período eclesial que terá sua plena direção, o Bispo está conclamando seus ouvintes a colocar em prática na Região Eclesiástica sob sua responsabilidade, documentos que, inquestionavelmente, são sinalizadores de uma igreja comprometida com a plenitude do evangelho, caminhando para uma ação evangelizadora somada à ação pastoral em favor do ser humano total.

Seguindo o relatório, Bispo Luiz Vergílio faz comentários a respeito dos ministérios regionais. Sobre o Ministério de Ação Episcopal, que é composto por presbíteros ou presbíteras que exercem a superintendência dos distritos, o Bispo afirma: “[...] o espaço distrital ainda precisa ser mais bem assimilado por todo/as nós, como uma instância necessária ao fortalecimento de nossa conexão, ao estímulo e à mútua cooperação missionária [...] porque se manifesta distanciamento entre as comunidades”.¹⁴⁴

O Bispo Luiz Vergílio também desafia clérigos e clérigas para “expansão e crescimento missionário [...] em unidade, evangelização e serviço, a luta pela unidade da igreja é tarefa de todos/as”.¹⁴⁵

¹⁴¹ ROSA, 2003, p. 27.

¹⁴² ROSA, 2003, p. 27.

¹⁴³ Plano de Vida e Missão da Igreja, letra B – Entendendo a vontade de Deus, IGREJA METODISTA, 2012, principalmente p. 88.

¹⁴⁴ Distrito é o conjunto de igrejas que ficam em espaço geográfico comum “para integrar, articular e promover a ação missionária das Igrejas Locais”. (IGREJA METODISTA, 2012, art. 75 e parágrafos).

¹⁴⁵ ROSA, 2003, p. 29.

A seguir, o Bispo refere-se às Pastorais Regionais que foram criadas para “[...] a tarefa de edificar, equipar e aperfeiçoar a ação da Igreja em áreas determinadas [...] e são: Escolares e Universitárias, do Agricultor, da Criança e Família, da Juventude, da Família e da Cidadania”.¹⁴⁶

Continuando seu relatório, o Bispo faz comentários sobre cada uma das pastorais. O que se observa é que, neste momento, o Bispo valoriza mais intensamente os objetivos e as ações das pastorais, inclusive orienta suas coordenações para que se instrumentalizem e assim motivem as igrejas para o cumprimento de sua missão, de acordo com o que determina o Plano de Vida e Missão da Igreja, confirmado no Regimento Regional da Igreja.¹⁴⁷

Uma atenção especial é dada às ações da Pastoral do Agricultor, que hoje é inclusiva em gênero também no nome, pois trabalha diretamente com pequenos agricultores e agricultoras, dando ênfase à agricultura orgânica, assim como se envolve com o controle natural da saúde deste povo. As federações das sociedades de homens e de mulheres apresentavam situações diferentes: os homens estavam em desunião e desorganização; as mulheres estavam em uma fase de crescimento, destaques percebidos pelo Bispo Luiz Vergílio.¹⁴⁸

Por fim, o Bispo Luiz Vergílio faz uma ressalva significativa, em seu relatório, ao Ministério Pastoral e à Igreja Local. Inicia este ponto do relatório destacando a importância do ministério pastoral como essencial à vida da Igreja. “A tradição protestante reconhece no ministério pastoral um mandato da Igreja e não apenas uma qualidade individual”.¹⁴⁹

Interessante destacar-se o que segue:

Vivemos numa sociedade regulada pelas forças de mercado ou mercados, num mundo de economia globalizada. Esses mercados concentram geograficamente cada vez mais riquezas no chamado primeiro mundo, aumentando a exclusão econômico-social [...] e a distância entre ricos e pobres. Também há uma supervalorização do individualismo e da competitividade, intolerância às diferenças, fortalecimento dos radicalismos de todos os matizes. A preocupação com o lucro, e o sucesso a qualquer custo, elimina os espaços para a compaixão, para a solidariedade, para a ética nas relações. Oportunismo e corrupção transitam, com certa naturalidade, nas relações pessoais e institucionais. O universo religioso torna-se confuso, com o

¹⁴⁶ ROSA, 2003, p. 29.

¹⁴⁷ Regimento Regional é a adequação das normas canônicas às especificidades de cada Região Eclesiástica, somadas a outras criadas pelo Concílio Regional.

¹⁴⁸ Sociedades são entidades que congregam homens, mulheres, jovens e juvenis, em grupos distintos e que possuem regras específicas diferentes dos ministérios e pastorais. Federação é de âmbito regional formada pelo conjunto das sociedades. Conforme artigos 103 e 96 dos Cânones 2012-2016 (IGREJA METODISTA, 2012).

¹⁴⁹ ROSA, 2003, p. 32.

aparecimento de novos paradigmas, distantes dos valores fundamentados na valorização da vida, na partilha, na prática da justiça e no amor ao próximo, princípios essencialmente cristológicos. A Igreja Metodista vive esse momento de tensão assaltados por “todo o vento de doutrina”.¹⁵⁰

Podemos afirmar, como reflexão pessoal, que o primeiro relatório do Bispo Luiz Vergílio a um Concílio Regional na Segunda Região está demonstrando o que ele vê na região e traça linhas que podem nos delinear o que espera que seja a Igreja a partir de então. Logo após, o Bispo apresenta o cronograma dos eventos internos e externos à Igreja na região, em que esteve representando a Igreja, e também o registro dos atos de governo por ele praticados neste primeiro biênio.

Neste relatório, o Bispo Luiz Vergílio, mesmo utilizando uma linguagem inclusiva e tendo dado ênfase a algumas situações de compromisso com a Doutrina Social da Igreja, deixa antever claramente a nova orientação teológico-pastoral que o Metodismo brasileiro está recebendo. É visível, neste relatório, uma caminhada rápida para um novo momento da Igreja, pois, ao mesmo tempo em que evidencia afastamento, consciente ou não, da doutrina histórica, aproxima-se da tendência neopentecostal que já está presente em grande parte das igrejas cristãs, inclusive no catolicismo brasileiro.

2.9 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVII Concílio Regional¹⁵¹

Como informado anteriormente, o Bispo Rozalino planejara sua aposentadoria após o exercício do episcopado na 2ª Região. O Bispo eleito, Luiz Vergílio Batista da Rosa, inicia seu relatório conduzindo seus ouvintes a uma reflexão sobre a conjuntura nacional e do estado gaúcho, fundamentando suas manifestações nos documentos da Igreja e principalmente na Bíblia.¹⁵²

Seguem alguns destaques que dizem respeito, principalmente, à ação missionária da Igreja, na sua atuação social, diaconal. Nestes relatórios não se percebe referência ao Plano para Vida e Missão da Igreja e ao Credo Social, nem orientação de seus ouvintes a procurar nestes documentos a orientação para sua vida cristã na sociedade em que a Igreja se encontra.

Em primeiro lugar, um dos eventos fundantes de qualquer comunidade de fé e de sua natureza organizacional é a experiência do encontro com o Sagrado [...]é a

¹⁵⁰ ROSA, 2003, p. 32.

¹⁵¹ ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVII Concílio Regional Referente ao Biênio 2004/2005. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXVII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2005.

¹⁵² ROSA, 2005, p. 41s.

garantia de nossa unidade, de nossa profissão de fé, de expressão de nossa espiritualidade, de nosso fazer comunitário.

Em segundo lugar [...] nossa herança de fé cristã, mediada pelo Metodismo, é fruto da Graça de Deus, que age no mundo [...]. O Espírito Santo sopra aonde quer [...] nos permite as vivências comunitárias de fé, que vão impregnar nossas vidas de novos símbolos, significados, valores morais e éticos, de rituais, de liturgia, de ecumenicidade. [...] A conjuntura política e econômica do País, vive os sobressaltos de uma estrutura endêmica, permeando as relações entre pessoas e o Estado. Cada vez mais fica evidente a importância das organizações não governamentais, das associações, das igrejas, sindicatos e organismos ecumênicos comprometidos com a construção de relações justas, de respeito aos direitos fundamentais à dignidade humana, de valorização de relações democráticas, solidárias, equânimes e éticas na sociedade.¹⁵³

Examinando o ministério de pastores e pastoras, destacam-se algumas de suas frases:

A vocação pastoral deve fidelidade doutrinária e observância da Canônica, cuidado com o pastoreio de vidas, do compromisso coletivo com a unidade da Igreja. [...] Percebo os pastores e pastoras empenhados e empenhadas no cuidar de suas vocações e do carisma pastoral, reconhecido pelo povo metodista, [...] buscando orientar bíblica-doutrinariamente as comunidades para que não sejam confundidas por qualquer vento de doutrina ou novidade religiosa. Destaco o esforço empreendido por pastores e pastoras...na reforma e construção de templos, residências pastorais, abertura de novas frentes missionárias. [...] Nossas comunidades locais, pastores e pastoras sofrem influências do universo evangélico, mais adequado a um mercado religioso que define o sucesso pastoral pela exaltação a personalidade do pastor e da pastora. [...]

Assim é que temos a Pastoral do Agricultor(a), da Juventude, da Criança, da Família, da Cidadania, Escolar e Instituições Sociais. É justo destacar a importância do trabalho realizado pela Pastoral do Agricultor. Elas (comunidades rurais) constituem uma parte significativa do povo metodista que não tem tido a visibilidade adequada da atenção que damos aos entornos urbanos [...] Há uma pujante Igreja Metodista Rural, famílias de pequenos agricultores, que lutam para se manterem no campo, buscando alternativas sustentáveis em meio a um Estado de monocultura e de imensos latifúndios.¹⁵⁴

Quanto ao trabalho do Departamento Regional de Crianças, o Bispo Luiz refere que o “biblicista e Pastor Milton Schwantes tem afirmado que a infância pobre, na Bíblia, é a mais importante chave (hermenêutica) para a compreensão do que significa ter a presença do Reino de Deus entre nós; Reino se manifesta, acima de tudo, pelo amor, justiça, paz e alegria”. Ele almeja que sejam “incluídas como protagonistas de nossos cultos”.¹⁵⁵

Na conclusão de seu relatório, Bispo Luiz conduz a uma reflexão quando diz:

A vida humana não cabe numa agenda, nem pode se esgotar num relatório. A vida é movida por sentimentos, por sonhos, lutas, relacionamentos que se fazem, relações que se desfazem; acima de tudo, a vida é feita de lutas e de esperanças. A vida da

¹⁵³ ROSA, 2005, p. 41s.

¹⁵⁴ ROSA, 2005, p. 45s.

¹⁵⁵ ROSA, 2005, p. 47.

Igreja não acontece apenas nos eventos, nas reuniões, nos documentos. A vida se faz no partir do pão, nas orações, no abraço fraterno, no acolhimento materno, na escola dominical sem professor, no discipulado sem aluno, no retorno do Guillermo e do Arturo; na prisão do Nê – um jovem que, quando criança de rua, foi atendida, com dignidade, por um de nossos projetos sociais.¹⁵⁶

Convém o esclarecimento de que Guillermo e Arturo são filhos de uma pastora metodista, sequestrados pelo pai, de quem a mãe havia se separado. Nê é o apelido com que era conhecido um dos meninos participante do projeto Meninos de Rua, que havia na Igreja Wesley, em Porto Alegre. Quando a pastora Elza Zenkner, em cujo pastorado fora criado o projeto, foi transferida, em pouco tempo foi extinto o trabalho social. Dos meninos, que estavam sendo recuperados de diversos problemas, alguns foram assassinados, outros se converteram a igrejas pentecostais, alguns conseguiram estudar e hoje trabalham e um ou outro se manteve em sua casa.¹⁵⁷

2.10 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVIII Concílio Regional¹⁵⁸

O objetivo deste trabalho é examinar os relatórios episcopais para constatar se estão sendo atendidas orientações da Doutrina Social da Igreja. Observa-se, de início, que a ênfase do Bispo Luiz está deslocada para o relato de atividades e projetos gerais, sem o calor da emoção que manifestou no relatório anterior.¹⁵⁹ Em dois anos, mudaram-se as prioridades do Bispo ou mudou a Igreja?

Seus comentários sobre a Coordenação Regional de Ação Missionária – COREAM são muito genéricos, com ênfase nas questões administrativas, como que a encontrar responsáveis pela situação desconfortante. No final de seu relatório sobre o Ministério de Ação Episcopal – MAE, apresenta um desafio que demonstra o que lhe é importante no momento: “O MAE, junto com outros segmentos regionais, tem organizado, neste último ano, eventos que desafiem a Igreja a ser uma comunidade de adoração e de serviço; uma comunidade de adoradores e adoradoras que adorem a Deus em espírito e em verdade”.¹⁶⁰

Importante destacar a preocupação para que o Instituto Teológico fique sob a tutela do MAE, órgão este ligado diretamente ao bispo. Parece demonstrar um interesse em

¹⁵⁶ ROSA, 2005, p. 51.

¹⁵⁷ Conforme informações ouvidas de um grupo de ex-participantes daquele trabalho, que hoje estão bem sucedidos, em visita de gratidão que fizeram ao casal Revda. Elza e Egon Zenkner.

¹⁵⁸ ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVIII Concílio Regional Referente ao Biênio 2006/2007. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXVIII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2007. p. 41-57.

¹⁵⁹ ROSA, 2007, p. 41.

¹⁶⁰ ROSA, 2007, p. 41ss.

centralização da única instituição que trabalha na orientação das questões teológicas e pastorais, influenciando diretamente na linha de ação dos pastores e pastoras, mas também leigos e leigas, que buscam capacitação para o serviço na Igreja. Ao apresentar seu relatório sobre os órgãos de ação pastoral e administrativa, o faz de forma tão sucinta que pouco explicita sobre o que de fato foi trabalhado. Faz isso da seguinte forma, não demonstrando qualquer sentimento significativo: “*Ministério de Ação Social – É responsável pelo apoio às instituições sociais e assessoria regional nesta área. Com a criação da Rede Regional de Instituições Sociais e Educacionais este ministério necessita adequar-se a esta nova configuração regional*”.¹⁶¹

Fica o questionamento: se a Rede já existe, por que não ocorreu ainda a adequação necessária para a eficiência da ação social na Região? Faltaram condições materiais ou a ação social, principalmente quanto ao trabalho com crianças empobrecidas, não é mais prioridade para a Igreja, como o Concílio Regional decidira anteriormente?

Sobre a Pastoral do Agricultor/a, bispo Luiz Virgílio Batista da Rosa diz que “é responsável pela promoção da dignidade humana das comunidades situadas na área rural”.¹⁶² Como se comprovou no decorrer da pesquisa para este trabalho, a Pastoral do Agricultor existe desde o episcopado do Bispo Isac Aço. Portanto, a afirmativa acima torna-se desnecessária. O que um relatório deve conter são os registros de ações concretas daquilo que compete ser realizado. Ficam faltando estas informações.

Já sobre a Pastoral da Cidadania afirma que “é responsável pela representação da Igreja junto à sociedade civil e de estado em fatos e eventos relacionados à justiça e aos direitos da pessoa humana”.¹⁶³ Observa-se que este relatório está incorrendo no equívoco de apresentar as competências, o que deveria estar presente no Regimento Regional. Aqui, neste relatório a um concílio, esperava-se receber informações, análises e perspectivas sobre as ações e projetos do coordenador e da Igreja como um todo. Em que momento isto acontecerá? Se não for neste Concílio, será somente no próximo?

O bispo Luiz Virgílio Batista ainda fala sobre Pastoral de Combate ao Racismo: “é responsável por promover a conscientização das raízes de consequências do racismo e da discriminação, propondo ações de diálogo e inclusão”.¹⁶⁴ Os comentários feitos às pastorais

¹⁶¹ ROSA, 2007, p. 45

¹⁶² ROSA, 2007, p. 45.

¹⁶³ ROSA, 2007, p. 45.

¹⁶⁴ ROSA, 2007, p. 45.

anteriores servem também para esta. E a pergunta permanece: quando e como os conciliares obterão as informações sobre o que tem sido realizado por esta pastoral?

Sobre a Pastoral da Família se resume a dizer: “é responsável por promover a valorização e a comunhão da família metodista, face aos desafios do distanciamento e da desagregação familiar”.¹⁶⁵ Esta bonita definição de competência não aborda o que a Igreja precisa e deseja saber sobre tão importante forma de apoio às famílias. Não seria a ocasião para demonstrar a sua razão de existir?

Todas estas questões acima apresentadas baseiam-se somente nos órgãos e pastorais que possuem, na sua essência, a responsabilidade de orientar a Igreja na sua ação de fidelidade ao compromisso social como uma das formas de testemunhar o amor de Deus pela humanidade e pelo ser humano, individualmente. Os demais órgãos, pastorais ou instituições têm competências diferentes do compromisso social, por isso não são abordadas neste trabalho.

Bispo Luiz segue seu relatório trazendo à memória expectativas e projeções para os dois últimos biênios transcorridos até esta data. Comparando-as entre si, declara que houve avanços e conquistas, não muito significativas, mas legitimadoras do que havia sido planejado. Algumas dificuldades percebidas parecem uma busca de identificação dos responsáveis pelos problemas. Com isto, afirma a

[...] necessidade de uma maior interação e comunhão entre os membros do ministério pastoral e estes para com os membros de sua Igreja Local. A necessidade de fortalecer-se o carisma pastoral e episcopal era desafio percebido pela avaliação. [...] Quanto ao ambiente externo, vivíamos o sobressalto das denúncias sobre corrupção permeando relações entre pessoas e o Estado.¹⁶⁶

O Bispo Luiz cita uma frase ouvida em reunião do Conselho Latino-Americano de Igrejas – CLAI: “Estão roubando os nossos sonhos, mas não a nossa esperança”.¹⁶⁷ Considere-se como positiva a constatação de que

Vivíamos o pleno advento das igrejas neopentecostais, com a sua sedução de mídia e mercantilização religiosa. A Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas revelou a

¹⁶⁵ ROSA, 2007, p. 46.

¹⁶⁶ Refere-se à Avaliação Institucional ocorrida em década anterior, que propunha um Planejamento Estratégico apontando ênfases com metas mensuráveis e sugestões de ações concretas. Não há registros sobre avaliação do referido Planejamento. Avaliações ocorrem anualmente, mas, observa-se pessoalmente, são desvinculadas entre si, não havendo uma continuidade e nem o necessário *back up*, retorno às comunidades locais. ROSA, 2007, p. 51.

¹⁶⁷ ROSA, 2007, p. 51.

necessidade de discutir-se o ecumenismo como movimento de base em contraponto aos acordos e diálogos ecumênicos de cúpulas e organismos.¹⁶⁸

Logo após, Bispo Luiz manifesta, no relatório, a sua indignação com a decisão do 18º Concílio Geral ocorrido em 2006, que abalou não somente uma grande parte dos membros, pastores e pastoras da Igreja Metodista, mas irmãos e irmãs de outras igrejas, que se manifestaram constrangidas. A decisão foi pelo rompimento de relações e retirada da Igreja Metodista de organismos que tenham a presença da Igreja Católica. Assim se manifesta Bispo Luiz: “este fato trouxe constrangimentos, considerando a relação próxima que sempre tivemos, especialmente pelo companheirismo do Arcebispo Metropolitano, Dom Dadeus Grings”.¹⁶⁹

Porém, como Bispo da Igreja, manifesta-se submisso, mesmo não concordando, e com esperança do conserto que poderá advir. A seguir, Bispo Luiz indica alguns “aspectos” em relação ao futuro:

[...] os desafios dos tempos que vivemos exigem o exercício de uma espiritualidade comprometida, pública, corajosa, alicerçada em amor, protagonista de justiça, portavoza de esperança [...]. Como Igreja cristã, que a oração, o jejum, o estudo e meditação na Palavra, a adoração a Deus [...] aliados à solidariedade para com os sofrimentos humanos e ao projeto redentor e salvador de Jesus Cristo [...] precisamos vencer a tentação do secularismo, do consumismo, do estender tendas permanentes no deserto. A Igreja deve anunciar a Parousia, a plenitude dos tempos, a plenitude do Reino, a vida eterna com Deus. [...] Somos peregrinos e peregrinas, portanto companheiros e companheiras de uma jornada que não se esgota aqui. [...] Zelo pastoral para com a identidade do movimento metodista e as normativas da Igreja. O cuidado e o zelo pastoral expressa-se no pastoreio com as crianças, juvenis, jovens, adultos e as pessoas idosas. [...] fundamental a presença e participação de uma liderança leiga, comprometida, disposta a “vestir a camisa de sua comunidade local”.¹⁷⁰

Posteriormente, Bispo Luiz lembra compromissos missionários. Cita doze. Constatase que onze buscam crescimento para dentro da Igreja, isto é, aumento do número de membros. Torna-se evidente que, em assim fazendo, o encaminhamento episcopal aponta para busca de crescimento de satisfação de egos e de interesses pessoais e não para anunciar o amor salvífico de Deus, nem para servir o povo que está dentro e fora da Igreja, carente da demonstração concreta, em atos e palavras, do amor divino. Dentre os compromissos missionários indicados, fazendo-se um esforço profundo, encontra-se um que pode ser

¹⁶⁸ ROSA, 2007, p. 52.

¹⁶⁹ ROSA, 2007, p. 52.

¹⁷⁰ ROSA, 2007, p. 54s.

relacionado com a Doutrina Social do Metodismo: “fortalecer e promover a ação da igreja local como comunidade cristã de dons e ministérios, inserida no mundo”.¹⁷¹

O Programa Dons e Ministérios surgiu nos anos 1980 como uma estratégia para a Igreja colocar em prática os documentos recentemente aprovados e que não tinham unanimidade de aprovação internamente. Buscando fundamentação bíblico-teológica que tornasse possível a implementação do Plano para a Vida e a Missão da Igreja, das Diretrizes para a Educação e o próprio Credo Social, o Programa criava condições de a Igreja ser Serva, estar no mundo a serviço do povo e ali, em palavras e atos comprometidos, anunciar o amor de Deus e sinalizar o Seu Reino. Por isso, entende-se como vago e impreciso o “compromisso” acima, que, de fato, proporciona várias interpretações.

2.11 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXIX Concílio Regional¹⁷²

Este é o relatório episcopal ao Concílio Regional que antecede o Concílio Geral, marcado para julho de 2011. Além da descrição de atos episcopais específicos, como visitas, contatos, viagens e encontros, Bispo Luiz se preocupa em apresentar a sua compreensão da realidade no sentido mais amplo, mas também especificando a situação na Segunda Região.

A seguir, alguns destaques considerados significativos para abordagem por esta pesquisa.

Em tempos confusos, a Palavra de Deus nos desafia a discernir os tempos [...] A palavra “discernir”, teologicamente, significa: examinar cuidadosamente e interpretar além das aparências.[...] Ao final da primeira década do século 21, vivemos o completo desencanto das grandes utopias e discursos da modernidade, sobre as possibilidades de uma sociedade humana justa e solidária. Os ideais que nutriam os sonhos do capitalismo e do neoliberalismo econômico, [...] fracassaram. Os projetos de um Estado gestor e promotor da justiça e da equidade entre as pessoas, também soçobraram [...] vive-se um período de desconstrução desses ideais, preconizados pelos pressupostos da igualdade, fraternidade e liberdade, valores caros aos direitos fundamentais da pessoa humana.¹⁷³

Bispo Luiz, falando pastoralmente à Igreja representada no Concílio, revela ter conhecimento dos graves problemas que a sociedade brasileira, também a gaúcha, enfrenta cotidianamente. Refere-se à violência, ao rompimento de relações afetivas, ao enorme número de maus tratos e assassinatos de crianças, adolescentes, idosos. Demonstra saber do processo

¹⁷¹ ROSA, 2007, p. 55.

¹⁷² ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXIX Concílio Regional Referente ao Biênio 2008/2009. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXIX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2009. p. 42-56.

¹⁷³ ROSA, 2009, p. 42s.

de mercantilização religiosa, da “diluição de valores éticos e morais”, do dismantelamento dos princípios de autoridade e compromissos comunitários. Ressalta que o tempo é de relativização da verdade e de intolerância com opiniões divergentes.¹⁷⁴

A seguir, examinando a Igreja, considera haver “descaracterização das eclesiologias oriundas dos movimentos de reforma dos séculos 16 e 18, no qual se inclui o metodismo” e que o mercado religioso dentro do mercado globalizado, tem permitido a entrada desta nova eclesiologia de forma anárquica na estrutura das igrejas históricas. É o que denomina de “teologia anti-bíblica da prosperidade, que não considera o sofrimento e a cruz de Cristo que, como Filho de Deus não tinha onde reclinar a cabeça”.¹⁷⁵

A apatia de maioria dos membros de igrejas históricas se manifesta com a não participação em cultos, escola dominical e atividades das suas comunidades. Com tudo isto ocorrendo, Bispo Luiz reconhece que proporciona o crescimento do congregacionalismo. Faz sua confissão de fé na necessidade de um movimento que conduza a um genuíno avivamento.¹⁷⁶

Bispo Luiz parece sinalizar uma esperança ao povo metodista gaúcho quando lembra que a Graça de Deus se direciona ao ser humano que está em desgraça.¹⁷⁷ Por fim, Bispo Luiz orienta os metodistas gaúchos para que se voltem com firmeza ao conhecimento e à vivência da teologia bíblica wesleyana como a maneira de resistir aos “ventos de doutrinas” (Ef 4.14). Manifesta-se com uma das expressões mais significativas para os metodistas de todo o mundo: “O melhor de tudo é que Deus está conosco!”¹⁷⁸

O relatório do Bispo Luiz prossegue, mas somente para comunicações sobre seus atos, reuniões, visitas, viagens. Não aborda mais o que apresentou na abertura de sua mensagem a este Concílio. Entre este Concílio Regional e o próximo ocorreu o 19º Concílio Geral que o elegeu pela terceira vez para o episcopado.

¹⁷⁴ “Continuamos a conviver numa sociedade humana e desigual, onde uma a cada sete pessoas no mundo passa fome”. ROSA, 2009, p. 43.

¹⁷⁵ ROSA, 2009, p. 43.

¹⁷⁶ “reacenda a paixão missionária e a compaixão pelos sofrimentos e as dores humanas [...] em busca da santidade pessoal e social. [...] Creio que o melhor de Deus para as nossas vidas e para a vida e a missão da Igreja está por vir. Esta é a nossa Paróquia [...] vivemos um período confuso na história. Tempo do Deus sem-teto (sem igreja) do homem e da mulher sem pecado (pecado gera culpa, depressão) e futuro sem juízo (o céu e o inferno não existem; e, se existirem, estão por aqui mesmo) [...] os evangélicos perderam a sua dimensão de comunidade peregrina. ROSA, 2009, p. 44.

¹⁷⁷ “A doutrina da Graça nos remete ao compromisso missionário, a presença cidadã no mundo, anunciando o juízo, a justiça e os sinais do Reino”. ROSA, 2009, p. 44.

¹⁷⁸ Declaração de John Wesley, pouco antes de sua morte, em 2 de março de 1791, conforme consta em trechos do Diário de João Wesley. WESLEY, 1965, p 237.

2.12 Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XL Concílio Regional¹⁷⁹

Novamente, como demonstra ser seu costume, inicia o relatório ao Concílio Regional, o primeiro após sua segunda reeleição, abordando a conjuntura no país, mas, desta vez, com grande ênfase à situação da Igreja regional.

Nosso olhar evidencia e determina a direção para a qual estamos focados(as) [...] somos livres para desfrutarmos deste mistério da comunhão do espírito humano com o Espírito Divino. Isto é intransferível e indizível. Esta experiência de transcendência, humano-divina, não nos retira da realidade; do olhar para o mundo concreto, para os desafios cotidianos da vida em sociedade.¹⁸⁰

Bispo Luiz refere-se às manifestações dos desempregados e dos pobres, tanto nos Estados Unidos como na Europa.

As questões humanitárias e de direitos humanos continuam sendo determinadas por interesses econômicos. Países emergentes como o Brasil, passam a ser protagonistas de novas possibilidades de desenvolvimento, na medida em que buscam aliar crescimento econômico e políticas de preservação, com práticas sociais de distribuição de rendas.¹⁸¹

Comentando o primeiro pronunciamento da presidente Dilma Rousseff no plenário da Assembleia Geral da ONU – Organização das Nações Unidas, Bispo Luiz reconhece sensibilizado em parte (porque certamente a manifestação da presidente fora para sensibilizar homens e mulheres) que

[...] na perspectiva de uma mulher, o desemprego não é apenas uma estatística. Ele golpeia, disse ela, nossas famílias, nossos filhos e cônjuges. Tira a esperança e deixa a violência e a dor [...]. É neste contexto que, como metodistas, somos desafiados(as) a sermos uma comunidade de discípulas e discípulos nos caminhos da missão, cumprindo o mandato missionário de Jesus.¹⁸²

O que está acima, destaque-se, é conteúdo que parte do tema/lema aprovado no Concílio Geral para a Igreja Metodista no Brasil executar durante os próximos cinco anos. Quando se recorda que o metodismo brasileiro está desautorizado pelo Concílio Geral anterior de participar de atividades ecumênicas nas quais compareça a Igreja Católica, a frase acima diminui mais significativamente o espaço e a forma de ação da Igreja junto ao povo. Conflita

¹⁷⁹ ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao LX Concílio Regional Referente ao Biênio 2010/2011. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas e Documentos do XL Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2011. p. 1-21 (ainda não impresso).

¹⁸⁰ ROSA, 2011, p. 1.

¹⁸¹ ROSA, 2011, p. 2.

¹⁸² ROSA, 2011, p. 2s.

diretamente com todos os documentos até então colocados em prática pelos metodistas brasileiros, mesmo que de forma gradativamente diminuta nos últimos anos.¹⁸³

Quando o Bispo apresenta o que chama de Estado Geral da Região¹⁸⁴, refere-se ao exame da execução pelas igrejas locais e instituições do Plano de Ação Regional do biênio 2006-2007, elaborado a partir de Avaliação Regional que ocorria ao final de cada biênio. Relata o Bispo Luiz que houve evidências de um “ciclo permanente de falta de compromisso e paixão missionária, notadamente na prática dos dízimos e ofertas [...] e na pouca unidade de ações pastorais integradas num objetivo comum de pastoreio e de atendimento às determinações conciliares e canônicas”.¹⁸⁵

Segundo o Bispo, estes acontecimentos geraram enfraquecimento do corpo pastoral, que é o responsável pela unidade e identidade do metodismo gaúcho. Referiu-se à “cultura” de acomodação, seguida de congregacionalismo e de indisciplina, o que comprometera esforços empregados, impedindo a realização de etapas propostas. Também se referiu aos metodistas gaúchos como hábeis e apaixonados para discutir e teorizar, mas pouco eficientes na execução.¹⁸⁶ E garante que, se houvesse o cumprimento de etapas, as estatísticas revelariam melhores resultados.

Já para o biênio que finda, reconhece que a estatística é mais apreciável, havendo aumento no número de membros e na arrecadação de dízimos e ofertas. No entanto, ao examinar os dados referentes à organização das igrejas locais em que os membros devem assumir os ministérios locais, Bispo Luiz assim se expressa de maneira incisiva e questionadora: “como esta tarefa é de iniciativa pastoral, o dado demonstra pouco ou nenhuma iniciativa nesta direção”.¹⁸⁷ E acrescenta:

Esta percepção foi acompanhada de outros indicadores recorrentes: indisciplina no não atendimento às solicitações da Sede Regional e dos Órgãos Regionais [...] pouca oportunidade de participação leiga nos cultos e celebrações, pouco intercâmbio entre pastores(as) e suas igrejas locais e a carência de novas lideranças leigas.¹⁸⁸

O Bispo enumera sete ênfases elaboradas no 39º Concílio Regional para ser agora avaliadas neste 40º Concílio. Observa-se que nenhuma destas ênfases diz referência ao

¹⁸³ “PVMI”, “Credo Social”, “Diretrizes para a Educação” e até documentos anteriormente produzidos pelo Colégio Episcopal.

¹⁸⁴ ROSA, 2011, p. 3. Subtítulo 2 do Relatório Episcopal.

¹⁸⁵ ROSA, 2011, p. 3.

¹⁸⁶ ROSA, 2011, p. 4.

¹⁸⁷ ROSA, 2011, p. 4.

¹⁸⁸ ROSA, 2011, p. 4s.

compromisso evangélico de a Igreja ser o Corpo Vivo de Cristo, fazendo tudo o que ele faria e muitos outros aspectos evangélicos. Já no 38º Concílio Regional, apenas uma das ênfases se aproximava da orientação do Plano para a Vida e a Missão da Igreja, do Credo Social e outros documentos-base da Doutrina Social metodista. No entanto, a ênfase número dois, agora apontada, é Ação Educativa¹⁸⁹ e a orientação nela contida aponta para ação social concreta. Por ter uma indicação e realizar outra ação, acaba não acontecendo nenhuma nem outra.

A seguir, o Bispo Luiz faz seu relato sobre as atividades intituladas Ação Pastoral e Ministério Pastoral. Chama a atenção para o fato de que todos devem cumprir leis canônicas, assim como decisões dos colegiados e órgãos superiores (leia-se Concílio Geral e Colégio Episcopal) e exige dos pastores e pastoras “fidelidade à Igreja, confiança nas decisões conciliares, transparência e integridade nas atitudes e relacionamentos.” Por fim, confessa que “a mim incomoda é a hipocrisia, a dubiedade de procedimentos, a indisciplina, a calúnia”.¹⁹⁰

Para o Bispo Luiz, o fato de haver diversidade de teoria e prática teológica não pode servir de impedimento para a unidade doutrinária, o compromisso com as normas e costumes metodistas, bem como não pode colocar alguns pastores e pastoras sentindo-se superiores aos demais. Reconhece que a Segunda Região está vivendo outro momento de sua história, mas afirma ser preciso que pastores e pastoras lembrem que “vocação é chamado de Deus e não profissão eclesiástica”.¹⁹¹

Uma de suas últimas palavras neste relatório é “Se não for por convicção, teremos que praticar a conexidade por necessidade e decisão superior”.¹⁹² Em vista do entendimento sobre o conteúdo e a ênfase empregada no relatório, entende-se esta palavra mais como imposição do que por convicção a ser conquistada: “Não há mais tempo para teorizar sobre missão. Ela precisa ser feita. Esta será nossa prioridade”.¹⁹³

2.13 Avaliação do conjunto dos relatórios

Este é o último relatório episcopal até o presente momento. Em uma avaliação final do conjunto dos relatórios, fica a constatação de cumprirem-se as observações iniciais sobre a caminhada da Igreja Metodista na Segunda Região Eclesiástica.

¹⁸⁹ “Ação Educativa – visando agir integralmente, em serviço, na construção de um novo mundo, de uma nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz”. ROSA, 2011, p. 5.

¹⁹⁰ ROSA, 2011, p. 6.

¹⁹¹ ROSA, 2011, p. 7.

¹⁹² ROSA, 2011, p. 19.

¹⁹³ ROSA, 2011, p. 20.

A devida avaliação sobre estas observações dos relatórios episcopais é objeto de estudo no capítulo terceiro deste trabalho de pesquisa. Ali apresentarei propostas e sugestões para a Igreja Metodista na Segunda Região voltar a fundamentar sua ação missionária também nos documentos Plano para Vida e Missão da Igreja, Credo Social, entre outros. É preciso retornar à realização de ações que se fundamentam na Doutrina Social da Igreja Metodista, historicamente reconhecida por lideranças de outras igrejas e também civis, como corajosa e avançada, pois muito significativa ao povo empobrecido, marginalizado e excluído, que ainda compõe um grande percentual na população brasileira.

Influências de linhas teológicas não metodistas, fundamentalmente contrárias à história e teologia doutrinária metodista, e outras de cunho radicalmente conservador, estão interferindo na Igreja Metodista. Não há documentos para comprovação de tal afirmativa. São constatações pessoais e de compartilhamento com outras pessoas. De maneira ainda não organizada, há homens e mulheres manifestando suas opiniões e demonstrando insatisfação com a entrada de movimentos de outras orientações no meio metodista. No momento oportuno, serão referidos. A constatação pessoal baseia-se em observações e na atividade de vários anos no pastorado da Igreja Metodista. O que se ouve como alegação principal para permitir o assédio teologicamente alienista, apesar de não reconhecido por quem assim se manifesta, é de que a linha popular e social da Igreja não proporcionou crescimento numérico. No entanto, basta olhar os registros históricos e se constata que o alvo de chegar a 100 mil membros no Brasil já era buscado antes mesmo da década de 1970. Portanto, esta tese pode ser facilmente derrubada.

Na Segunda Região, a liberdade para esta nova maneira de ser Igreja, que não leva em consideração a própria Doutrina Social e a história de bases wesleyanas, começou a encontrar espaço já no segundo mandato do Bispo Stanley Moraes. Talvez esta resistência que a Igreja na Segunda Região demonstra nos últimos tempos à postura de compromisso social e comunitário dos documentos da Igreja Metodista tenha sido um dos pontos determinantes para sua não reeleição no 15º Concílio Geral.

O que tem causado tal mudança na Igreja Metodista? Este poderá ser o ponto de partida de outra pesquisa.

3 PROPOSTAS À IGREJA METODISTA NA SEGUNDA REGIÃO ECLESIÁSTICA PARA RE-ASSUMIR COMPROMISSO MISSIONÁRIO EVANGELIZADOR E SOCIAL COM A RADICALIDADE DO EVANGELHO DO REINO DE DEUS

É objetivo deste trabalho, não o único, apresentar as bases bíblicas, confessionais e históricas da Doutrina Social da Igreja Metodista no Brasil, examinar os relatórios episcopais dos últimos Concílios Regionais da 2ª Região Eclesiástica e trazer aos metodistas do Rio Grande do Sul, à luz de tudo isto, desafios concretos para realização de ações missionárias comprometidas com o Reino de Deus, conforme o que está seriamente trabalhado nos documentos da própria Igreja, para comunicar o amor de Deus de forma mais visível, tendo como finalidade última uma evangelização que responda às necessidades da humanidade nos dias atuais.

Dos relatórios episcopais referidos nos capítulos anteriores, foram apresentados os aspectos em que se observa a preocupação maior ou menor do atendimento episcopal aos temas propostos pela Doutrina Social da Igreja Metodista, através do Credo Social e demais documentos da Igreja.

Ao referenciar o Credo Social, não se está tão somente abordando uma declaração de fé social. Assim agindo, certamente estar-se-ia empobrecendo a busca da verdadeira evangelização, da autêntica espiritualidade. Caso o Credo Social fosse reconhecido como está nos Cânones¹⁹⁴, ele deveria ser parte obrigatória das liturgias nas celebrações dos metodistas ou pelo menos nas mais importantes. Mesmo que originalmente este tivesse sido o compromisso dos celebrantes, já há tempos não se percebe preocupação ou interesse em que a declaração de fé social da Igreja Metodista, que tem um conteúdo profundamente evangélico e teológico de compromisso com o sofrimento das populações, seja lida, proferida ou mesmo abordada nos cultos nas igrejas metodistas.¹⁹⁵

Quando homens e mulheres ingressam na Ordem Presbiteral da Igreja Metodista, entre as promessas e votos prestados está o cumprimento dos preceitos legais contidos nos Cânones da Igreja Metodista.¹⁹⁶ Tanto o Credo Social quanto o Plano para Vida e Missão da Igreja compõem o conjunto de regras a que leigos e clérigos devem dar o devido cumprimento, mas principalmente estes últimos “cumprirão e farão cumprir” estas normas.

¹⁹⁴ IGREJA METODISTA, 2012, p. 31.Art.4, par. 2.

¹⁹⁵ Helmut Renders aborda este tema no texto Credo e Compromisso sobre o uso litúrgico e a designação do “Credo” Social da Igreja Metodista. RENDERS, 2003. p. 51-73.

¹⁹⁶ IGREJA METODISTA. *Admissão ao Presbiterado*. Ritual da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2001. p. 102.

Por outro lado, deve-se reconhecer que a Igreja Metodista não prima por exigência de cumprimento a regras litúrgicas. Não é por ausência de ritos para as celebrações religiosas. Eles existem. São bonitos, cativantes e de profunda espiritualidade. O que falta é seriedade, compromisso com os ritos metodistas ou aceitos pela Igreja Metodista, e exigência de cumprimento por todas as pessoas que têm o dever de valorizá-los, cumprindo-os. Um exemplo lamentável, mas verdadeiro, é a consciente ignorância do Calendário Litúrgico, que é universal, tradicional e ecumênico. Apesar destas características que somente o enriquecem, constato que tem sido solenemente ignorado por uma parte significativa da Igreja Metodista, o que se observa em celebrações litúrgicas de determinadas comunidades.

Por isso, diante de tamanha indefinição e da não devida valorização da história, é possível observar a diferença quanto à abordagem entre os bispos que têm presidido a Segunda Região nas últimas décadas, a respeito de diversos temas, em especial, sobre a ação missionária comprometida com a Doutrina Social da Igreja Metodista. Esta doutrina está implícita em algumas manifestações, o que se pode observar nos relatórios referidos. No entanto, não com o destaque devido, mesmo com todas as situações de injustiça social para com a Criação (pessoas e meio ambiente, principalmente), ainda tão visíveis na terra brasileira. É evidente que a apresentação dos relatórios episcopais aos concílios regionais é o espaço e o momento de ocorrerem as devidas análises e avaliações do cumprimento das leis canônicas. É o momento do que se pode intitular como “prestação de contas”. Como se observa no capítulo anterior deste trabalho, nota-se visível e crescente desinteresse por aquilo que, em determinadas circunstâncias, parece ser considerado apenas como “parte da estrutura legalista da Igreja Metodista.”

É provável que esteja neste ponto um dos motivos que facilitaram o distanciamento da Igreja Metodista atual daquela que lhe deu origem. Certamente é um, mas outros mais atuais também são responsáveis. Este pode ser um tema para outro trabalho de pesquisa. Se nem tudo o que Wesley pregou e orientou cabe aos tempos de hoje, por outro lado, muito do que ele e seus discípulos fizeram pode também ser realizado agora.

Assim sendo, entendo que determinados pontos são merecedores de atenção, antes de serem indicadas algumas propostas de ação missionária relacionadas à Doutrina Social na vida da Igreja Metodista na segunda Região Eclesiástica:

a) A Doutrina Social é pouco referenciada nos meios eclesiais da Igreja Metodista. Expressa pelo Credo Social, é correto afirmar que ela é bem atual e atualizada. O Credo Social da Igreja Metodista dos Estados Unidos, que foi o precursor do Credo Social da Igreja

Metodista no Brasil, recentemente completou 100 anos (em 2008). Por outro lado, o Credo Social brasileiro foi atualizado e adaptado ao momento conjuntural, fazendo com que a Igreja Metodista tenha uma mensagem e uma ação que vão ao encontro daquilo que o povo brasileiro espera desta e de todas as igrejas e religiões: que saibam responder às suas dúvidas, apontar caminhos para o fim de suas misérias físicas e emocionais, bem como ser profeta do Senhor em nome do povo junto aos poderes constituídos. Estes, por sua vez, nunca são totalmente corretos e intocáveis, por mais que em seus discursos e pronunciamentos se intitulem como populares e justos. Por isso, é recomendável que Igreja não deva ser aliada deste ou daquele governo, mas manter o devido distanciamento do poder para ter condições de servir de porta-voz dos anseios populares.¹⁹⁷

Por outro lado, é forte a influência do movimento neopentecostal nas igrejas históricas. Isto faz com que estas igrejas passem por alguns retrocessos e mudanças comportamentais, tanto nas suas liturgias quanto nas suas ênfases teológicas e até doutrinárias. Os problemas sociais, as situações dos grupos sociais, a bíblia, a tradição e outros setores da vida humana passam a ser vistos com olhares “espiritualizantes”. Diante desta constatação, cabe desafio para que a Igreja Metodista recupere sua identidade e se preocupe menos com o esvaziamento dos templos como se este fosse o maior problema que possa existir.¹⁹⁸

Contemporâneo ao surgimento do Credo Social é o uso da expressão Evangelho Social, nos Estados Unidos, paralelamente às expressões Socialismo Religioso ou Socialismo Cristão, cuja origem está em países europeus.¹⁹⁹ O Credo Social surge como porta-voz na defesa dos direitos humanos e trabalhistas. Sem medo de cometer equívoco, pode-se afirmar que o Credo Social apresenta ou mesmo contém o programa do que se definia como Evangelho Social.

b) Desde as primeiras décadas do século XX, quando se intensificou a aproximação de igrejas de vertente cristã, ocorreu um despertar a respeito de tudo o que poderia ser

¹⁹⁷ No artigo 4º, parágrafo 2º, onde se lê: “A doutrina Social da Igreja Metodista expressa-se no Credo Social”. IGREJA METODISTA, 2012, p. 31.

¹⁹⁸ Sobre este tema ver MATTOS, Paulo Ayres. A relevante queda do crescimento evangélico revelado pelo Censo 2010. *IHU online*. São Leopoldo, 17 ago. 2012. Entrevista ao site do Instituto Humanitas, da Unisinos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512443-a-religiao-tambem-sofreu-um-processo-de-privatizacao-entrevista-especial-com-paulo-ayres-mattos>>. Acesso em: 16 mai. 2013. Há outras manifestações a respeito deste assunto por pastoras e pastores metodistas, também líderes de outras denominações como Roberto Gondim, da Igreja Assembleia de Deus Betesda.

¹⁹⁹ RENDERS, Helmut. Evangelho Social. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 410-412, à p. 410.

realizado em conjunto, visando apresentar resposta comum aos principais problemas que afligiam a sociedade brasileira. A partir de respostas a desafios concretos, embora paulatinamente, as igrejas foram tomando consciência de que ocupam lugar importante na sociedade, em meio aos conflitos entre grupos e classes sociais. As igrejas, Igreja Metodista inclusive, tornaram-se intermediárias entre setores em conflito. Com isto, adquiriram a consciência de seu relevante papel, como também da necessidade de expansão do horizonte de sua ação missionária. Em consequência desta ação concreta, foi percebida a necessidade de ocorrer abertura e possibilidade do espaço ecumênico mais formal e como ação missionária também. Para isso se concretizar, as igrejas protestantes, principalmente, mas católica também, partiram para formação e capacitação de pessoas que ocupariam a liderança do trabalho social diretamente comprometido com a população empobrecida; também ocorreu a organização de programas sociais comuns junto aos setores mais desprovidos da sociedade, indo além do assistencialismo, mas se direcionando para ações que viriam em benefício da massa popular. Como exemplo, cito o apoio aos movimentos dos sindicatos e associações de classe por melhores condições e salários de trabalhadores, movimentos de donas de casa, ações em favor de crianças desamparadas e/ou abandonadas. Mais adiante, apoio aos movimentos de reação ao golpe militar que propiciou a instalação de governo ditatorial no Brasil, como também em vários outros países da América Latina: Argentina, Chile e Uruguai, principalmente.

Dentro deste sentimento da necessidade de ação conjunta, as igrejas decidem por convocar consultas, sendo as duas primeiras em 1955 e 1957, respectivamente. A mais significativa dessas reuniões ocorreu em meio ao início do processo de implantação do governo ditatorial, no ano de 1962, que ficou conhecida como Conferência do Nordeste: *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*, que deu, ao protestantismo brasileiro, uma projeção inédita no cenário nacional.²⁰⁰

Posteriormente, com o advento dos regimes de segurança nacional em países da América Latina que estavam com governos totalitários e ditatoriais, a repressão estabelecida alcançou muitas lideranças religiosas, em todos os grupos onde entendiam haver oposição ao modelo de sociedade implantado. Rapidamente, ocorreram expurgos, demissões, destituições, em que líderes religiosos que aderiram aos governos repressores serviram de informantes e

²⁰⁰ A propósito, ver, entre outras obras: RENDERS, Helmut et al (Org.) *As igrejas e as mudanças sociais: 50 anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: ASTE, 2012.

representantes com poderes para perseguições explícitas ou na obscuridade de suas ações, muitas vezes sob o manto protetor de suas funções eclesiais.²⁰¹

c) A reapresentação do tema “espiritualidade” surge como a mística necessária à concretude do que se entende como “evangelho social”. Observa-se que teologicamente: a leitura dos profetas do Primeiro Testamento (outro nome para o Antigo Testamento) revela que eram considerados a “consciência social e os agitadores de sua época”;²⁰² e o Reino de Deus como Jesus Cristo ensinou no Pai Nosso - venha o teu Reino a nós e não “leve-nos ao teu Reino”²⁰³ – vem como resposta ao pedido para que ensinasse os discípulos a orar. Estas e outras críticas eram feitas nas décadas iniciais do século XX, que serviram, segundo Helmut Renders, citando Rubem Alves, como base histórica para o que, décadas após, seria a Teologia da Libertação.²⁰⁴ Na eclesiologia, a espiritualidade procura se expressar através da *koinonia* que é a abertura e a disponibilidade de serviço para o diferente, tanto pessoas de outras igrejas como pessoas não cristãs também. Nesta visão, Jesus é o modelo de humildade no serviço²⁰⁵ que supera e enfrenta toda forma de discriminação, apontando a esperança do Reino de Deus como realidade que não espera acontecer somente após a morte. A justificação pela fé é manifestada pela santificação, sinal da maior transformação esperada.²⁰⁶

d) A tradição metodista é portadora de ricas experiências, como também de conhecimentos que podem e devem ser valorizados e buscados ao se planejar a missão da Igreja, conforme consta em sua Constituição:

Parágrafo único – A Igreja Metodista cumpre a sua missão realizando o culto de Deus, pregando a Sua Palavra, ministrando os sacramentos, promovendo a fraternidade e a disciplina cristãs e proporcionando a seus membros meios para

²⁰¹ Sobre este tema existem muitos textos. A criação da Comissão da Verdade, pelo governo federal, está propiciando muitas manifestações a respeito das perseguições políticas dos anos de ditadura militar no Brasil, inclusive no meio religioso, principalmente. A propósito, leia-se da jornalista Magali Cunha: CUNHA, Magali: *Contra todo silenciamento e esquecimento – Memória de uma experiência de contra-informação religiosa*. Disponível em: <www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/MagaliNascimentoCunha>. Acesso em: 26 mai. 2013

²⁰² ‘Expressão de Rauschenbusch *apud* RENDERS, 2008, p. 411.

²⁰³ RENDERS, 2008, p. 411.

²⁰⁴ Este pensamento teológico revolucionário teve sua gênese a partir da abertura propiciada pelo Concílio Vaticano II, tendo como base uma igreja com linguagem distante de um povo que vivia à margem de tudo o que ele mesmo construía mas não usufruía. A primeira obra escrita, seguida de muitas outras, foi Teologia da Libertação, de Gustavo Gutiérrez, em 1971. ROCHA, 2008. p 962-965.

²⁰⁵ A propósito, ver GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, São Paulo: Paulus, 2001.

²⁰⁶ Expressão de Rauschenbusch, *apud* RENDERS, 2008, p. 411.

alcançarem uma experiência cristã progressiva, visando ao desempenho de seu testemunho e serviço no mundo.²⁰⁷

Isto vale tanto para o metodismo mais amplo, como também especificamente para o metodismo brasileiro. Desde Wesley, encontra-se suporte para dizer que a Igreja Metodista tem a sadia vocação de prestação de serviço público. É a vocação pública para o exercício de sua ação missionária.

Clovis Pinto de Castro, citando Míguez Bonino, afirma que “nossa identidade não se forja primeiramente numa identidade com o passado, mas na realização das tarefas presentes, e no compromisso com um projeto histórico (...) tampouco se forja sem o passado.”²⁰⁸ E continua Castro:

Um tempo novo não se faz sem memória, pois é ela que nos localiza no tempo e no espaço, nos diz quem somos, de onde viemos, resgata o passado para iluminar o presente e nos impede de cometermos certos equívocos [...] John Wesley, apesar de ser politicamente conservador, desenvolveu ao longo de sua vida – como consequência de sua compreensão da doutrina da salvação, com forte ênfase na santidade, especialmente na santidade social – uma sensibilidade solidária com os empobrecidos – manifestada não apenas como assistência social ou educacional, mas também como ação profética e pública.²⁰⁹

Hoje, é utilizada uma expressão que pode muito bem trazer à memória a mensagem wesleyana: é a expressão “dimensão do cuidado”. Também referido por Clovis P. de Castro, Leonardo Boff é autor do livro que aborda detalhada e claramente este tema: *Saber cuidar – Ética do Humano – Compaixão pela terra*.²¹⁰ Boff apresenta o significado da palavra cuidado: vem do latim *coera* ou *cogitare*, e tem os sentidos de cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e preocupação.²¹¹

E por que se aplica a Wesley? Porque Wesley sempre manifestou uma atenção especial para todo aquele que sofre, principalmente se for pobre. Wesley nunca se apresentou como reformador da estrutura social e política da Inglaterra, mas desejava sempre agir como um evangelista. Não pregava rebelião contra a monarquia, mas se posiciona abertamente contrário a certos procedimentos dos governantes. Uma atitude emblemática foi o fato de

²⁰⁷ Art. 3º, parágrafo único, dos Cânones de 2012-2016: “Definição de Missão”. IGREJA METODISTA, 2012, p. 30.

²⁰⁸ BONINO *apud* CASTRO, Clovis Pinto de. Viver na Dimensão do Cuidado. A relação entre santidade social e a vocação pública do metodismo. *Revista Caminhando*, UMESP, v. 8, n. 2, p. 272-286, 2003, à p. 273.

²⁰⁹ CASTRO, 2003, p. 273. Há também a ideia de uma igreja e fé cidadãs, conforme Clovis Castro em sua tese de doutorado – “Por uma fé cidadã”. CASTRO, Clovis Pinto. *Por uma fé cidadã – a dimensão pública da Igreja*. São Paulo e São Bernardo do Campo: Edições Loyola e Editora da UMESP, 2000.

²¹⁰ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – Ética do Humano – Compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

²¹¹ BOFF, 1999, p. 91.

condenar a escravidão de africanos e defender que fosse proibido aos portos ingleses receberem navios do tráfico. Provavelmente por levar muito responsavelmente sua vocação evangelizadora, não concebia situações de problemas sociais que pudessem contrariar sua compreensão da verdadeira evangelização. Ele estava atento aos acontecimentos políticos e sociais de tal forma que no seu entendimento a verdadeira evangelização só ocorria concomitante ao atendimento das necessidades pessoais e da sociedade onde as pessoas estavam. A Igreja, ao dar-se conta de sua presença no mundo, deve refletir sobre sua responsabilidade na e pela sociedade onde está inserida. Conforme Magali Cunha²¹², o teólogo Richard Niebuhr foi um dos teólogos que desenvolveram temas sobre a responsabilidade social da Igreja Metodista.

Cunha assim refere Niebuhr: “Publicou, em 1948, o ensaio ‘A responsabilidade da igreja pela sociedade’, no livro ‘O evangelho, o mundo e a igreja’.” Seguindo a ideia de Niebuhr, afirma que a “responsabilidade social cristã é abordar a essência do ser cristão” e “a responsabilidade social é afirmar o sentido de ser igreja”.²¹³ Continua a autora, citando Niebuhr: “Se alguém deve prestar contas a Deus, que prova os ‘corações e reinos’, então esse alguém deve responder por atos invisíveis, bem como por atos explícitos.”²¹⁴

Magali Cunha afirma também que

A responsabilidade é de toda a Igreja ou de todos os que se identificam como cristãos e cristãs e formam uma comunidade denominada Igreja: a sua membresia não pode delegar a responsabilidade social - destinar a ação social a um grupo de pessoas das igrejas (ministérios, comissões, instituições) e ter como realizada a sua responsabilidade por meio desse grupo; a responsabilidade é de todos/as; é coletiva.²¹⁵

Ao examinar os relatórios episcopais, é importante ressaltar que os bispos não são responsáveis sozinhos pela pastoral social da Igreja. Mas é notório como importante função do episcopado o chamado, o despertamento e a motivação dos membros da Igreja para, juntos, como comunidade do Corpo de Cristo, sem transferência de responsabilidades, participarem do pleno cumprimento da missão da Igreja, ordenada por Cristo.

²¹² CUNHA, Magali. O Credo Social e a Demanda por Responsabilidade Social Cristã na Contemporaneidade. In: RENDERS, Helmut (org.). *Sal da Terra e Luz do Mundo: 100 anos do Credo Social Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009. p. 129-141, à p. 129ss.

²¹³ CUNHA, 2009, p. 130.

²¹⁴ CUNHA, 2009, p. 131.

²¹⁵ CUNHA, 2009, p. 131.

Ainda citando Niebuhr, Magali Cunha alerta para o fato de que a Igreja tem historicamente afirmado

[...] que a ênfase individualista da fé e da salvação e a pastoral isolacionista da igreja podem ser classificadas como “irresponsabilidade cristã” [...] “a igreja busca responder a Deus, mas o faz somente para si mesma. Ela pensa de si mesma como o ser para quem ela deve responder e considera os grupos seculares com os quais vive como algo fora da preocupação divina.”²¹⁶

Ainda reconhecendo a importância da análise que é feita por Magali Cunha, com fundamento em Niebuhr, ressaltamos três características indicadas como necessárias a uma Igreja que reconhece seu papel de instrumento de transformação e salvação individual e social no mundo:

1) o princípio do discipulado, que é o tomar a sua cruz, chamar pessoas a Jesus, levando-as ao arrependimento de seus pecados e, como segundo passo, sentirem-se responsáveis por outros. É a *dimensão social da conversão*.

2) como segunda característica, a *dimensão do apostolado*. Conhecida a sociedade da qual é parte, esta dimensão leva a atender a necessidade indicada pela ética cristã, devendo assumir seu papel na sociedade, e fazer a diferença, conforme lembrado por Magali Cunha, nas palavras de Paulo a Timóteo (I Tm 6.10-11): “Tu, porém segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão”.

3) por fim, conhecendo a realidade, a Igreja torna-se responsável por atender às demandas e carências dos indivíduos, tanto quanto trabalhar para a transformação de estruturas sociais opressoras e criadoras destas mesmas carências. Como diz Niebuhr, referido por Cunha: é a *dimensão da Igreja pastora*, que cuida da sociedade como seu rebanho porque conhece suas necessidades, suas dores e expectativas.²¹⁷

A seguir, passo a indicar algumas ações possíveis, referidas por Magali Cunha como “ações urgentes, responsáveis e possíveis” para a Igreja engajar-se corajosamente na sociedade atual:

- Reafirmar e viver a dimensão ecumênica: a necessidade de unidade entre cristãos/ãs para o testemunho concreto da fidelidade a Deus em sociedade.
- Desenvolver uma educação cristã que inclua a perspectiva social.

²¹⁶ CUNHA, 2009, p.132s.

²¹⁷ CUNHA, 2009, p. 137.

- Estabelecer a relação fé-política como elemento fundamental para o engajamento social cristão, com recuperação da dimensão política como busca coletiva de soluções transformadoras.
- Compreender a relação fé-política a partir da ação política não-partidária: organização da sociedade civil (organismos e movimentos) e o lugar da Igreja nesta dimensão.
- Com isso, destacar a relação da Igreja com os conselhos sociais (populares, comunitários, municipais, estaduais – alimentares, de saúde, de idosos, de educação, de direitos da criança e do adolescente, do Programa Bolsa Família, da mulher, da negritude, tutelares) e os diferentes fóruns preocupados com questões sociais as mais diversas.
- Assumir como crucial na ação responsável da Igreja somar esforços e estabelecer parcerias com vistas à transformação da sociedade.
- Trabalhar para que as pessoas se tornem sujeitos de sua própria história e rechaçar toda e qualquer ação que crie e mantenha dependência. Nesse sentido, reafirmar sempre que fazer ação social na igreja não é desenvolver tutela/assistencialismo nem é estratégia proselitista; mas significa tornar possível a autonomia das pessoas e a transformação nas estruturas (libertação integral).²¹⁸

Passando a citar ações concretas, Magali Cunha faz algumas indicações para as quais sugere-se que a Igreja tenha atenção especial e assuma compromisso: Justiça Econômica (Crescimento Sustentável, Fome e Produção de Alimentos); Direito à Terra (Reforma Agrária, Quilombolas, Pequenos Agricultores e Agricultoras); Superação da Violência (Violência Urbana, Tráfico de Drogas, Violência contra Mulher, Criança e Idoso); Direitos Humanos (Infância e Adolescência, Mulher, Idoso, Moradia, Tráfico de Pessoas, Homossexualidade, Racismo, Indígenas, Educação, Presidiários, Trabalhadores e Trabalhadoras); Meio Ambiente (Desmatamento, Trânsito, Reciclagem de Materiais, Água, Aquecimento Global); Mídia (Educação, Influência); Saúde (Bioética, AIDS, Saúde Pública); Metas para o Milênio (conf. Determinação da Organização das Nações Unidas – ONU) como conteúdo da educação.

A Igreja deve trabalhar ao lado de todos os que lutam em favor de um mundo sustentável. Por isso, despretensiosamente é possível indicar que sempre esteja atenta ao atendimento de algumas das propostas do Relatório da Comissão Brundtland.²¹⁹

- Limitação do Crescimento Populacional
- Garantia de recursos básicos (água, alimentos, energia) a longo prazo.
- Preservação da biodiversidade e dos ecossistemas.
- Diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias com uso de fontes energéticas renováveis.

²¹⁸ CUNHA, 2009, p. 137.

²¹⁹ BRUNDTLAND, G. *Nosso futuro comum*. São Paulo: Editora Fundação Getulio Vargas, 1987.

- Aumento da produção industrial nos países não-industrializados com base em tecnologias ecologicamente adaptadas.
- Controle da urbanização desordenada e integração entre campo e cidades menores.
- Atendimento das necessidades básicas (saúde, escola, moradia).

Também ressaltem-se reflexões que podem conduzir a ações. Primeira ênfase: “o diferente não é contrário!” Com esta expressão que, segundo o autor, tornou-se o tema da Semana Bíblica do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos) em 1995, Luis de Souza Cardoso aponta encaminhamento para ações sociais ecumênicas.²²⁰ Pode-se resumir no seguinte: unir-se com diferentes para fortalecer ações que são comuns, facilitam a compreensão pelo povo da proposta que a Igreja faz, após ouvir o próprio povo. A proposta é de aproximação com igrejas cristãs que apresentam propostas e ações semelhantes. É possível alertar para a necessidade de a Igreja Metodista retornar ao convívio com todas as igrejas cristãs que tenham propostas comuns, incluindo a Igreja Católica Romana - ICAR, bem como reassumir seu lugar no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC, de onde, ainda se pensa, não deveria ter saído, pois com estas igrejas há afinidades comuns que não existem com as demais, o que torna impossível a unidade de ação também. E assim encerra Cardoso: É na unidade dos diferentes que se testemunha a unidade do Corpo de Cristo.

Numa segunda ênfase entende-se que é possível motivar a realização de ações para valorizar pessoas que, em muitos lugares – urbanos ou rurais, são consideradas diferentes por vários motivos: limitações físicas, etnias, sexualidade, gênero, classe social, idade e tantos outros. A Igreja não pode, terminantemente, ter a postura de discriminação por qualquer um destes ou outros motivos. Como na parábola do samaritano o conflito de classes afastou o sacerdote e o levita da prestação de serviço ao que estava caído, assim também foi o sentimento de solidariedade do samaritano e a superação desse conflito que o fez ser fraterno com a pessoa caída, isto é, com a pessoa que estava alijada pela sociedade da atenção dos demais, mesmo que estes outros fossem religiosos.

Portanto, a proposta a seguir é de ação em favor de toda pessoa que a sociedade, incluindo-se as religiões, tem desconsiderado, tem deixado caída em seus problemas e dramas. A Igreja precisa abrir canais de efetiva solidariedade, possibilitando trocas de

²²⁰ CARDOSO, Luis de Souza. *Paradigmas neotestamentários para uma pastoral solidária numa sociedade de conflitos*. Gramado, Encontro Regional de Pastores e Pastorais, 05 jun. 1997. Anotações feitas durante palestra proferida por Luis de Souza Cardoso no Encontro Regional de Pastores e Pastorais.

preocupações e esperanças, de dificuldades e de aspirações. A Igreja Metodista tem uma história de serviço social, que vai além do assistencialismo. Por que não estender seus braços em favor dos sofredores, se estes são passíveis de salvação pelo mesmo Deus?

Uma terceira ênfase aponta para uma questão fundamental na vida da Igreja, que é a prática do cuidado: mais do que abrir instituições, é abrir corações e vidas para fazer o que o apóstolo Paulo propõe (I Cor 12.26a), com-partilhar, isto é, abrir espaço para que as pessoas sofredoras encontrem lugar, segurança para partilhar suas alegrias e esperanças. Ter compaixão (*éleos*, em grego) é um sentimento próprio dos seguidores e seguidoras de Jesus: é entrar no sofrimento da outra pessoa, participando de sua dor. A atitude do samaritano na parábola (Lc 10.25-37) foi ter compaixão, o que o levou a “passar perto”, a “ver”. Como afirma Rodolfo Gaede Neto, “o ato de compaixão do samaritano parece pressupor o ver”.²²¹ O sentimento que tomou conta do samaritano foi o verdadeiro “amar ao próximo como a ti mesmo”(Mc 12.31).

Uma quarta ênfase essencial: a Igreja deve estar atenta aos sinais do seu tempo. A Igreja, a humanidade toda, “vive entre dois tempos: ‘tempos de refrigério’ (o ‘ainda não’) e ‘tempos de restauração’ (o ‘já’). Os primeiros pertencem a Deus (é o *kairós* de Deus), todavia os tempos de restauração permitem a participação humana”.²²² E como afirma o teólogo Moltmann, citado por Castro: “nós não somos apenas os intérpretes do futuro: já somos colaboradores do futuro, cuja força, tanto na esperança como na realização, é Deus”.²²³

A proposta é para que a Igreja Metodista esteja aberta e disponível a participar do tempo de Deus em uma sociedade onde prevalece o tempo humano, limitado, com dores, sofrimento. A Igreja não depende dos poderes públicos, mas está inserida em uma sociedade onde pode (e dela se espera) ser a diferença positiva na construção da fraternidade, da igualdade, da justiça, e, acima de tudo, na construção da paz (que é o escatológico “tempo de Deus”).

Como já foi dito acima, a Igreja não pode ser aliada a qualquer tipo de governo, pois todo e qualquer poder humano precisa da isenção da fé para sabiamente ajudar a construir a cidade da utopia da felicidade humana. É o que Castro entende quando escreve que “os ‘tempos de refrigério’ poderão ser desfrutados em sua plenitude, mas, por enquanto, cabe aos

²²¹ GAEDE NETO, 2001, p. 112.

²²² Jürgen MOLTSMANN *apud* CASTRO, 2000, p. 65.

²²³ CASTRO, 2000, p.42.

cristãos e cristãs, como colaboradores de Deus, assumir os projetos de restauração [...]”²²⁴ na solidariedade e no serviço, passando de uma espiritualidade privada e intimista para uma espiritualidade pública onde todos cuidam do que é comum a todos.²²⁵

A seguir, parafraseando um texto citado por Clovis P. de Castro: onde a Igreja (Metodista ou outra) estiver presente, deve ser um lugar privilegiado de inclusão social e de exercício da cidadania com ética. A Igreja deve estar presente onde o sujeito trabalha, tem família, se locomove, consome, constrói suas redes sociais, vive sua cultura. A Igreja precisa estar atenta para o cumprimento de sua missão de restauração de vidas, pois há muitas pessoas caídas à beira dos caminhos de nossa pátria, para as quais cristãos e cristãs metodistas precisam estar atentos e estender suas mãos.

A cidade é o lugar privilegiado de inclusão social imediata e de exercício da cidadania como uma tarefa ética. É na cidade que o sujeito trabalha, tem família, se locomove, consome, constrói suas redes sociais, vive sua cultura? Há, em nossas cidades, muitos que estão ainda à beira do caminho esperando por um ato de restauração.²²⁶

Em sua Oração pela Cidade, Walter Rauschenbusch faz as seguintes súplicas: “dá-nos, nós te pedimos, a raiva justa de cidadãos”.²²⁷ Castro diz que “a ‘raiva justa’ que Rauschenbusch busca em sua oração se traduz em um forte sentimento de indignação que possa levar os cidadãos e cidadãs ao exercício de uma cidadania mais plena, por meio de uma fé cidadã, e não ao conformismo ou à alienação”. Como cristãos e cristãs não têm o direito de permanecerem passivos, há que nutrir-se na utopia da dimensão escatológica, tal como o autor referido quando ora: “dá-nos uma visão de nossa cidade, bela como deverá ser.” É a esperança em “um mundo restaurado pela manifestação da graça de Deus.”²²⁸ E conclui dizendo que esta “é a necessária articulação entre a cidadania ativa e a utopia. Para isso, é sempre preciso acreditar que dias melhores virão.”²²⁹ No mês de junho de 2013, o Brasil “parou”: jovens, mulheres e homens de diversas classes sociais e profissionais saíram às ruas de grandes e pequenas cidades para mostrar sua indignação e sua dificuldade de aceitar incoerências dos governantes por eles eleitos. Estes fatos tornam muito atuais as palavras de Rauschenbusch em

²²⁴ CASTRO, 2000, p. 43.

²²⁵ CASTRO, 2000, p. 43.

²²⁶ CASTRO, Clovis P. de. “Dias melhores virão” – tempos do refrigério e tempos da restauração. In: CASTRO, Clovis P. de et al (org.). *Pastoral urbana: presença pública da Igreja em áreas urbanas*. São Bernardo do Campo: Editeo/Umesp, 2006. p. 33-45, à p. 37.

²²⁷ Walter RAUSCHENBUSCH *apud* CASTRO, 2006, p. 37.

²²⁸ CASTRO, 2006, p.37.

²²⁹ CASTRO, 2006, p.37.

Oração pela Cidade. Junto à população, muitos líderes religiosos, pessoalmente ou através de textos, incluindo diversos metodistas, manifestavam sua solidariedade e de suas igrejas às reivindicações da população.²³⁰

Para Wesley, tanto como para a Igreja hoje, é possível a espiritualidade individual profunda somada ao compromisso social necessário. A seguir, na utopia do Reino, são apresentadas algumas pistas de propostas para a Igreja Metodista na Segunda Região, desafios deixados pelo Bispo Isac Aço:

Proponho algumas pistas para a ação evangelística na Igreja Metodista e particularmente na Segunda Região Eclesiástica:

Quanto à prioridade de uma experiência vital para o engajamento: Absoluta convicção de que o apelo à conversão, a ser “nova criatura” é específico e fundamental do evangelho-boa-nova, novidade de vida, e que devemos ser agentes dessa experiência, a partir da prática de vida e não apenas de conceitos.

Que este apelo deve encontrar caminhos próprios e métodos próprios: Fundamenta-se no amor de Deus e na obra de Jesus Cristo: Deus amou o mundo – e cada pessoa – que deu seu filho unigênito...

Renascer, e “ser nova criatura” acontece pela fé (todo aquele que nele crê...). Há um elemento de decisão pessoal, que tira o indivíduo da sua condição de anonimato, de receptor, para torná-lo participante ativo e responsável.

O ato de fé em Cristo vem pelo “ouvir”, pelo tomar conhecimento. Por isso é próprio da Igreja “falar”, fazer entender o amor de Deus e convidar ao ato de fé em Cristo, a partir de sua prática de vida.

É importante colocar o ato de fé não como um ato isolado, mas como uma resposta ao amor (de Deus) e para o amor (a Deus e ao próximo) e que esta resposta acontece na comunidade-igreja.

O importante é que a pessoa não seja passiva, apenas ouvinte, mas participativa, dialogante, questionadora, até. A evangelização tem que acontecer em clima de diálogo. Veja-se a conversa de Jesus com a Samaritana, ou Felipe com o Eunuco.²³¹

Isto pode acontecer individualmente, ou em pequenos grupos. A participação tem que ser constitutiva do processo de evangelização.

A explicitação ora do sentimento, ora da fé e a experiência da oração/ação por parte do evangelizador e do evangelizado são importantes fatores de crescimento.

A fase de “catecúmeno” pode coincidir com a do “renascer” pela fé, visto que há pessoas que, criadas na Igreja, e outras familiarizadas, cujo caminho para, “ser nova criatura” passa pela decisão de tornar-se membro da Igreja. Esta ocasião não deve resumir-se a um repasse de idéias e doutrinas, mas tornar-se em período rico de práxis ministerial, conhecimento “in loco” dos compromissos da Igreja, contato com os diferentes ministérios e desafios missionários, locais, regionais e nacionais. O(a) candidato(a) à profissão de fé, dentro de uma educação cristã participativa e libertadora, não deve ser alguém a quem se repasse a doutrina, mas alguém que pela inserção na prática da Igreja confirma sua vontade de seguir a Cristo e de

²³⁰ “Manifesto da Pastoral Regional da Mulher da Igreja Metodista na 2ª Região”, da qual sou, atualmente, coordenadora, a propósito dos movimentos populares de junho de 2013. Anexo 3.

²³¹ BARTH, Günther. *Evangelização no Brasil de hoje*. Rio de Janeiro: CEDI, 1982. (provável data de seu Trabalho de Conclusão na Faculdade de Teologia foi o ano de 1982, que deu origem a este livro, editado após seu falecimento em 1983).

concretizar, no serviço, sua fé n'Ele. Por isso o preparo para a Profissão de fé tem que ser o período em que a doutrina é vivida na experiência. O discípulo faz-se enquanto se produzem frutos (Jo 15.8).

Nas zonas rurais, como nas periferias ou no trabalho com crianças empobrecidas, a evangelização é sinônimo de luta pela justiça, compromisso com a vida, boa-nova, que os “coxos andam, os cegos vêem, os surdos ouvem, os leprosos são purificados e os mortos ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” bem aventurado aquele que em mim não se escandalizar” (Lc. 7.23).²³²

E prossegue o Bispo Isac Aço afirmando:

Nosso grande apelo é que essa identificação com Cristo e os mais pequeninos irmãos não seja motivo de escândalo para a igreja tradicional, “estabelecida”, mas desafio de compromisso e ação missionária. A Igreja urbana, ainda que com desafios peculiares, entenderá melhor sua missão, na medida em que responder, também, aos desafios da igreja dos pobres, das crianças, enfim à evangelização como missão global. Escândalo ou bem-aventurança: a identificação de Cristo, e a nossa, com o sofrimento humano e sua superação e redenção, é o “critério” para nossa evangelização. Isto exige profunda conversão.²³³

Quando o Bispo Isac faleceu, em 1991, ficaram muitos questionamentos que nos fazíamos, reciprocamente, nos encontros da Igreja, ainda após muito tempo. Por mais que não se quisesse, eram feitas comparações entre seus sucessores e Isac. Como foi dito no início desta pesquisa, o Bispo Isac não fora apoiado pela unanimidade da Igreja na Segunda Região. Grupos muito poderosos internos procuravam desestabilizar o seu episcopado de forma a criar insegurança e muito desgaste físico e emocional às pessoas e à Igreja. No entanto, atrevo-me a afirmar que a conclusão a que se chega, confirmada ao final deste trabalho, é que seus sucessores, por diversas razões, não deram continuidade ao ministério do Bispo Isac. É permitido, pois, reconhecer que o Metodismo no Rio Grande do Sul ainda hoje padece de uma liderança acessível, forte e coerente capaz de fazer a Igreja Metodista retornar ao “primeiro amor”, ao compromisso emanado dos documentos que ainda vigoram oficialmente, mas não são praticados com a ênfase necessária.

Este capítulo pode ser encerrado com o seguinte desafio de Jesus em resposta, na parábola do homem caído e o samaritano de bom coração, ao homem que o questionou sobre quem é o seu próximo: “Pois vá e faça a mesma coisa (Lc 10.37).”

²³² AÇO, Isac Alberto Rodrigues. *Evangelização: Desafios e Possibilidades. [carta enviada à Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista]*. Porto Alegre, [s.d.] out. 1990, arquivo pessoal, 9 p, p. 8s.. Texto esparso enviado pelo Bispo Isac Aço para a Igreja Metodista na Segunda Região, em outubro de 1990, 5 meses antes de seu falecimento, em março de 1991.

²³³ AÇO, 1990, p. 9.

CONCLUSÃO

A questão da teoria e da prática de qualquer regramento que a sociedade impõe, suscita uma decisão sobre o que fazer, como fazer, quando fazer e para que fazer, entre outros questionamentos. Assim é com o assunto Doutrina Social da Igreja Metodista.²³⁴ Certamente, há muitas pessoas das igrejas (comunidades) locais metodistas que pouco sabem ou nada sabem sobre esta doutrina. A fundamentação e o histórico da Doutrina Social metodista foi objeto do primeiro capítulo da presente dissertação.

Afinal, o que é doutrina social? Para que serve? Quando e como “fazer” a doutrina (social) se transformar em ação (social)? São perguntas incômodas, mas que devem ser feitas sempre. A busca de respostas a estas questões foi objeto do desenvolvimento deste trabalho, especialmente no segundo capítulo. Com relação à diferença entre a teoria e a prática, os relatórios episcopais aos concílios regionais delimitados aos anos 1990-2011, pesquisados para este trabalho, bem como outros, de outras instâncias, revelam que não tem sido fácil aliar uma a outra, na questão social, na Igreja Metodista, particularmente na Segunda Região Eclesiástica. Apresenta-se a indispensável pergunta: é cabível ação social independente de evangelização?

É lógico que não. Ou melhor, por razões bíblicas, históricas e teológicas, a Igreja não pode separar uma da outra. Evangelizar sem ação social é como preparar um bolo e não levá-lo ao forno para assar. Realizar ação social sem evangelização é como fazer um bolo, não colocar fermento, e esperar que ele vá crescer. Tanto um como outro pode dar algum resultado, mas certamente nunca será um bolo, que possa cumprir com seu objetivo de alimentar ou saciar a fome ou alegrar uma festa.

Há uma frase que afirma: “o testemunho é o primeiro meio de evangelização.” Para o cristianismo, o testemunho tem a ver diretamente com o modo de vida em sociedade. As estatísticas revelam que o número de seguidores do cristianismo está diminuindo, está perdendo força no mundo atual. Os evangelhos são claros: a comunidade cristã não tem um fim em si mesma, existe para a missão²³⁵ (Mc.3.14), para o anúncio e proclamação da Boa Notícia (Mt.28.19). Mas suas palavras serão ouvidas e seguidas se o seu agir (testemunho) for coerente com seu discurso. O anúncio do Evangelho tem a ver essencialmente com o *modus*

²³⁴ IGREJA METODISTA, 2012, p. 30s (art. 4º, par. 2º).

²³⁵ “A missão da Igreja Metodista é participar da ação de Deus no Seu propósito de salvar o mundo.” CÂNONES DA IGREJA METODISTA, 2012, p. 30.

vivendi dos discípulos e discípulas de Jesus. O testemunho não é uma opção. É obrigação de quem segue a Jesus. A conversão implica em compromisso com o ensinamento bíblico e com Deus, o autor da *metanoia* (mudança de mentalidade, mudança de rumo). Em não havendo testemunho coerente com o discurso, não haverá Igreja. Mas cremos que Igreja também é criatura da palavra de Deus e pode existir para além do testemunho dos crentes. Caso contrário, será nada ou, no máximo, um grupo social como qualquer clube ou agremiação.

Manter este vínculo é o que se percebe como algo muito difícil na história da Igreja. E os relatórios objeto deste trabalho não são exceção. Revelam dificuldade não somente dos bispos, mas da Igreja como um todo, para solucionar este dilema. No entanto, a Igreja tem à sua disposição muitos caminhos para que possa ser “sal na terra e luz no mundo” (Mt 5.13-14, Mc 9.50, Lc 14.34-35). No capítulo terceiro, procede-se à indicação de possíveis e adequadas alternativas, algumas já em execução pela Igreja e por outras organizações, que podem vir a ser também instrumentos de realização da missão da Igreja.

Portanto, está colocado o desafio. Para realizá-lo é preciso que os integrantes da Igreja, clérigos/clérigas e leigos/leigas disponham-se a agir, em primeiro lugar, com humildade, característica primeira de Jesus, o Cristo (o Ungido do Pai – Lc 3.21-22; Mt 3.13-17; Mc 1.9-11.), e buscar no exemplo do Mestre o modo de viver para *servir* (e não ser servido – Mc 10.45; Mt 20.28.), de ser uma *igreja samaritana* (que vê e age em favor de quem está caído à beira da vida – Lc 10.25-38), de ser *profeta* (que fala destemidamente – Lc 2.41ss.) diante de quem detém poderes, de *mártir da fé* (que vive em meio aos que sofrem, como tantos homens e mulheres que a história nos revela), despindo-se de vaidades e de orgulho, que não podem ser características de cristãos e cristãs.

Wesley apregoou que a Igreja age missionariamente quando pratica atos de piedade (jejum, oração, leitura da Bíblia) e atos (obras) de misericórdia (que é o socorro aos necessitados e a voz na sua defesa). A Igreja conhece estas palavras que são muito adequadas para os termos conclusivos deste trabalho. Como disse certa vez o professor Ely Eser B. César: “Não existe autêntico amor a Deus onde não haja ações provocadas por um coração misericordioso. Não há fé sem obras. Não há amor a Deus sem amor ao próximo.”²³⁶ A continuidade da história do metodismo brasileiro, mas particularmente em solo gaúcho, está nas mãos de homens e mulheres orientados pelo Espírito Santo, que estejam dispostos a enfrentar todas as forças antagônicas a esta história. Influências estranhas ao metodismo

²³⁶ IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Pérola Metodista* - 30 anos do Plano para a Vida e Missão. Disponível em: <<http://2re.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=10013>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

podem ser afastadas se nós, cristãos e cristãs metodistas, buscarmos a radicalidade da santidade e da perfeição cristãs, mas, como Wesley, unindo atos de piedade com obras de misericórdia.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

AÇO, Isac Alberto Rodrigues. Evangelização: Desafios e Possibilidades. [*carta enviada à Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista*]. Porto Alegre, [s.d.] out. 1990, arquivo pessoal, 9 p.

AÇO, Isac Alberto Rodrigues. Relatório do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço ao XXIX Concílio Regional Referente ao Biênio 88/89. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, registros e Documentos do XXIX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1990. p. 49-64.

BARBIERI, Sante Uberto. *Aspectos do metodismo histórico*. Piracicaba: UNIMEP, 1983.

BARTH, Günther. *Evangelização no Brasil de hoje*. Rio de Janeiro: CEDI- Programa de Assessoria à Pastoral Protestante, 1982.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – Ética do Humano – Compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRUNDTLAND, G. *Nosso futuro comum*. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, 1987.

BURTNER; Chiles. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1960.

CARDOSO, Luis de Souza. *Paradigmas neotestamentários para uma pastoral solidária numa sociedade de conflitos*. Gramado, Encontro Regional de Pastores e Pastoras, 05 jun. 1997. Anotações feitas durante palestra proferida por Luis de Souza Cardoso no Encontro Regional de Pastores e Pastoras.

CASTRO, Clovis Pinto de. “Dias melhores virão” – tempos do refrigério e tempos da restauração. In: CASTRO, Clovis P. de et al (org.). *Pastoral urbana: presença pública da Igreja em áreas urbanas*. São Bernardo do Campo: Editeo/Umesp, 2006. p. 33-45.

CASTRO, Clovis Pinto de. Viver na Dimensão do Cuidado. A relação entre santidade social e a vocação pública do metodismo. *Revista Caminhando*, UMESP, v. 8, n. 2, 2003. p. 272-286.

CASTRO, Clovis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento. *Forjando uma nova igreja: dons e ministérios em debate*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2001.

CASTRO, Clovis Pinto de. *Por uma fé cidadã – a dimensão pública da Igreja*. São Paulo e São Bernardo do Campo: Edições Loyola e Editora da UMESP, 2000.

COLÉGIO EPISCOPAL. *Ritual da Igreja Metodista*. Ritos de Admissão ao Presbiterado e de Consagração ao Episcopado. São Paulo: Cedro, 2001.

CONCÍLIO REGIONAL DA 2ª REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA, 30º, 1992. *Atas, registros e Documentos do XXX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1992.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Methodist Church in Brazil*. Disponível em: <<http://www.oikoumene.org/en/member-churches/methodist-church-in-brazil>>. Acesso em: 13 mai. 2013.

CUNHA, Magali N. O Credo Social e a Demanda por Responsabilidade Social Cristã na Contemporaneidade. In: RENDERS, Helmut (Org.). *Sal da Terra, Luz do Mundo-100 anos do Credo Social Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009. p. 129-141.

CUNHA, Magali. *Contra todo silenciamento e esquecimento – Memória de uma experiência de contra-informação religiosa*. Disponível em: <www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/MagaliNascimentoCunha>. Acesso em: 26 mai. 2013

DOMINGOS, Rozalino. Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXIV Concílio Regional Referente ao Biênio 98/99. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXIV Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2000. p. 37-42.

DOMINGOS, Rozalino. Relatório do Bispo Rozalino Domingos ao XXXV Concílio Regional Referente ao Biênio 2000/2001. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXV Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2002. p. 60-68.

FRANCIS, Ensley G. *João Wesley: o evangelista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1960.

GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, São Paulo: Paulus, 2001.

GARIN, Norberto da Cunha. Isac Aço (1935-1991). In: SINNER, Rudolf et al.(Orgs.) *Vidas Ecumênicas*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Padre Reus, 2006. p. 11-24.

GARIN, Norberto da Cunha. *O pensamento teológico de Isac Alberto Rodrigues Aço na perspectiva de Reino de Deus e missão: uma contribuição para a reflexão teológica e a prática pastoral da Igreja Metodista*. Tese (Doutorado em teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.

GONZÁLEZ, Justo L. (ed.). *Obras de Wesley*. Franklin: Providence House Publishers, 1996-1998. 2 v.

HEITZENRATER, Richard P. *Wesley e o povo chamado metodista*. São Bernardo do Campo/Rio de Janeiro: Editeo /Pastoral do Bennet, 1996.

HINSON, William J. *A dinâmica do pensamento de João Wesley*. São Paulo: Imprensa Metodista, s.d.

IGREJA METODISTA. *Admissão ao Presbiterado*. Ritual da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2001.

IGREJA METODISTA. *Cânones da Igreja Metodista 2012-2016*. São Paulo: Igreja Metodista, 2012. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/documentos/oficiais>>. Acesso em: 12 set. 2012.

IGREJA METODISTA. Colégio Episcopal. *Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1996.

IGREJA METODISTA. Documentos oficiais. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=4497>>. Acesso em: 14 mai. 2103.

IGREJA METODISTA. *Plano Quadrienal 1975-1978*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1974.

IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Pérola Metodista - 30 anos do Plano para a Vida e Missão*. Disponível em: <<http://2re.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=10013>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

JAIME, Eduardo Mena Barreto. *História do metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Própria, 1963.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Estruturas teológicas e ênfases em John Wesley. In: REILY, Duncan Alexander et al. *Teologia em Perspectiva Wesleyana*. São Paulo: Editeo, 2005. p. 25-36.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Qual o sentido de “social” na “religião social” de John Wesley? In: RENDERS, Helmut et al. (Org.). *Sal da Terra, Luz do Mundo – 100 anos do Credo Social Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009. p. 47-64.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Testemunha ocular. *Jornal Expositor Cristão*, São Paulo, julho de 2012, p. 16-17. Entrevista concedida a Marcelo Ramiro.

LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1968.

LOCKMANN, Paulo Tarso de Oliveira. Wesley e os Pobres. *Revista Caminhando: 300 anos de Wesley*, UESP, ano VIII, n. 12, 2º semestre de 2003. p. 46-54.

LUTERO, Martin. *Da liberdade cristã*. Trad. Walter Altmann. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

MATTOS, Paulo Ayres. A relevante queda do crescimento evangélico revelado pelo Censo 2010. *IHU online*. São Leopoldo, 17 ago. 2012. Entrevista ao site do Instituto Humanitas da Unisinos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512443-a-religiao-tambem-sofreu-um-processo-de-privatizacao-entrevista-especial-com-paulo-ayres-mattos>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MESTERS, Carlos. Como se faz Teologia hoje no Brasil. *Estudos Bíblicos*, v. 1, n. 1, 1984. p. 7-19

MORAES, Stanley da Silva. Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXI Concílio Regional Referente ao Biênio 92/93. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXI Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1994. p. 33- 49.

MORAES, Stanley da Silva. Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXII Concílio Regional Referente ao Biênio 94/95. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1996. p. 36-65.

MORAES, Stanley da Silva. Relatório do Bispo Stanley da Silva Moraes ao XXXIII Concílio Regional Referente ao Biênio 96/97. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXIII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1998. p. 42-57.

MORAES, Stanley da Silva. Uma Igreja que tem coragem de definir sua identidade. *Revista de Educação do Cogeime*, ano 12, n. 23, p. 45-60, dez. 2003. Disponível: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0423.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2013.

RAUSCHENBUSCH, Walter. *A theology for the Social Gospel*. New York: Abingdon Press, 1917.

REILY, Duncan Alexander. *História, metodismo e libertações: Ensaio*. São Paulo: Editeo, 1990.

REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo*. São Paulo: ASTE, 2003. p. 99-113.

REIMER, Haroldo. Profetismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 813-816.

RELATÓRIO dos presidentes da Segunda Região Eclesiástica ao XXX Concílio Regional Referente ao Biênio 90/91. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, registros e Documentos do XXX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 1992. p. 49-58.

RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo Andou*. Série Teologia Wesleyana Brasileira. 2. ed. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo, 2011.

RENDERS, Helmut et al. (Orgs.). *As igrejas e as mudanças sociais: 50 anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: ASTE, 2012.

RENDERS, Helmut. Evangelho Social. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al.(Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 410-412.

RENDERS, Helmut. Credo e Compromisso: sobre o uso litúrgico e a designação do “Credo” Social da Igreja Metodista. *Revista Caminhando*, UMESP, n. 11, v. 8, p. 51-73.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. Teologia da Libertação. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo, SP: ASTE, 2008. p. 962-965.

ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio ao XXXVI Concílio Regional referente ao biênio 2002-2003. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXVI Concílio Regional da Igreja Metodista*. Santa Maria, 2003.

ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVII Concílio Regional Referente ao Biênio 2004/2005. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXVII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2005.

ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXVIII Concílio Regional Referente ao Biênio 2006/2007. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXVIII Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2007. p. 41-57.

ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XXXIX Concílio Regional Referente ao Biênio 2008/2009. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas, Registros e Documentos do XXXIX Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2009. p. 42-56.

ROSA, Luiz Vergílio Batista da. Relatório do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa ao XL Concílio Regional Referente ao Biênio 2010/2011. In: IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas e Documentos do XL Concílio Regional da Igreja Metodista*. Porto Alegre, 2011. p. 1-21 (ainda não impresso).

SOUZA, José Carlos de. Um Modo de Fazer Teologia Equilibrado, Dinâmico e Vital. In: REILY, Duncan Alexander et al. *Teologia em Perspectiva Wesleyana*. São Paulo: Editeo, 2005. p. 13-23.

STOKES, Mack B. *As Crenças Fundamentais dos Metodistas*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992. Capítulo XI, p. 73-79.

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. Centro de Estudos Wesleyanos: Sermões. Disponível em: <www.metodista.br/cew/acervo/john-wesley/>. Acesso em: 25 mai. 2013.

HINSON, William J. *A dinâmica do pensamento de João Wesley*. São Paulo: Imprensa Metodista, s.d.

WESLEY, John. *Sermões*. v. 2. Trad. Nicodemus Nunes. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

WESLEY, John. *Trechos do Diário de João Wesley*. Paulo Eugene Buyers (trad.). São Paulo: Imprensa Metodista, 1965.

WESLEY, John. *Sermões*. v.1. Trad. Nicodemus Nunes. São Paulo: Imprensa Metodista, 1953.

ANEXOS

ANEXO 1

1 Oração pela Cidade, de Walter Rauschenbusch: “Ó Deus, oramos pela cidade que amamos e da qual nos orgulhamos. Alegramo-nos com sua beleza e seu comércio, suas lojas e suas fábricas, seus mercados e suas feiras – onde todos se juntam a trabalhar; e com seus lares – onde as pessoas se encontram para o repouso e o amor.

Ajuda-nos a fazer com que a nossa cidade seja a oficina comum do nosso povo, onde cada um poderá achar seu lugar e sua missão para assim construir diariamente sua vida, dando com suas mãos e sua mente aquilo que de melhor tem.

Ajuda-nos também a fazer de nossa cidade o grande lar do nosso povo, onde todos poderão viver suas vidas com conforto, sem medo, em paz e amando uns aos outros. Une nossos cidadãos não só pelo elo do dinheiro e do lucro, mas também pela boa vontade comunitária, pela emoção de alegrias comuns, e com o orgulho de seus bens comuns. Quando formos traçar as metas grandiosas para o futuro de nossa cidade, permite que lembremos sempre que a sua verdadeira riqueza e grandeza consistem não só na abundância daquilo que possuímos, mas também na justiça das instituições e na irmandade dos que nela habitam. Torna-a rica com seus filhos e filhas e que fique famosa através das paixões grandiosas que os inspiram.

Somos-te gratos pelos homens e mulheres do passado que, pela sua generosa devoção ao bem comum, foram os pilares de nossa cidade. Permite que nossa geração possa continuar dignamente a construir sobre os fundamentos que eles lançaram. Se, no passado, houve quem tivesse se enriquecido pela apropriação indevida dos bens públicos, manchando assim a honra da cidade por causa de sua ganância, dá-nos, nós te pedimos, a raiva justa de cidadãos, para que possamos expurgar essa vergonha e ela não venha a macular os anos futuros. Dá-nos uma visão de nossa cidade, bela como deverá ser: cidade onde impere justiça, onde um não será vítima de outro; cidade de abundância, onde o vício e a pobreza não mais existirão; cidade fraterna, onde os empreendimentos terão como fundamento o serviço ao povo e as honras serão dadas somente aos que são realmente merecedores delas; uma cidade pacífica, onde a ordem não reinará pela força, e sim pelo amor de todos pela cidade, que é a grande mãe da comunidade. Escuta, ó Deus, as orações silenciosas de todos os nossos corações, enquanto devotamos nosso tempo, forças e pensamentos para que chegue logo o dia em que ela se tornará bela e justa. Amém.”

Oração encontrada em CASTRO, Clovis P. de. “Dias melhores virão” – tempos do refrigério e tempos da restauração. In: CASTRO, Clovis P. de et al (org.). *Pastoral urbana: presença pública da Igreja em áreas urbanas*. São Bernardo do Campo: Editeo/Umesp, 2006. p. 33-45, à p. 35. Esta oração foi escrita em 1910. Diz Clovis a respeito da significação deste poema: “Assim como Jesus chorou diante de Jerusalém, ele (Rauschenbusch) também “chorou” diante da situação de sua cidade.”

CREDO SOCIAL DA IGREJA METODISTA DO BRASIL — 1960*

I. NOSSA HERANÇA

A Igreja Metodista do Brasil, organizada como igreja autônoma em 1930, e vinculada ao Metodismo universal por suas relações fraternais e de ordem estrutural estabelecidas nos Cânones, está profundamente interessada no bem-estar social do povo brasileiro. Este seu interesse tem base nos evangelhos, nas obras de João Wesley o organizador da Igreja Metodista e na tradição metodista que tem sido mantida secularmente em todo o mundo.

A Igreja Metodista do Brasil neste momento histórico por que passa a pátria brasileira, reafirma sua posição tradicional, como guardiã das liberdades humanas e da ordem social e econômica, de acordo com os princípios cristãos.

Outrossim, concita a todos os seus adeptos a colocar toda sua vida, suas atividades, suas posses e suas relações de conformidade com a vontade de Deus.

II. BASE TEOLÓGICA

A Igreja Metodista do Brasil encara a complexidade dos problemas hodiernos de acordo com o espírito do ensino de Jesus. Ele nos ordena a amar ao próximo como a nós mesmos. Esta ordem nos impõe a busca da justiça para o nosso próximo. Silenciar, pois, em face das necessidades, da injustiça e da exploração é negar a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Creemos que Deus é Pai de toda a raça humana, que Jesus Cristo é Seu Unigênito Filho e que os homens são todos irmãos.

Creemos que o homem é de valor infinito como filho de Deus.

Creemos que 'ao Senhor pertence a terra e a sua plenitude' e, portanto, nossas capacidades, nossos bens, nossos talentos, tudo que possuímos, vem do Criador e deve ser usado para o serviço de Deus.

Creemos que a comunidade cristã é essencial para o desenvolvimento da pessoa humana, em sua plenitude.

Creemos que o pecado, tanto individual como coletivo está sob o julgamento divino e que a graça de Deus é suficiente para a redenção da vida

* IGREJA METODISTA DO BRASIL. *Atas, registros e documentos do VII Concílio Geral*. De 10 a 20 de julho de 1960. Instituto Granbery (Juiz de Fora, MG). São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1960, p. 105-169.

humana, em todos os seus aspectos quando buscamos em penitência e fé realizar a vontade de Deus.

Creemos no valor real das pessoas aos olhos de Deus e que assim devemos nós encará-las.

Julgamos as instituições e suas práticas pela maneira como influem elas na pessoa humana. Existe opressão em muitos setores da nossa sociedade. Nosso propósito é a emancipação dos oprimidos e a busca dos meios de enriquecimento e redenção da humanidade. Aceitando o princípio bíblico que Jesus morreu para a redenção do homem, cremos que é nosso dever viver para ajudá-lo a libertar-se do pecado e de tudo que o possa prejudicar ou destruir. Em virtude dos princípios acima enumerados, a Igreja Metodista do Brasil assim se expressa:

III. ORDEM POLÍTICO-SOCIAL ECONÔMICA

A Igreja Metodista do Brasil não identifica o cristianismo com nenhum sistema político-social e econômico. Julgamos o conteúdo e os métodos de qualquer sistema, segundo o Evangelho, de acordo com o espírito do ensino de Jesus.

Acreditamos que é dever da Igreja não somente salvar o indivíduo, mas contribuir para que a sociedade em que ele vive seja dirigida e orientada pelos princípios cristãos.

A sociedade brasileira está se caracterizando cada vez mais pela vida industrial e urbana. A cidade é um centro poderoso para o bem ou para o mal e suas populações mutáveis necessitam de orientação cristã e do poder curativo da religião.

Por outro lado, o Brasil pela sua vasta extensão territorial inexplorada não pode ignorar a importância da zona rural como fonte de riqueza e produção. Para o campo voltam às vistas os órgãos governamentais e para ele a Igreja Metodista deve atentar.

Como pleno reconhecimento da nossa mordomia perante Deus e da responsabilidade a Ele devida, somos a favor da aquisição de propriedade para uso próprio, por processos cristãos.

A família moderna está lutando com grandes dificuldades: tensões criadas pela situação mundial. Habitação inadequada. Desmembramento devido às rápidas transformações no organismo social e influência maléfica da maioria sobre as crianças e a juventude. O resultado de tudo isto se evidencia no aumento do número de lares desfeitos, de desquites, de delinquência juvenil, de desajustados de toda classe e da frouxidão dos costumes. É somente quando a família cumpre suas mais elevadas funções e é realmente cristã que seus membros podem sobrepor-se a todas as dificuldades e ajudar a afastar as ameaças que pesam sobre os lares. A família cristã é aquela em que os pais

vivem a vida cristã e praticam a presença de Deus de tal maneira que os filhos, normalmente aceitam a Deus como a suprema realidade da vida.

Julgamos que todo o adulto deve ocupar-se, na medida de sua capacidade, em alguma atividade produtiva para o bem-estar coletivo. Qualquer que seja o ramo de sua atividade ele a deve encarar como um *chamado* de Cristo e seu trabalho diário, a esfera de seus serviços prestados a Deus, através do próximo, contribuindo deste modo para o avanço do Reino de Deus.

As raças foram criadas por Deus para melhor adaptação do homem ao meio ambiente. Constitui pois, grave ofensa ao espírito criador de Deus todo o qualquer preconceito de raça.

Consideramos contrários ao princípio cristão o conceito de salário em que as famílias dos operários e demais trabalhadores possam satisfazer apenas os requisitos mínimos de subsistência. Os direitos do homem, como criatura de Deus feita à sua imagem e semelhança vão muito além desse nível.

Os metodistas brasileiros na mais alta consciência de seus deveres para o próximo lutarão para que se dê aos trabalhadores um salário justo, compatível com a dignidade humana.

Propugnamos, pois, pelo seguinte:

1. Direitos iguais e justiça rápida e econômica para todos os homens.
2. Proteção do indivíduo família pelo estabelecimento de padrões de moral elevada a ser exigida tanto do homem como da mulher.
3. Educação cristã e orientação da juventude para as responsabilidades do matrimônio, exercício da paternidade e administração do lar.
4. Exigência de exame pré-nupcial.
5. Legislação civil que vise a solução do problema dos lares desfeitos pelo desquite - e a moralização da vida social em face dos casos de segundas uniões ilegais.
6. Provisão de habitação adequada para todas as famílias, tanto nos perímetros urbanos como rurais.
7. Regulamentação e proteção do trabalho da mulher, especialmente da mulher mãe, e providência social que lhe assegure proteção física, social e moral.
8. Abolição do emprego de menores em condições que prejudiquem seu desenvolvimento normal e sua educação espiritual, física, intelectual e moral.
9. Proteção da criança e dos adultos de enfermidades, da subnutrição, de hábitos e vícios que atentam contra sua saúde.
10. Regulamentação do trabalho, e direito de todos os homens a uma oportunidade de manutenção própria.
11. Proteção do operário contra toda usurpação e exploração injusta e acidentadas do trabalho.

12. Descanso semanal e ajustamento razoável das horas de trabalho.
13. A santificação do Domingo.
14. Salário que garanta a subsistência do trabalhador rural e urbano e de suas famílias, em circunstâncias que assegurem a dignidade da pessoa humana.
15. Previdência social que assegure ao homem uma aposentadoria condizente com suas necessidades reais e proteja o trabalhador em caso de acidente ou falta de trabalho.
16. Direito de patrões e empregados se organizarem para ação social coletiva, a fim de facilitar os meios de conciliação e arbitragem em casos de disputas.
17. Direito de greve como intangível, devendo os operários em greve ser amparados em suas necessidades. Também os operários devem ser orientados a fim de não exercerem esse direito ilegítimamente.
18. Dever de patrões e empregados trabalharem pelo bem-estar público.
19. Um programa educativo que leve o homem do campo à consciência de suas relações com Deus, como o solo e com todas as riquezas naturais, bem como à consciência de seus deveres para com a família, a Igreja e o bem-estar da comunidade.
20. Melhor distribuição das terras agricultáveis e contra toda a forma de exploração do trabalhador rural.
21. Extensão à família do lavrador todas as oportunidades educacionais e assistência necessárias ao seu bem-estar moral e material.
22. Direito da propriedade privada sem o comprometimento com acúmulo de riquezas que não sejam usados para o bem da comunidade.
23. Legislação e providências governamentais combinado com o esforço dos cristãos no sentido de aliviar o sofrimento humano; prover assistência ao necessitado e buscar, por todos os meios cristãos, a extinção do desemprego, da vadiagem e das condições que levam à pobreza e à miséria.

IV. MALES SOCIAIS

Males Sociais são os diferentes vícios e as manifestações do erro, da ignorância, do pecado, que deturpam a personalidade, arruinam a vida e trazem mal-estar pra a comunidade.

A Igreja Metodista do Brasil sempre se opôs a eles, combatendo-os veementemente: pela palavra falada e escrita, pelas atitudes e ações. A abstinência e a posição histórica de nossa igreja.

Não se coadunam, pois, com o sistema de vida que pregamos e vivemos: o alcoolismo, tabaquismo, os narcóticos de qualquer natureza, assim também a prostituição, a má literatura, o jogo de azar, a guerra e a pena de morte e tudo mais que destoa, de acordo com espírito do ensino de Jesus.

No tratamento dos males sociais temos por norma: combater tenazmente o mal e amar profundamente o ser humano atingido por ele, propiciando-lhe os meios de redenção e recuperação. Visando o bem-estar individual e social propugnamos, pois, pelo seguinte:

1. Combate tenaz e decidido aos vícios causados por tóxicos e narcóticos que envenenam o homem e males que corrompem a sociedade.
 - a. ao alcoolismo que tira completamente o homem do raciocínio normal e avilta sua personalidade.
 - b. ao tabaquismo que se torna dia a dia um vício grandemente danificador, tanto que invade praticamente todas as idades do homem e da mulher.
 - c. Aos narcóticos que viciam o homem, incapacitando-o para a realização de uma vida normal na sociedade.
 - d. À prostituição que é desrespeito e verdadeiro insulto à dignidade humana, de acordo com o espírito do ensino de Jesus.
 - e. À má literatura que através de linguagem imprópria e argumentos falsos traz influências negativas, notadamente para a infância e a juventude.
 - f. Aos maus programas de cinema, radio e televisão, pelos prejuízos morais causados ao individuo e a sociedade.
 - g. Ao jogo que é o mais triste retrato de uma sociedade em desintegração pelo alheamento aos valores que lhe garantem estabilidade e progresso.
 - h. À guerra como solução inadequada aos problemas humanos, de acordo com o espírito do ensino de Jesus.
 - i. Repúdio incondicional a toda espécie de preconceito racial e religioso.
2. Apoio decidido ao esforço educacional que se fizer, com o objetivo de:
 - a. pregar a abstinência como norma de conduta e dar instrução sobre os efeitos dos vícios e males sociais.
 - b. Estudar as causas dos males sociais, removendo-as para combatê-las.
 - c. Ensinar que a pureza do corpo e do espírito, de acordo com a ética do ensino de Jesus, é sistema de vida próprio dos seus seguidores.
 - d. Proclamar a grande necessidade de redimir, de amar e salvar especialmente aqueles que andam desgarrados como ovelhas sem pastor, vítimas das diferentes manifestações dos males sociais.
 - e. Expor as vantagens da boa literatura, do bom cinema e do bom rádio e boa televisão como agentes poderosos na formação do caráter e da conduta em sociedade.
 - f. Promover por todos os meios ao alcance uma educação que de respeito e decoro pessoal ao espírito de compreensão e bem-estar social

V. RESPONSABILIDADES CIVIS

Como indivíduos, pertencemos a uma sociedade organizada que se rege por leis civis. Nesta sociedade devemos estar habilitados para o cumprimento dos nossos deveres e o exercício dos direitos no uso dos privilégios que se nos oferecem.

A Igreja Metodista do Brasil instrui os seus membros no sentido de serem elementos integrados na vida nacional, onde devem levar a contribuição do Evangelho de Jesus Cristo.

Como Igreja propugnamos, pois, pelo seguinte:

1. Liberdade de imprensa e de credo político e religioso, como direitos que assistem ao ser humano grupado em sociedade, sempre que esta liberdade não fira direitos alheios, não cause mal-estar coletivo, de acordo com o espírito do ensino de Jesus.
2. Exercício do voto dentro dos padrões de ética de Cristo.
3. Patriotismo sadio e construtivo como filosofia política, visando o desenvolvimento da vida do País, salvaguardando o espírito de boa vizinhança que deve fazer com que vejamos os seres humanos como uma si família e a cooperação com instituições de âmbito internacional apoiadas nos postulados cristãos de liberdade, igualdade e fraternidade.

VI. ECUMENISMO

A Igreja Metodista do Brasil é uma em sua natureza essencial. Cremos que esta unidade essencial deve se refletir na sua estrutura.

O metodismo sempre se caracterizou pelo espírito ecumênico, pela tolerância e respeito à opinião alheia. A Igreja participa ativamente dos movimentos de cooperação interdenominacional. Em alguns países a Igreja Metodista já encontrou o caminho para tomar parte em programas de união que resultaram na formação, com outras igrejas cristãs, da Igreja Unida do Canadá, a Igreja Unida do Japão e da Igreja Cristã do Sul da Índia.

A Igreja Metodista do Brasil é parte integrante do Conselho Mundial de Igrejas.

Seu fundador João Wesley tinha uma visão universal da obra da Igreja quando disse: "A minha paróquia é o mundo". Ele mesmo considerava todos os crentes como irmãos e por isto dizia: "Se teu coração é reto perante Deus como é o meu coração, dá-me a tua mão, somos irmãos".

O ecumenismo não somente manifesta a unidade da Igreja, mas é a prova da fraternidade dos crentes e seu testemunho de fé perante o mundo. Com esta atitude responde a Igreja à oração sacerdotal de Jesus, quando disse: "que eles sejam um... para que o mundo creia que tu me enviaste".

Em vista do exposto propugnamos pelo seguinte:

1. Estreitamento dos laços de amizade com as denominações irmãs, através da troca de informações, encontro com líderes e participação nos movimentos especiais de confraternização.
2. Promoção de trabalhos em conjunto nos setores social, educativo e evangelístico.

VII. PROCLAMAÇÃO – ORDEM

O VIII Concílio Geral que aprovou este Credo Social ordena que o mesmo seja apresentado às igrejas, pelos pastores, ao menos uma vez por ano, oralmente ou em forma impressa. Que em cada igreja se organize uma classe de estudos do Credo Social e que os metodistas se esforcem para por em pratica os princípios e sugestões nele exarados. Que ministros da Igreja Metodista por palavras e atos prestigiem a expressão da Igreja contida neste credo e sejam eles mesmos a encarnação destes princípios em suas paróquias.

MENSAGEM ÀS MULHERES METODISTAS GAÚCHAS

(e a todas que lerem este texto)

Estamos vivendo um novo tempo em nosso país. Os fatos ocorridos em diversas cidades brasileiras nos últimos dias fazem lembrar nossa história de mobilização nacional como instrumento de mudança social.

As histórias do cristianismo e do próprio metodismo nos dão o devido suporte e encorajamento para usarmos nossa vida, nossas vozes, nossas mãos em favor do que é justo e do que é direito. O ministério de Jesus foi pela valorização, inclusão e salvação de pessoas ignoradas e desamparadas pela sociedade de sua época, sem razão para viver. Sem qualquer discriminação e preconceito, Jesus anuncia um tempo novo (Reino de Deus) em que o amor, a justiça, a salvação, a esperança são para todas as pessoas. Também a história do metodismo nos revela João Wesley e seu grupo de seguidores que incluía mulheres e homens, cujo ministério visava transformar a sociedade inglesa e sua igreja oficial, atrelada ao poder e alienada da realidade sofridora do seu povo. Escravidão, tráfico humano, maus tratos aos trabalhadores, abandono de crianças e velhos, doenças, educação precária: esta era a sociedade que ele queria transformar, pois entendia ser este o chamado que Deus lhe fazia.

Sem preocupação com cores partidárias ou ideológicas, não podemos virar as costas ao que está acontecendo em nosso país nos últimos dias. Também não é o momento para juízo de valores.

Todas as reivindicações justas e a favor do bem estar da população devem ser apoiadas. O movimento popular que está ocorrendo envolve pessoas de diversas classes sociais e de todas as idades. A Igreja apoia a justa reivindicação: por transporte adequado à necessidade da população, o devido uso do erário pelo poder público de todos os níveis, a rejeição pelo Congresso Nacional da PEC – 37 que propõe retirar do Ministério Público a competência para investigação de todos os tipos de crimes, uma educação realmente de qualidade para todas as crianças e adolescentes, saúde adequada e efetiva, combate à violência doméstica à mulher, à criança e à pessoa idosa, entre tantas outras necessidades de mudança.

A Pastoral Regional da Mulher da Igreja Metodista conclama as mulheres metodistas gaúchas a condenarem tudo o que esteja degradando a vida humana e o meio ambiente. Nossa fé cristã não permite que fiquemos caladas. Sejam comprometidas com o anúncio da vontade de Deus e participemos da construção de uma vida justa e digna a todas as pessoas, principalmente aquelas que mais sofrem injustiças. Não nos acomodemos. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31)

“O que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia...” (Miquéias 6.8)

Brasil, RS, junho de 2013.

*Revda. Mára Aparecida de Freitas
Pastoral Regional Metodista da Mulher – 2ª Região Eclesiástica*

ATENÇÃO: No dia 25/06/13, graças à mobilização popular dos últimos dias, foi rejeitada por ampla maioria da Câmara Federal a Proposta de Emenda à Constituição nº 37. Também os governos estão se mobilizando. Fiquemos atentas às decisões que forem tomadas. A Igreja deve agir profeticamente.